



**FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAI CIMATEC  
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM MODELAGEM  
COMPUTACIONAL E TECNOLOGIA INDUSTRIAL**

**KLEBER ALMEIDA FREITAS**

**MODELAGEM DA ANTIGA MURALHA DE SALVADOR E SEU  
ENTORNO NO SÉCULO XVI PARA O ENSINO DE HISTÓRIA SOB  
UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA**

**SALVADOR  
2012**

**KLEBER ALMEIDA FREITAS**

**MODELAGEM DA ANTIGA MURALHA DE SALVADOR E  
SEU ENTORNO NO SÉCULO XVI PARA O ENSINO DE  
HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA  
SOCIOINTERACIONISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial, Faculdade de Tecnologia SENAI-CIMATEC, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial.

Orientador: Prof. Dr. Professor Alfredo Eurico Rodrigues Matta.

**SALVADOR, 2012**

F862m

Freitas, Kleber Almeida

Modelagem da antiga muralha de Salvador e seu entorno no século XVI para o ensino de história sob uma perspectiva sociointeracionista/ Kleber Almeida Freitas. 2012.

153 f.; il.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Dissertação (Mestrado em Modelagem Computacional e Tecnologia Computacional) - Faculdade de Tecnologia Senai-CIMATEC, Salvador, 2012.

1. Simulação. 2. Aprendizagem significativa. 3. Modelagem computacional. 4. Muralha primitiva. I. Faculdade de Tecnologia Senai-CIMATEC. II. Matta, Alfredo Eurico Rodrigues. III. Título.

CDD: 620.00113

**KLEBER ALMEIDA FREITAS**

**MODELAGEM DA ANTIGA MURALHA DE SALVADOR E  
SEU ENTORNO NO SÉCULO XVI PARA O ENSINO DE  
HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA  
SOCIOINTERACIONISTA**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial da Universidade SENAI-CIMATEC.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2012.

---

Orientador Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta  
Doutor em Educação e Tecnologia, SENAI-CIMATEC

---

Prof. Dra. Camila de Sousa Pereira - Guizzo  
Doutora em Educação Especial, SENAI-CIMATEC

---

Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito  
Doutor em História Social, UNEB

*Dedico este trabalho aos meus pais: Emygdio Souza  
Freitas e Ruth Almeida Freitas  
A minha esposa: Maria Luiza Araújo Silva e aos meus  
filhos: Sarah Silva Freitas e Davi Moreno Silva Freitas*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida que me foi dada, pela família em que eu nasci e pelas boas oportunidades que ele me tem ofertado.

Ao meu pai e minha mãe por terem me trazido ao mundo e me dado às condições necessárias ao enfrentamento das dificuldades que por vezes se apresentam na vida.

A minha esposa e filhos pela convivência e pelo amor que têm demonstrado por mim.

Ao Meu orientador Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta por ter me estendido a mão no momento em que eu mais precisava e pelo acompanhamento que tem me dado através de suas orientações.

Aos membros da banca examinadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Camila de Sousa Pereira – Guizzo e o Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito pela presteza em ler a minha dissertação, orientando-me de forma amiga sobre as melhorias que deveriam ser feitas.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial, SENAI-CIMATEC pelos conhecimentos compartilhados comigo e meus colegas do mestrado.

Um especial agradecimento ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Hernane Borges de Barros Pereira, Coordenador deste mestrado, pela oportunidade e atenção a mim dispensada.

Ao Dr. Otávio Castelo por um dia ter me aconselhado a prosseguir nos estudos.

Ao amigo José Gabriel da Costa por me abrir os olhos para vida, tirando-me da ilusão e do abismo em que eu me encontrava.

Aos bibliotecários da UFBA, Fundação Gregório de Matos e Instituto Histórico-Geográfico da Bahia por terem disponibilizado as referências bibliográficas que me auxiliaram a fundamentar esta pesquisa.

A todos os colegas do mestrado que contribuíram de maneira colaborativa para a concepção deste trabalho.

Aos meus alunos do curso de Graduação em História UAB/UNEB de Esplanada que participaram como grupo de controle do experimento realizado.

Aos amigos Alexandre Santos e Arivan Bastos, pelo apoio.

A todos os funcionários do SENAI-CIMATEC pela gentileza no atendimento e pelos serviços que prestaram para o bom andamento do curso e funcionamento desta instituição.

*MAR PORTUGUÊS*

*Ó mar salgado quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!  
Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.*

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

Partimos do problema de que inexistia um modelo computacional sociointeracionista que simulasse a antiga muralha da cidade do Salvador e seu entorno na primeira metade do século XVI. Portanto, o presente estudo consistiu na construção de um modelo computacional 3D que promovesse a simulação da Muralha Primitiva da cidade do Salvador no século XVI e o seu entorno. Desta forma, além da muralha, foram também modelados o espaço externo; alguns prédios oficiais e casas residenciais; elementos funcionais e os sujeitos étnicos-sociais que aí viviam e compuseram esta História. Fez parte do modelo a utilização de elementos interativos para que o usuário contemporâneo participasse e se envolvesse com o contexto histórico estudado. Assim, esta modelagem se propôs a constituir-se em objeto de aprendizagem ligado às Ciências Sociais, mas especificamente ao ensino de História, e a testar sua utilidade na educação formal ou informal, bem como em museus virtuais e outros espaços educacionais, de maneira a verificar se era capaz de proporcionar aprendizagem significativa. Para esta investigação consideramos o binômio teoria-prática/sujeito-objeto e seus reflexos no que diz respeito à construção do nosso modelo, bem como na elaboração desta dissertação. Deste modo, metodologicamente nos apoiamos na teoria praxiológica Gramsciana e no que tange a pesquisa de campo caminhamos em direção a uma pesquisa semi-experimental. Como ferramentas computacionais de apoio à modelagem utilizamos o Blender 3D, o Photoshop, a engine Unity e a linguagem de programação Java Script. Os dados que sustentaram a pesquisa foram coletados com alunos do curso EaD de Graduação em História da Universidade Aberta do Brasil em parceria com Universidade Estadual da Bahia, no Pólo presencial de Esplanada. Depois da análise dos dados coletados e apresentação dos resultados concluímos pela validade e sucesso de nossa modelagem no que diz respeito as suas finalidades educativas, pois verificamos que o nosso modelo é capaz de proporcionar um ensino mais qualitativo e prazeroso de História.

**Palavras-chave:** Simulação, Aprendizagem significativa, Muralha Primitiva, História, Modelo Computacional.

## ABSTRACT

We start with the problem that does not exist a computer model that simulates social interaction ancient walls of the city of Salvador and its surroundings in the first half of the sixteenth century. Therefore, this study is the construction of a computational model that promotes 3D simulation of the wall of the city of Salvador early in the sixteenth century and its surroundings. Thus, beyond the wall, will also be modeled outer space and some official buildings and residential houses; functional elements and the ethnic-social individuals who lived there and composed this history. Part of the model the use of interactive elements for the user to participate and engage contemporary historical context studied. Thus, this model is proposed to form themselves into learning object connected to the social sciences, but specifically to the teaching of history, and test its usefulness in formal or informal, as well as virtual museums and other educational activities, in order to verify it is able to provide meaningful learning. For this investigation we consider the binomial teoria-prática/sujeito-objeto and its consequences with regard to the construction of our model, and the preparation of this dissertation. Thus, we rely on methodologically praxeological Gramscian theory and research with respect to field walk towards a semi-experimental research. As computational tools to support modeling using Blender 3D, Photoshop and Unity engine. The data that supported the research were collected with distance education students of Undergraduate History at the Open University of Brazil in partnership with the State University of Bahia, in the Southern face of the Esplanade. After data analysis and presentation of results, we conclude the validity and success of our model as regards their educational goals, because we find that our model is able to provide a more qualitative educational and enjoyable history.

**Keywords:** Simulation, Learning significant, Primitive Wall, History, Computational Model.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Planta da cidade do Salvador em 1549.....	14
Figura 2	- Planta da cidade do Salvador em 1549.....	45
Figura 3	- Modelagem do lado norte da muralha.....	47
Figura 4	- Modelagem do lado sul da muralha .....	47
Figura 5	- Modelagem do baluarte de São Tiago.....	48
Figura 6	- Desenho da Porta de Santa Catarina .....	49
Figura 7	- Modelagem da Porta de Santa Catarina .....	49
Figura 8	- Desenho da Porta de Santa Luzia.....	50
Figura 9	- Modelagem da Porta de Santa Luzia.....	50
Figura 10	- Modelagem do Hospital de Salvador .....	51
Figura 11	- Aldeia Missionária século XVII .....	52
Figura 12	- Modelagem do Colégio dos Jesuítas .....	52
Figura 13	- Modelagem da horta do Colégio dos Jesuítas (horta) .....	53
Figura 14	- Aldeia indígena .....	54
Figura 15	- Modelagem da Aldeia dos Índios.....	54
Figura 16	- Modelagem do fosso .....	55
Figura 17	- Modelagem das ribanceiras .....	56
Figura 18	- Modelagem escadarias ligando a cidade alta com a cidade baixa .....	57
Figura 19	- Modelagem Caminho em declive ligando a cidade alta com a cidade baixa ...	58
Figura 20	- Modelagem da feira.....	59
Figura 21	- Modelagem das matas .....	61
Figura 22	- Porto de Lisboa no século XVI.....	63
Figura 23	- Modelagem da Ribeira das Naus .....	63
Figura 24	- Planta de Salvador no início do século XVII.....	64
Figura 25	- Modelagem do Armazém .....	64
Figura 26	- Casa dos Contos Ouro Preto .....	65
Figura 27	- Modelagem da Casa dos Contos.....	66
Figura 28	- Casa da Pólvora de João Pessoa.....	66
Figura 29	- Modelagem da Casa da Pólvora.....	67
Figura 30	- Modelagem das ferrarias .....	68

Figura 31 - Casa de barro .....	68
Figura 32 - Casa de barro .....	68
Figura 33 - Modelagem das casas residenciais da Cidade Baixa.....	69
Figura 34 - Caravela século XVI .....	69
Figura 35 - Canoa Ubá indígena .....	69
Figura 36 - Modelagem das canoas.....	70
Figura 37 - Modelagem da caravela.....	70
Figura 38 - Modelagem de Tomé de Souza.....	79
Figura 39 - Modelagem de Luís Dias .....	80
Figura 40 - Modelagem de Caramuru .....	81
Figura 41 - Modelagem de Diogo Muniz .....	81
Figura 42 - Modelagem de Domingos Rodrigues.....	82
Figura 43 - Modelagem de Belchior Fernandes.....	82
Figura 44 - Modelagem de Padre Vicente Rodrigues .....	83
Figura 45 - Modelagem de Padre Manuel da.Nóbrega .....	83
Figura 46 - Modelagem de Belchior Gonçalves .....	84
Figura 47 - Modelagem de Fernão Dias .....	84
Figura 48 - Modelagem Índios Tupinambás.....	85
Figura 49 - Modelagem Escravo .....	85
Figura 50 - Ficha enquete nº 1 .....	94
Figura 51 - Caixa de diálogo Tomé de Souza.....	96
Figura 52 - Passagem pelos pontos de acesso.....	101
Figura 53 - Resposta aos personagens.....	102

## LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Tabela sócio-ambiental nº 1.....	7
Quadro 2 - Tabela sócio-ambiental nº 2.....	17
Quadro 3 - Exemplo de páginas na internet relacionados à História .....	28
Quadro 4 - Exemplo de jogos relacionados à temática Histórica .....	29
Quadro 5 - Paradigmas Educacionais .....	33
Quadro 6 - requisitos sócio-interacionistas para construção da modelagem proposta .....	38
Quadro 7 - Flora brasileira século XVI .....	60
Quadro 8 - Fauna brasileira século XVI .....	61
Quadro 9 - Ferramentas, peças e armas .....	67
Quadro 10- Procedimentos de análise de dados .....	90
Quadro 11 - Participação do estudante – abordagem analítica .....	102
Quadro 12- Participação do estudante – abordagem analítica .....	103
Quadro 13- Participação do estudante – abordagem analítica .....	103
Quadro 14- Participação do estudante – abordagem analítica .....	103
Quadro 15- Percentual de visitas por ponto de acesso.....	104
Quadro 16- Participação do estudante – abordagem analítica .....	105
Quadro 17- Participação do estudante – abordagem analítica .....	105
Quadro 18- Percentual de respostas por personagem .....	106
Quadro 19- Participação do estudante – abordagem analítica .....	106
Quadro 20- Participação do estudante – abordagem analítica .....	107
Quadro 21 - Participação do estudante – abordagem analítica .....	107
Quadro 22- Participação do estudante – abordagem analítica .....	108
Quadro 23- Participação do estudante – abordagem analítica .....	108
Quadro 24- Participação do estudante – abordagem analítica .....	109
Quadro 25- Participação do estudante – abordagem analítica .....	109
Quadro 26- Participação do estudante – abordagem analítica .....	109
Quadro 27- Quadro resumo das subcategorias e percentuais encontrados .....	110

## LISTA DE SIGLAS

a. C	antes de Cristo
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CA	Comunidade de Aprendizagem
CEAB	Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia
CIEC	Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais
d. C.	depois de Cristo
ECO	Escola de Comunicação
ONGs	Organizações Não-Governamentais
PACC	Programa Avançado de Cultura Contemporânea
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
PULSAI	Polo Universitário Santo Amaro de Ipitanga
SIBI	Sistema de Biblioteca e Informação
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNEB	Universidade Estadual da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS ANTIGAS MURALHAS DA CIDADE DO SALVADOR NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI</b> .....	<b>4</b>
2.1	DA NECESSIDADE DAS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS .....	4
	<b>TABELA SÓCIO AMBIENTAL Nº 1</b> .....	<b>7</b>
2.2	A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR .....	8
2.3	OS HABITANTES E A VIDA SOCIAL.....	10
2.4	A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DA MURALHA .....	12
	<b>TABELA SÓCIO AMBIENTAL Nº 2</b> .....	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>COMO ENTENDER A SIMULAÇÃO DIGITAL E SUA APLICAÇÃO EM HISTÓRIA</b> .....	<b>18</b>
3.1	ANÁLISE DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....	18
3.2	TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA .....	23
	<b>EXEMPLO DE JOGOS RELACIONADOS À TEMÁTICA HISTÓRICA</b> .....	<b>29</b>
3.3	ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA SÓCIO-INTERACIONISTA .....	30
	<b>PARADIGMAS EDUCACIONAIS</b> .....	<b>33</b>
3.4	A SIMULAÇÃO SÓCIO-INTERACIONISTA NO DESIGN PEDAGÓGICO DO SÉCULO XVI .....	36
	<b>REQUISITOS SÓCIO-INTERACIONISTAS PARA CONSTRUÇÃO DA MODELAGEM COMPUTACIONAL PROPOSTA</b> .....	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>MODELAGEM DA MURALHA DE SALVADOR DO SÉCULO XVI E SEU ENTORNO</b> .....	<b>40</b>
4.1	MODELANDO SOB A ÓTICA SÓCIO-INTERACIONISTA .....	40
4.1.1	<i>MODELAGEM</i> .....	41
4.1.2	<i>RECOMENDAÇÕES A RESPEITO DO LOCAL PARA A CONSTRUÇÃO DA FORTALEZA</i> .....	43
4.1.3	<i>O QUE SERÁ MODELADO</i> .....	44
4.1.3.1	LEGENDA SÓ DO QUE FOI MODELADO DA FIGURA APRESENTADA (ORDEM ALFABÉTICA).....	45
4.1.3.2	CONSTRUÇÕES DA CIDADE ALTA .....	46
4.1.3.2.1	A MURALHA: SUAS MEDIDAS E CONFORMAÇÕES .....	46
4.1.3.2.2	OS BALUARTEs .....	48
4.1.3.2.3	PORTA DE SANTA CATARINA .....	49
4.1.3.2.4	PORTA DE SANTA LUZIA .....	50
4.1.3.2.5	O HOSPITAL CIVIL .....	51
4.1.3.2.6	COLÉGIO DOS JESUÍTAS .....	52
4.1.3.2.7	ALDEIA INDÍGENA .....	53
4.1.3.3	AMBIENTES DA CIDADE ALTA .....	55
4.1.3.3.1	O FOSSO.....	55
4.1.3.3.2	AS RIBANCEIRAS .....	56
4.1.3.3.3	OS DOIS CAMINHOS DE DEGRAUS .....	57
4.1.3.3.4	CAMINHO EM RAMPA .....	57
4.1.3.3.5	A FEIRA EM FRENTE À PORTA DE SANTA LUZIA.....	59
4.1.3.3.6	A VEGETAÇÃO.....	60
4.1.3.3.7	OS ANIMAIS .....	61
4.1.3.4	A CIDADE BAIXA E SUAS CONSTRUÇÕES .....	62
4.1.3.4.1	A RIBEIRA DAS NAUS .....	62
4.1.3.4.2	A ARMAZEM .....	64
4.1.3.4.3	CASA DOS CONTOS.....	65
4.1.3.4.4	CASA DA PÓLVORA .....	66
4.1.3.4.5	AS FERRARIAS.....	67
4.1.3.4.6	AS CASAS RESIDENCIAIS .....	68
4.1.3.4.7	OS TRANSPORTES E MEIOS DE COMUNICAÇÃO .....	69
4.1.3.5	GRUPOS ÉTNICOS.....	71
4.1.3.5.1	O ELEMENTO PORTUGUÊS .....	71
4.1.3.5.2	O ELEMENTO INDÍGENA .....	73
4.1.3.5.3	O ELEMENTO NEGRO .....	76
4.1.3.6	PERSONAGENS .....	79
4.1.3.6.1	TOME DE SOUZA .....	79
4.1.3.6.2	LUÍS DIAS .....	80

4.1.3.6.3	CARAMURU .....	81
4.1.3.6.4	DIOGO MUNIZ.....	81
4.1.3.6.5	DOMINGOS RODRIGUES.....	82
4.1.3.6.6	BELCHIOR FERNANDES .....	82
4.1.3.6.7	PADRE VICENTE RODRIGUES .....	83
4.1.3.6.8	PADRE MANUEL DA NÓBREGA .....	83
4.1.3.6.9	BELCHIOR GONÇALVES.....	84
4.1.3.6.10	FERNÃO DIAS .....	84
4.1.3.6.11	INDIOS TUPINAMBÁS .....	85
4.1.3.6.12	ESCRAVO.....	85
<b>5</b>	<b>A METODOLOGIA .....</b>	<b>87</b>
5.1	CONSTRUÇÃO DA CONTEXTUALIDADE.....	87
5.1.1	<i>CAMPO TEÓRICO ESCOLHIDO</i> .....	88
5.2	ESTUDO DE CAMPO.....	89
5.2.1	<i>INSTRUMENTOS DA PESQUISA</i> .....	92
5.2.1.1	LOCAL DE APLICAÇÃO DA PESQUISA E PÚBLICO ALVO.....	92
<b>6</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>101</b>
6.1	PRIMEIROS RESULTADOS .....	101
6.2	RESULTADOS POR SUBCATEGORIA .....	102
6.3	CONCLUSÃO .....	110
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>112</b>
<b>8</b>	<b>ANEXO A – RESPOSAS DOS ALUNOS DURANTE O EXPERIMENTO.....</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com esta pesquisa investigamos em que medida esta modelagem/simulação da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu entorno, enquanto ambiente virtual de aprendizagem era capaz de proporcionar aprendizagens significativas. Para isto ela se apoiou nos pressupostos sócio-interacionista defendidos por Vigotsky com o seu conceito de zona de desenvolvimento proximal, Bakhtin e sua idéia de dialogismo, assim como Martineau e sua proposição do desenvolvimento do pensar histórico. Em termos metodológicos buscamos inspiração na teoria praxiológica gramsciana. No que diz respeito à pesquisa de campo empreendemos uma pesquisa semi-experimental. Embora a sua aplicação prática estivesse voltada para testar a sua validade e utilidade enquanto ambiente mediador para um ensino de qualidade de história, contemplou outras duas áreas de conhecimento: Educação e Tecnologia, evidenciando-se assim o seu caráter interdisciplinar.

O problema central que motivou este estudo relacionou-se a inexistência de um modelo computacional sociointeracionista que simulasse as antigas muralhas da cidade do Salvador e seu entorno na primeira metade do século XVI. Deste modo tomamos como objetivo geral a construção de um modelo computacional 3D que promovesse a simulação da Muralha Primitiva da cidade do Salvador no século XVI e o seu entorno, bem como o seu contexto histórico, de maneira que os princípios sócio-interacionistas estivessem organizando a interação e integração entre usuários e o modelo. Para dar conta desta meta principal traçamos os seguintes procedimentos específicos como forma de favorecer a sua operacionalização:

Descrever o contexto histórico da antiga muralha de Salvador;

Construir um modelo computacional sócio-interacionista que simulasse a antiga muralha de Salvador e seu contexto histórico;

Verificar, mediante pesquisa semi-experimental, se o modelo construído atendia aos seguintes pressupostos sócio-interacionistas: interação da simulação com o estudante, interseção no

espaço e tempo, historicidade, dialogicidade, mediação, interatividade, desenvolvimento do pensar histórico e aprendizagem significativa.

No que concerne a sua organização, a dissertação foi dividida em seis capítulos. O primeiro capítulo destinou-se à introdução. No segundo capítulo nos dedicamos à contextualização histórica da muralha e seu entorno. Deste modo, num primeiro momento, analisamos as situações que antecederam a chegada de Tomé de Souza com sua Armada e a instituição do primeiro Governo Geral do Brasil, ou seja: a disputa pela hegemonia das novas terras descobertas, cuja posse estava ameaçada pelas constantes incursões de outras nações estrangeiras que emergiam no cenário mercantilistas e que diziam que só reconheceriam a posse sob as terras que efetivamente estivessem ocupadas; a instalação das Capitânicas Hereditárias como forma de promover este povoamento e assegurar a posse das novas terras; os constantes conflitos com os indígenas; o combate a pirataria e tráfico do Pau-brasil.

Com relação à fundação da cidade do Salvador verificamos que Tomé de Souza procurou seguir as orientações do Regimento de Almerim. Assim o local para implantação do novo núcleo de povoamento, o erguimento de todas as construções e os procedimentos governamentais se baseavam nos direcionamentos políticos-econômicos-sociais contidos naquele documento Régio. A constituição deste capítulo se deu mediante as interlocuções com os autores clássicos, estudiosos de História da Bahia: Edson Carneiro, Alberto Silva, Theodoro Sampaio, Pedro Calmon, Luís Henrique Dias Tavares, Cid Teixeira, dentre outros. Finalizamos o capítulo com a exposição de um quadro com os aspectos sócio-ambientais muito úteis à composição do cenário e personagens a serem modelados.

No terceiro capítulo buscamos contextualizar a simulação digital e sua aplicação em História. Para isto procedemos a uma análise das tecnologias da informação e comunicação na sociedade contemporânea, enfatizando a sua expansão e crescente penetração nos mais variados campos da atividade humana. Seguimos então na direção de uma interpretação a respeito de como estas tecnologias vêm sendo aproveitadas para promover condições favoráveis ao ensino de História. Neste sentido promovemos uma discussão em torno de práticas pedagógicas e metodologias que já se utilizam destas tecnologias para implementar experiências educacionais, amparadas e fiéis aos pressupostos sócio-interacionistas, produzindo efeitos exitosos. Finalizamos este capítulo propondo o design pedagógico sociointeracionista que norteou a construção da nossa modelagem/simulação. Para a concepção deste capítulo fez-se importante à interlocução com os autores que se dedicam a examinar e propor soluções às temáticas aqui abordadas, dentre eles: Alfredo Matta, Michel Derzoutos, Raquel Gianolla, Manuel Castells, Carlos Ferreira, Afonso Bandeira, Robert

Martineau, Vigotsky, Bakhtin, Gustavo Barbosa, Carlos Alberto Rabaça, Ana Verena, Marta Oliveira, José Armando Valente.

Definido o design pedagógico, no quarto capítulo fizemos uma exposição dos ambientes, construções e personagens modelados, explicando as suas funções, características e papéis sociais, importantes para o estabelecimento de diálogos e interações entre os sujeitos do século XVI e os usuários contemporâneos deste modelo. Uma série de figuras, imagens, tabelas e textos evidenciaram como a nossa pesquisa histórica, aliada aos recursos computacionais e alinhada com uma base teórica de natureza sociointeracionista, proporcionou a modelagem computacional das muralhas e seu entorno, rica em interatividade e mediações, com vistas a: promover o desenvolvimento do pensar histórico, a emergência de dialogicidade e historicidade, assim como propiciar situações favoráveis à aprendizagem significativa. Além dos autores que contribuíram para construção do segundo capítulo, colaboraram teoricamente para fundamentação deste quarto capítulo os autores Boris Fausto, Frei Vicente Salvador e Carlos Ott.

No quinto capítulo dedicamo-nos a metodologia norteadora de nossa pesquisa e nele expusemos a contextualidade empírica e teórica, assim como os procedimentos necessários ao empreendimento do estudo de campo. Neste aspecto enfatizamos as categorias dependente e independente, bem como as subcategorias que funcionaram como instrumentos investigativos e de apoio a verificação da efetividade desta modelagem/simulação da Antigas Muralhas da Cidade do Salvador e seu Entorno no século XVI. Os autores com quem mantivemos uma interlocução teórica para concretização deste capítulo foram: Ciro Bezerra, Antônio Gramsci, James McMillan e Sally Schumacher.

No sexto capítulo, depois da aplicação in loco do nosso experimento com os alunos de graduação em História da UAB/UNEB, Pólo de Esplanada, expomos os resultados obtidos através da análise de cada subcategoria, amparados pelos critérios instituídos. Assim pudemos verificar que cada uma delas respondeu satisfatoriamente as finalidades para as quais tinham sido estabelecidas. Concluimos então pela validade e sucesso da nossa modelagem.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DAS ANTIGAS MURALHAS DA CIDADE DO SALVADOR NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVI**

### **2.1 DA NECESSIDADE DAS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS**

Durante os primeiros trinta anos após o descobrimento do Brasil, Portugal não dispensou a devida atenção à nova terra descoberta, ocupado que estava com atividades mais rentáveis: o lucro com as especiarias indianas, o comércio com a China, as feitorias e o tráfico de escravos e pedras preciosas na África, à produção do açúcar na ilha de Madeira, Cabo Verde e São Tomé, tudo isto já plenamente consolidado exigia da corte portuguesa pleno envolvimento náutico e de contingente humano. Segundo Calmon (1949):

Esta relativa ausência portuguesa nos seus novos domínios despertou a cobiça de bucaneiros e de outras nações como Inglaterra, Holanda e França que, em plena expansão marítima, alegavam que só reconheceriam o direito de posse de Portugal sobre as terras efetivamente ocupadas.

Diante destas ameaças a corte lusitana se viu obrigada a planejar uma forma eficiente de colonizar e administrar o Brasil e assim, a partir de 1534, D. João III resolveu dividir a terra brasileira em 14 faixas, que partiam do litoral e iam até a linha imaginária estabelecida através do Tratado de Tordesilhas. Estas faixas terrestres, denominadas Capitânicas Hereditárias, foram doadas “a nobres e pessoas de confiança do rei” (SAMPAIO, 1949, p. 57). Os donatários, como eram chamados os que recebiam a doação, tinham o dever de administrar, povoar, colonizar, combater os índios, resistir à tentativa de ocupação do território, proteger e desenvolver a região. Em troca, adquiriam o direito de explorar as riquezas minerais e vegetais da região.

Conforme Salvador (2009) as maiores dificuldades enfrentadas pelos donatários estão relacionadas ao policiamento de suas capitânicas para impedir as ações de contrabando do pau-brasil realizadas pelos bucaneiros e as guerras violentas travadas contra os indígenas.

Os bucaneiros, piratas saqueadores e contrabandistas faziam amizade com os índios e em troca de suas mercadorias solicitavam sua ajuda para cortar e transportar o pau-brasil até as suas embarcações, incentivando-os também a combaterem os portugueses. Ao contrário dos portugueses, os mercadores franceses não estabeleciam feitorias. Preferiam deixar um agente que confraternizava com os nativos e os estimulava a comercializar com os franceses. Isto contrastava flagrantemente com os portugueses que assumiam a atitude de senhores em relação aos índios e procuravam estabelecer pequenos entrepostos comerciais, como estipulado pelos termos de seus contratos. Segundo RUSSEL (1981) enquanto os franceses eram assimilados, os portugueses permaneciam como objeto de suspeitas.

Duas ocorrências, registradas por Frei Vicente Salvador (2009) em seu livro *História do Brasil (1500 – 1627)*, ilustram bem o que dissemos anteriormente. Na primeira delas o autor relata que Duarte Coelho, em revista aos portos de sua capitania, encontrou naus francesas que estavam no resgate de pau-brasil com o auxílio do gentio. De outra vez o rei D. João III constituiu uma armada comandada pelo capitão-mor Pero Lopes de Souza para combater e destruir uma fortaleza francesa, provida de bastante munição e artilharia, e que servia de abrigo aos contrabandistas dos navios quando os vinham carregar de pau-brasil que os índios cortavam e carregavam para as naus em troca de ferramentas e outras mercadorias de pouco valor. Na maior parte dos confrontos com os contrabandistas franceses, os portugueses levaram vantagem, cumprindo assim as capitánias, o objetivo de preservar a posse da terra para Portugal.

Por outro lado, os constantes embates com os gentios causaram bastantes danos e prejuízos às capitánias. Os motivos principais destes freqüentes confrontos eram a tentativa de escravização do índio para utilizá-lo como mão de obra na lavoura de cana de açúcar e as barbaridades, violências, extorsões e imoralidades que os portugueses praticavam com aqueles a quem chamavam de selvagens. O resultado era “ataques ferozes e cerco às capitánias, destruição dos seus engenhos e plantações, morte e devoramento de seus habitantes” (TAVARES, 2001). Vemos nestes fatos uma forte contradição entre dois grupos sociais de composição e culturas bem diferentes. Os donatários pertencentes a uma aristocracia, representantes da corte portuguesa, detentores da razão, da ordem e da autoridade que faz justiça através da sua lei querendo impor aos índios a sua condição de povo inferior, desprovidos da razão e fé necessárias para aceitarem a sua posição de submissos e que, portanto, precisavam de um governo e uma ordem superior capaz de regê-los mediante suas próprias regras. Os indígenas não conheciam classes sociais como a do homem branco. Todos tinham os mesmos direitos e recebiam o mesmo tratamento. A terra, por exemplo, pertencia a

todos e quando um índio caçava costumava dividir com os habitantes de sua tribo (IDEM, 2001). O índio se via duplamente despojado daquilo que lhe pertencia, suas terras e sua liberdade. A revolta era inevitável.

Além destas questões bélicas, a distância de Portugal, as dificuldades de comunicação, a escassez de recursos e a extensão territorial dificultaram muito a consolidação do sistema de capitanias hereditárias (CALMON, 1949). O governo português necessitava conceber um novo sistema administrativo para o Brasil, capaz de prover a superação destes problemas. Assim o Rei D. João III organiza uma armada composta de oito naus com aproximadamente mil pessoas, capitaneadas pela embarcação de nome Conceição, nomeia Tomé de Souza para ser o governador geral do Brasil e a 12 de fevereiro de 1549 envia-o para aqui cumprir a missão de fundar a cidade que seria a primeira capital do Brasil e sede do governo português no novo mundo. Após 56 dias de viagem aportam na Vila do Pereira as oito embarcações, onde são recebidas por Diogo Álvares Correia “O Caramuru”. Segundo Silva (1949) este português nascido em Viana do Castelo em 1475 chegou ao Brasil por volta de 1510, quando a embarcação em que viajava naufragou nas imediações do Rio Vermelho. Outros náufragos que estavam com ele foram mortos e devorados pelos Tupinambás, porém ele conseguiu sobreviver e passou a viver com os índios de quem recebeu a denominação de “Caramuru” que significa “moréia”. Conhecedor da língua e costumes dos nativos facilitou como pode o contato entre os índios e os primeiros missionários e conquistadores que aqui estiveram. Apesar de seu grande prestígio entre os Tupinambás não conseguiu impedir a expulsão de Francisco Pereira Coutinho, donatário da Capitania da Bahia. Casou com a filha de um chefe Tupinambá chamada Paraguaçu, tendo com esta quatro filhas, das quais descendem famílias importantes como os Garcia d’Ávila. Como veremos mais adiante, desempenhou um papel importante na fundação da cidade do Salvador, pacificando os índios e auxiliando ao governador Tomé de Souza na escolha do local mais adequado para a construção da cidade. No Quadro 1 a seguir, é apresentado um quadro sócio-ambiental deste período, compreendido entre 1501 e 1548. Os elementos nela dispostos serão muito úteis à composição do cenário e personagens a serem modelados.

Tabela sócio ambiental nº 1					
VEGETAÇÃO	ANIMAIS E BICHOS	AVES	GRUPOS ÉTNICOS	PERSONAGENS	PAISAGEM
<p><b>(árvores agrestes de grande porte):</b> Cedros, carvalhos, vinháticos, angelins, copaíba, caboreíbas. <b>(cipó):</b> Timbó, cipó das câmeras. <b>(mata de mangues):</b> Manguezais. <b>(palmas):</b> palmeirais, coqueiros, dendezeiros; <b>(trepadeira):</b> Caragatá, favas, feijões, maracujá. <b>(árvores para tintura):</b> Pau-Brasil, tataiuba, arariba; <b>(frutíferas):</b> Sasapocaias, Jenipapeiro, gyitis, cajueiro, laranjais, limoeiros, romãs, marmelos, figos, parreiras, melancias, melões; ananás <b>(verduras):</b> batata, abóbora, milho, mandioca, inhame; <b>(hortaliças):</b> hortelã, endros, coentro, segurelha, alfaces, celgas, borragens, nabos, couve; <b>(árvores e plantas medicinais):</b> Sassafrás, árvores de funcho, canafistula brava, anudaz, fedegoas, ambaíbas, caroba.</p>	<p><b>(terrestres):</b> Cavalos, vacas, porcos, ovelhas, cabras, capivaras, antas, veados, coelhos, cutias, pacas, tatus, tamanduás, onças, tigres, raposas, guaribas, jaritacacas, preguiças, taibus, cobras. <b>(marinhos-peixes):</b> Baleias, espartates, botos, majacus; <b>(mariscos):</b> caranguejos, briguigões, amêijoas, mexilhões, búzios, gaiamus, camarões, lagostas, polvos.</p>	<p>Galinhas, patos, pombos, perus, jacus, perdizes, rolas, águias, emas, garças, guarás, papagaios, araras, canindés, tapeis.</p>	<p>Índios Tupinambás.  Portugueses donatários das capitaniase lavradores de cana.  Bucaneiros e mercadores franceses.</p>	<p>Américo Vespuccio, Caramuru</p>	<p>Mata fechada.  Aldeias dos índios com casas compridas cobertas de palma.  Engenhos de açúcar com portos particulares., canaviais, casa do engenho, a casa grande, senzala e a capela..  A Baía de Todos os Santos, águas calmas, 32 ilhas, duas entradas: a primeira a leste da ponta do padrão da Bahia, Morro de São Paulo, que é de 12 léguas; a segunda, ao sul da ponta do padrão, à ilha de Itaparica, que é de 3 léguas.</p>

Quadro 1: Tabela sócio ambiental 1

Fonte: VICENTE. Salvador [Frei]. História do Brasil (1500-1627). Juruá Editora, 2009.

## 2.2 A FUNDAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR

Segundo Calmon (1949) no dia 29 de março de 1549, oito embarcações adentraram a Baía de Todos os Santos em direção a Vila do Pereira, conhecida hoje como Porto da Barra. Três Naus: Conceição, Salvador e Ajuda; duas Caravelas: Leoa e Rainha; um Bergantim: Santiago e duas Naus particulares do armador Fernão Álvares. Traziam a bordo o primeiro governador do Brasil e aproximadamente 1000 homens, dentre eles mestre de obras, homens de armas, homens do mar, empreiteiros, pedreiros, serralheiros, carpinteiros, calafateiros, cavouqueiros, tanoeiros, taapeiros, caieiros, telheiros, carvoeiros, degredados, padres jesuítas destinados a construir e povoarem a nova cidade. Com este contingente de tripulantes concordam Silva (1949), Sampaio (1949) Calmon (1949) e Tavares (2001), discordando deles apenas Carneiro (1949). Para ele, não mais que 600 pessoas vieram com Tomé de Souza. Alega como fundamentação que os tipos e tamanhos destas embarcações não comportavam tal contingente de homens, levando em consideração ainda questões alimentares, de salubridade e carga extra para dar suporte a 1000 tripulantes.

A Baía de Todos os Santos havia sido descoberta pelo navegador Américo Vespúcio em 1º de novembro de 1501 em viagem exploratória com o objetivo de investigar as potencialidades econômicas da nova terra. Américo Vespúcio era um dos integrantes de uma frota composta de três naus, comandada por Gaspar de Lemos. De acordo com RUSSEL (1981) a primeira frota européia a lançar âncora na baía foi aquela que trouxera o cosmógrafo florentino Américo Vespúcio, contratado por D. Manuel para fazer observações astronômicas e mapas. Esta expedição margeou nosso litoral do Rio Grande do Norte até Cananéia (São Paulo). Nesta viagem, Vespúcio dá nome aos acidentes geográficos, muitos deles baseados nas datas em que estes eram encontrados, constata que a terra descoberta não era uma ilha e sim um grande continente e verifica a abundância de pau-brasil, madeira largamente utilizada na Europa na preparação de pigmentos para tintura de tecidos, pintura em tela e desenho em papeis. A Baía de Todos os Santos recebeu este nome, justamente como já dissemos, por ter sido descoberta no dia 1º de novembro, de acordo com a tradição católica, dia de todos os santos. Era o ponto mais conveniente da costa brasileira, por ser equidistante seja das capitânicas do sul, seja das capitânicas do norte. Aqui as frotas portuguesas faziam paradas quase obrigatórias nas suas viagens comerciais de ida e de vinda aos continentes Africano e

Asiático. Reunia às condições requeridas para abrigo seguro e a correta manobra das embarcações. Conforme ressalta Sampaio (1949) constituía-se numa referência para os navegadores, tornando-se um dos pontos mais conhecidos e visitados do nosso litoral. Estas boas condições foram determinantes para que, 48 anos depois, Salvador fosse escolhida como primeira capital do Brasil e sede do governo português no novo mundo.

Tomé de Souza, como seu governador, trazia consigo o Regimento de Almerim. Dentre tantas medidas de caráter administrativo constava neste documento recomendações acerca do local onde deveria ser construída “a povoação grande e forte”, cuja planta juntamente com o nome estavam previamente sugeridos.

Desta forma, logo após desembarcar e acomodar os tripulantes das embarcações, o primeiro governador encarregou-se de cumprir a determinação mais importante do Regimento de Almerim; a fundação imediata de uma cidade Sede do Primeiro Governo Geral do Brasil. Reúne-se então, um pequeno conselho presidido por Tomé de Souza e composto por Antônio Cardoso de Barros, Pero Góis, Pero Borges, Caramuru, Luís Dias e outros para discutir o ponto “para dentro da baía” onde deveria ser construída a cidade. Após ouvir algumas sugestões e lembrar que o regimento aconselhava que “visse com pessoas que bem entendessem o lugar que seria mais apropriado para se fazer a dita fortaleza forte”, o governador ordena a Caramuru que faça uma inspeção pelas redondezas e traga a sua opinião. Dias depois, retorna Caramuru à Vila-Velha com a solução requerida, o local a ser preferido devia ser o que atualmente está compreendido entre o início da rua da Misericórdia, ainda na Praça Municipal e o fim da Rua Chile no declive em que começa a Praça Castro Alves. Os argumentos que justificavam tal escolha eram: porto em baixo apropriado a acomodação dos navios, terra levantada oferecendo ampla visão da Baía de Todos os Santos, fontes abundantes ao redor, ares salutíferos, muita madeira para construção, características naturais favoráveis a estratégias de defesa. A solução tipo Acrópole, denotava a tradição dos lusos em dar preferência a lugares localizados às margens do mar e dos rios, em pontos elevados com um porto. Vista pelo oponente a fortaleza muralhada deveria parecer inacessível e inexpugnável. Mais uma vez Tomé de Souza reúne o conselho e tendo obtido aprovação do local sugerido por Caramuru tomam-se as primeiras providências para imediata construção da nova cidade para garantir a segurança de todos num recinto fortificado<sup>1</sup>.

Com a intervenção de Caramuru retiraram-se os Tupinambás que possuíam suas tabas no ponto escolhido e mesmo nas redondezas. Em seguida, os degredados, índios domesticados e

trabalhadores da armada procederam ao desbravamento da mata, a roçagem, o aplainamento, e, logo de em torno à construção de uma cerca muito forte de pau a pique para se proteger do gentio. Assim, começou o trabalho de construção e fundação da nossa cidade, elevada sobre escarpas rochosas no seu apertado triângulo, de base para o norte e vértice voltado para o sul.

Reuniram-se todos, empreiteiros de obras, pedreiros, serralheiros, carpinteiros, calafateiros, cavouqueiros, tanoeiros, taapeiros, caieiros, telheiros, carvoeiros, sob as ordens de Luís Dias e baseados nos “traços e amostras” que vieram no Regimento de Almeirim levantaram os muros, traçaram as ruas, ergueram as casas, prédios administrativos, armazéns, rasgaram portas e alicerçaram os baluartes.

Tomé de Souza e seus comandados vinham e iam da cidade às embarcações, galgando a montanha pela manhã e descendo-a ao cair da tarde para pernoitarem nos navios. Esta movimentação caracterizou a perseverança e dedicação daqueles homens nos primeiros dias da construção de Salvador.

### **2.3 OS HABITANTES E A VIDA SOCIAL**

De acordo com Sampaio (1949) a população inicial com aproximadamente 1000 habitantes era constituída de funcionários públicos, operários das obras da cidade, padres Jesuítas, soldados do Reino, degredados e de índios mansos das aldeias vizinhas.

Os homens de cor não eram muitos, embora fossem mais do que a dúzia de indivíduos que se sabe, com certeza, que percebiam ordenado na Fazenda Real (CEAB<sup>2</sup>, 1988). Os mandados de pagamento citam apenas os nomes de nove deles, englobando os demais na referência a “três homens pretos do governador”, que vieram acertados para homens d ‘armas. Escravos proveniente da Guiné chegariam a cidade em 1551 (TAVARES, 2001).

Os mandados de pagamento revelam que os homens d ‘armas provinham de Portugal, da Espanha, da Ilha de Madeira, da Holanda, havendo entre eles mulatos e pretos, todos com soldo correspondente à sua categoria. Já entre os homens do mar encontramos também holandeses, eslavos, espanhóis e franceses.

---

<sup>1</sup> BAHIA, Universidade Federal da. Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia. Fundação Gregório de Mattos. **Evolução Física de Salvador 1549 a 1580**. Salvador, Pallotti, 1998.

<sup>2</sup> Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia.

Os homens de armas percebiam \$500 por mês, os espingardeiros \$600, os besteiros \$550 e os bombeiros \$800, fora o mantimento. Em geral buscavam outras ocupações para remediar a vida. Entre os homens do mar um marinheiro ganhava \$900 por mês, um gurmet \$600, um pagem \$400.

Os simples trabalhadores, últimos da lista no mandado de pagamento, ganhavam dez cruzados por ano ou \$333 e dois ceitis por mês, fora o mantimento. Entre eles predominavam os portugueses, mas havia também espanhóis, açorianos, mouros, pretos, pardos, degredados e até índios. Os homens desta categoria buscavam melhorar de situação fazendo outros serviços trabalhando nas ferrarias e carvoarias.

Havia ainda os operários da construção civil, comandados pelo mestre de obras Luís Dias e que cumpunham-se de pedreiros, carpinteiros, calafates, telheiros e caieiros. Os pedreiros ganhavam 1\$200 por mês, os carpinteiros, calafates, telheiros e caieiros 1\$400<sup>3</sup>.

Embora tenhamos falado em valores de um modo geral e com maior frequência o pagamento do soldo era efetuado através objetos como foices, machados, anzóis, pentes, tesouras, facas, espelhos, enxadas, furadores, cunhos, pregos, ferrolhos, chapéus, calções, camisas e extraordinariamente animais.

Além deste contingente de homens trazidos por Tomé de Souza já existiam os habitantes e donos originais das terras baianas. Nesta faixa litorânea habitavam os Tupinambás, com os quais o governador tratou de estabelecer relações pacíficas auxiliado pelos padres jesuítas que iniciaram uma nova forma de dominação dos nativos: a catequese. Desta forma, além de ensinar vários ofícios aos indígenas, os padres promoveram a aproximação destes com os mestres carpinteiros e ferreiros dando início a uma troca de assimilações culturais bastantes proveitosas para ambos os lados. Os sevícolas se interessaram sobretudo pelo machado de ferro que facilitavam bastante o seu trabalho. “Agora os instrumentos de ferro transformaram aquele trabalho pesado quase num brinquedo” (OTT, 1955). Se referindo ao fato que em anos anteriores tinham que derrubar as árvores com machados de pedra, auxiliados pelo fogo.

Por sua vez, o índio contribuiu sobremaneira para o crescimento e formação da nova sociedade que se delineava, introduzindo na cultura do colonizador hábitos, costumes, palavras e gêneros alimentícios indispensáveis à subsistência dos colonos. Colaboraram da forma mais eficiente na fundação e construção da nova cidade. Ainda em Ott (1955) encontramos que:

---

<sup>3</sup> Estas informações sobre as categorias de operários e os soldos recebidos por cada um foram extraídas do livro **Evolução Física de Salvador 1549 a 1580** publicada pela Universidade Federal da Bahia, através do Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia.

São bastante numerosas as menções nas folhas de pagamento, entre 1549-1552, dos serviços prestados pelos índios na construção da Casa da Câmara, das fortificações e das primeiras moradias, pagando-se-lhes seu trabalho com instrumentos de ferro: machados, tesouras, facas, anzóis, etc.

Por falta de mulheres brancas na colônia começaram os primeiros relacionamentos conjugais entre brancos e índios dando origem a um novo elemento denominado caboclo.

Para o estabelecimento de relações comerciais entre os habitantes da cidade e os nativos, o governador instituiu o sistema de feiras semanais onde os índios expunham o que tinham com a intenção de trocar por produtos de que necessitavam. Desta forma, trocavam-se pentes, espelhos e carapuças principalmente por víveres. Os gentios, assim, trabalhavam onde, quando e como queriam, mas depois vinham, pacificamente trocar seus mantimentos, os animais que caçavam ou pescavam, os cestos, as vasilhas e as redes que fabricavam com os moradores da cidade que eram proibidos de ir as aldeias, sob pena de serem açoitados, sendo Peão, ou, sendo de maior qualidade pagar multa de vinte cruzados.

O local em que se levava a cabo esse comércio era, provavelmente, a baixada adiante da Porta de Santa Luzia — a atual Praça Castro Alves.

Vemos então que além do propósito de defesa às muralhas também serviam para conter os habitantes dentro dos limites da cidade, controlando a maneira como estes deveriam se relacionar com os indígenas.

## **2.4 A CONSTRUÇÃO DA CIDADE E DA MURALHA**

Por ordem de Tomé de Souza, primeiro governador desta província, a cidade do Salvador, bem como a muralha que a circundou, começou a ser construída no dia 1º de abril de 1549. Para tal foi designado o Mestre de Obras Luís Dias, que comandando um contingente de aproximadamente 1000 homens, deu início às obras de construção da futura cidade.

Em um primeiro momento da pesquisa histórica constatou-se que tal empreendimento revelava uma preocupação dos portugueses com a questão da defesa da nova cidade assim como com a segurança de seus novos habitantes. Para Teixeira (apud SOTEROBAIANÍSSIMA, 2011):

Dom João III, no Regimento de Almeirim, conjugou outro verbo que não é nem o circular, nem o habitar, nem o recrear, conjugou o verbo defender. O que ele manda fazer aqui é uma fortaleza grande e forte... Aquela que pudesse oferecer maior possibilidade de defesa, defesa própria de si mesma, defesa dos navios portugueses que, demandando o Oriente ou de volta do

Oriente, carregados, pudessem ter certeza de encontrar no meio do caminho uma situação de sustentação das dificuldades da pirataria.

Por sua vez, o CEAB (1988) destaca que:

Em 1546 Pero de Campos Tourinho já advertiu Lisboa sobre os riscos que corria o território baiano de ser alvo de ataques por estrangeiros, visando a sua ocupação, sobretudo por parte dos franceses. A defesa da cidade deveria ser organizada tendo-se em vista ataques por mar, por estrangeiros, e por terra, pelos índios.

O local mais adequado para a implantação da nova cidade e que atendia aos critérios do Regimento no sentido de que devendo ser grande, teria de ser também uma fortaleza estava compreendido entre as gargantas da Barroquinha e do Taboão. Este trecho vinha bem de encontro a estas pretensões da corte portuguesa por apresentar as seguintes características:

1. Estava situado no alto de uma escarpa, com aproximadamente 60 metros sobre o mar facilitando a defesa e se conformando perfeitamente com as táticas de guerra então vigentes.
2. A Oeste, o íngreme paredão natural de altura considerável que, bem defendia, era praticamente inacessível. Ao nível da baía, uma estreita faixa de praia.
3. A Leste, o vale do Ribeiro, atual rua Dr. Seabra, e cujo talvegue se achava a uma cota mais baixa em relação ao divisor de águas na cumeada, sendo esta, por isso mesmo, posição dominante e defensável ante a possibilidade da ocorrência de ataques por este lado.
4. Ao Norte e ao Sul duas gargantas, denominadas posteriormente como garganta do Taboão e garganta da Barroquinha, acidentes topográficos clássicos e eficazes para a localização de obras defensivas. Nesses pontos seria colocada a Porta de Santa Luzia — ao Sul e a de Santa Catarina — ao Norte<sup>4</sup>.

Aproveitando estas características defensivas naturais, proporcionadas por este espaço geográfico escolhido para o novo assentamento urbano, os portugueses reforçaram a segurança construindo uma muralha que circundava a cidade, partindo da Misericórdia e se estendendo até a atual Praça Castro Alves. Media aproximadamente 1100 metros, sendo 366 metros para o lado de terra; 366 metros para o lado do mar; 99 metros para o lado do sul, vértice de conformação triangular da cidade, e 269 metros para o lado Norte, sua base (CEAB, 1988).

Encontramos esta planta da cidade, correspondente ao período de 1549 (figura 1), que mostra bem os limites da primitiva cidade, da muralha e dos aspectos da circunvizinhança:

---

<sup>4</sup> Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia, UFBA, 1980, p 21-32

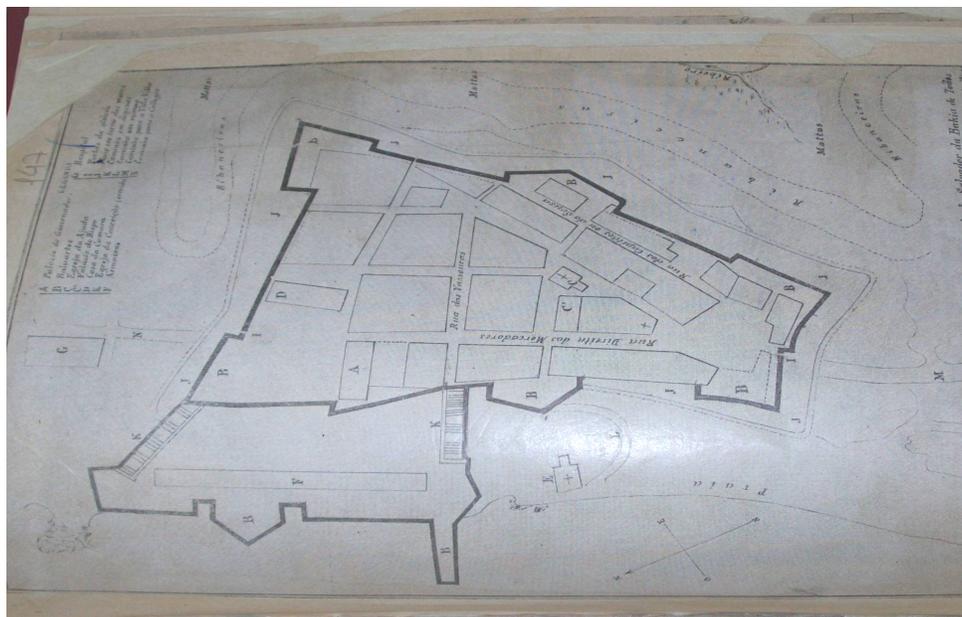


Figura 1: Planta da cidade do Salvador em 1549.

Fonte: SILVA. Alberto. Cidade de Tomé de Souza. Irmãos Pongetti Editores, 1949.

Conforme o CEAB (1988) quatro entradas davam acesso a este núcleo matriz:

1. O do Norte, no início da rua da Misericórdia, onde havia uma depressão natural do terreno, servindo de fosso, em posição correspondente à atual rua 28 de setembro, posteriormente denominada Porta de Santa Catarina.
2. O do Sul, no vértice do triângulo fortificado, em posição correspondente à atual Praça Castro Alves, mais tarde denominada Porta de Santa Luzia.
3. O localizado do lado de terra, que era a comunicação com a baixada fronteira por uma ladeira com degraus, conhecida antigamente como Beco da Água de Gasto.
4. O do lado do mar, em posição correspondente à atual rua do Pau da Bandeira, dando acesso ao caminho do porto ou ribeira das naus, tendo parte em rampa e parte em degraus, constituindo-se na melhor ligação entre a praia e a cidade.

Dentro do recinto fortificado inicial, havia 3 ruas no sentido longitudinal, Sul a Norte, 3 no sentido transversal, uma praça e um largo.

A rua mais importante era a que se chamou Direita do Palácio, Direita dos Mercadores, a mais extensa e servido, desde logo, como eixo longitudinal do tecido urbano em formação.

As outras duas ruas longitudinais restantes, ambas retas, correspondiam às presentes ruas da Ajuda e Rui Barbosa.

As três transversais eram conhecidas hoje como ruas Juliano Moreira — Tira Chapéu — depois da assembléia, Virgílio Damásio —; das Vassouras — Visconde de Itaparica — antiga do Berquó.

Segundo Sampaio (1949):

Na cidade alta se localizavam a zona residencial e o centro administrativo. Ali estavam o Palácio do Governador, o colégio dos jesuítas, os mosteiros beneditinos, carmelita e franciscano, a catedral, a misericórdia, o palácio do bispo, embrião da Casa da Câmara e Cadeia,, as casas urbanas dos plantadores de cana e dos principais funcionários público e nobres. Posteriormente surgiriam neste espaço a Casa de Redação e a Casa da Moeda.

A cidade baixa se constituía na zona comercial e nela estavam localizados os armazéns, trapiches e uma pequena capela, dedicada a Nossa Senhora da Imaculada Conceição (IDEM, 1949). Aí residiam os marinheiros, pescadores, calafates, funcionários e serventes dos armazéns, além da maioria dos mestres oficiais e ajudantes. Portanto, nesta parte baixa, se concentrava a maior parte da população e casario. Do exposto anteriormente, notamos já a separação da população em duas camadas sociais: numa parte os trabalhadores da construção — concentrados no Bairro da Praia — na outra, onde a função administrativa fixou-se desde o início, o Clero, os altos funcionários do governo e os senhores de engenho.

A ligação entre estas duas partes da cidade, indispensável para a comunicação e trânsito de pessoas e coisas, era bastante difícil devido à elevação da barranca que as separava. De início duas ladeiras íngremes serviam aos pedestres ou carroças leves. A primeira ladeira, que veio a ser conhecida como Ladeira da Conceição, tinha início na Praça Municipal, indo pela encosta até o ponto correspondente ao Baluarte de São Tomé. Seu construtor foi o Mestre Felipe Guilhem, ficando concluída nos fins de 1549. A segunda Ladeira, construída por Jorge Dias e concluída em meados de 1550, partia da Porta de Santa Luzia — atual Praça Castro Alves — e seguia aproximadamente pelos presentes traçados da Ladeira da Gameleira, terminando na Ribeira dos Pescadores, defronte da Fonte das Pedreiras. Russel (1981) faz referência a uma espécie de elevador que funcionava num sistema de contrapesos e que servia para içar as mercadorias mais pesadas.

Quanto ao material de construção, estabelecia o Regimento de Almerin “não achando na dita terra aparelho para se a dita fortaleza fazer de terra e cal far-se-á de pedra e barro, ou taipas ou madeiras, como melhor poder ser de maneira que seja forte” (CEAB, 1988).

Desta sorte ergueram os muros com o material encontrado na terra, isto é, “a boa e grossa taipa de barro”. O primeiro muro foi de taipa sem cal, o que vale dizer de terra socada e de altura compatível com esta espécie de construção (IDEM, 1988). Depois foram construídos

outros, que a invernada aludida por Luís Dias derrubou uma parte, muros estes, feitos de boa e grossa taipa de barro, porém elevados, um pouco altos para a taipa sem cal. A altura inicial era de três metros e 60 cm. Foram rebaixados para 2 metros e 20 cm, rebocados de cal de dentro e de fora. Estavam concluídos em dezembro de 1550.

Já em 1569, aqui chegando Souza (1851) afirmava não se ter memória da posição dos muros da cidade primitiva. Em carta, fazendo uma descrição de como se encontrava o sítio da cidade do Salvador trinta anos após a sua fundação, este autor diz que os muros se vieram ao chão por serem de taipa e se não repararam nunca.

A seguir apresentamos quadro 2 onde, desta vez, foi esboçado o quadro sócio-ambiental que cobre o período de 1549 a 1551. Algumas mudanças podem ser observadas por contas do grande contingente de homens que vieram com Tomé de Souza para fundação e construção da cidade e por conseqüência as mudanças ambientais que resultaram de tal empreendimento. Novos elementos e personagens aparecem nesta tabela e serviram de apoio a nossa modelagem.

Tabela sócio ambiental nº 2					
Vegetação	Animais e bichos	Aves	Grupos Étnicos	Personagens	Paisagem
<p><b>(árvores agrestes de grande porte):</b> Cedros, carvalhos, vinháticos, angelins, copaíba, caboreíbas; <b>(cipó):</b> Timbó, cipó das câmeras; <b>(mata de mangues):</b> Manguezais;<b>(palmas):</b> palmeirais, coqueiros, dendezeiros; <b>(trepadeira):</b> Caragatá, favas, feijões, maracujá; <b>(árvores para tintura):</b> Pau-Brasil, tataiuba, arariba; <b>(frutíferas):</b> Sasapocaias, maçaranduba, Jenipapeiro, gyitis, cajueiro, laranjais, limoeiros, romãs, marmelos, figos, parreiras, melancias, melões; ananás <b>(verduras):</b> batata, abóbora, milho, mandioca, inhame; <b>(hortaliças):</b> hortelã, endros, coentro, segurelha, alfaces, celtas, borragens, nabos, couve; <b>(árvores e plantas medicinais):</b> Sassafrás, árvores de funcho, canafistula brava, anudaz, fedegoas, amafbas, caroba.</p>	<p><b>(terrestres):</b> Cavalos, vacas, porcos, ovelhas, cabras, capivaras, antas, veados, coelhos, cutias, pacas, tatus, tamanduás, onças, tigres, raposas, guaribas, jaritacacas, preguiças, taibus, cobras. <b>(marinhos-peixes):</b> Baleias, espartates, botos, majacus; <b>(mariscos):</b> caranguejos, briguigões, amêijoas, mexilhões, búzios, gaiamus, camarões, lagosts, polvos.</p>	<p>Galinhas, patos, pombos, perus, jacus, perdizes, rolas, águias, emas, garças, guarás, papagaios, araras, canindés, tapeis.</p>	<p>Índios Tupinambás.</p> <p>Portugueses donatários das capitânicas e lavradores de cana.</p> <p>Bucaneiros e mercadores franceses.</p> <p>1549 - 1000 novos habitantes (portugueses, holandeses, eslavos, espanhóis e franceses) que vieram na armada para fundação da Cidade do Salvador.</p> <p>1550- Escravos provenientes da Guiné..</p>	<p>Caramuru</p> <p>Tomé de Souza</p> <p>Luiz Dias</p> <p>Diogo Muniz</p> <p>Índios Tupinambás</p> <p>Domingos Rodrigues</p> <p>Belchior Fernandes</p> <p>Padre Vicente Rodrigues</p> <p>Padre Manuel da Nóbrega</p> <p>Belchior Gonçalves</p> <p>Fernão Dias</p> <p>Escravo</p>	<p>Mata fechada.</p> <p>Aldeias dos índios;</p> <p>A Baía de Todos os Santos;</p> <p>Na Cidade Baixa: a Casa da Pólvora, casas residências, Armazém, Baluarte de São Jorge, Baluarte de Santa Cruz, Casa dos Contos, Ferrarias, Ermida da Conceição e a feira.</p> <p>Na Cidade Alta: a muralha com suas duas portas de acesso, a feira, o fosso, a floresta, o Hospital, o Colégio dos Jesuítas com sua horta e a Aldeia Indígena.</p> <p>Elementos de ligação entre os dois pavimentos da cidade: duas escadarias e o Caminho do Carro.</p>

Quadro 2: Tabela sócio-ambiental 2

Fonte: VICENTE. Salvador [Frei]. História do Brasil (1500-1627). Juruá Editora, 2009.

### **3 COMO ENTENDER A SIMULAÇÃO DIGITAL E SUA APLICAÇÃO EM HISTÓRIA**

#### **3.1 ANÁLISE DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Estamos vivenciando nestas duas últimas décadas um acelerado desenvolvimento e disseminação das tecnologias da informação e comunicação. Junto com esta rápida expansão podemos observar as diversas mudanças que se fazem sentir na maneira como os sujeitos estão se relacionando, acessando serviços, exercendo atividades laborais e se deslocando no chamado cyberspaço, motivados pelo prazer de publicar e ter acesso a novos conhecimentos multifacetados sob as mais variadas formas de linguagens. Agora a escrita divide sua importância com as imagens, sons e movimentos que neste contexto virtual ampliam e diversificam os modos de representar e apreender a realidade. Neste sentido, podemos afirmar que estamos bem distantes, tanto no tempo quanto ideologicamente, daqueles primeiros momentos em que o computador e a informática eram utilizados especificamente pelas universidades, grandes empresas e centros militares, constituindo-se, desta forma, num ambiente estranho a realidade e cotidiano social. Contudo, foi nesta conjuntura, de centralização e posse de valiosas informações por parte de alguns privilegiados, que quatro jovens acadêmicos: Steve Jobs e Steves Wozniac, Bill Gates e Paul Allen – iniciaram, respectivamente, a manufatura e comercialização de microcomputadores já montados e a produção e venda dos sistemas operacionais e softwares que popularizariam a utilização destas máquinas pela sociedade em geral. “A sociedade da informação centralizada tornar-se-ia, progressivamente, uma sociedade da comunicação, uma sociedade das redes” Breton (apud GIANOLLA, 2006, p. 18). Assim, “a informática, cada vez mais miniaturizada e mais

interligada com os meios de comunicação, invade o ambiente doméstico, o universo infantil, as pequenas e grandes empresas, a medicina, as pesquisas científicas e as escolas, transformando-se em um poderoso instrumento de comunicação e criação” (GIANOLLA, 2006, p. 18). De acordo com Matta (2006, p. 33) “o ambiente oferecido pelas novas mídias seria para o ser humano equivalente à água para o peixe: o meio que o hospeda e permite sua ação, experiências e relações”.

Vimos então gradativamente chegando a este presente, onde a Internet exerce um grande poder de persuasão e encantamento, atraindo para si tudo que possamos imaginar: pessoas, bancos, universidades, empresas, oferta de serviços, grupos de discussão, informações sob suas mais variadas formas de apresentação (textual, imagética, áudio-visual). Trata-se, portanto, de um espaço de múltiplas escolhas que se renova a cada instante, exigindo daqueles que nele navegam a acuidade de saber os caminhos por onde trilhar, pois, ao passo que se pode encontrar com informações plausíveis, pode-se também encontrar com outras de caráter superficial e duvidoso.

Uma outra face destas tecnologias, até certo ponto preocupante, são os seus métodos de controle, coleta de informações e dependência a que estamos submetidos cada vez mais. Bancos de Dados especializados e espalhados pelo mundo inteiro, reúnem muito mais informações sobre nós do que podemos imaginar e assimilar. São inúmeros os procedimentos que exigem que forneçamos nossos dados pessoais e hábitos (lugares que gostamos, músicas de nossa preferência, livros que gostaríamos de ler, dentre outros). Como afirma Derzoutos (1997, p. 26) “a tecnologia informática está alterando os aspectos mais profundos de nossa vida e condição humana” e conseqüentemente o controle a que a sociedade atual está, imperceptivelmente, submetida é tão eficaz que em poucos minutos, qualquer indivíduo pode ser encontrado e identificado facilmente. Gianolla (2006) alerta para os ambientes de vigia que, por meio de câmeras instaladas em locais estratégicos, monitoram os movimentos e ações dos que neles se encontram, delatando furtos, pessoas procuradas pela polícia, violência e tráfico de drogas.

Através desta crescente integração entre distintos meios de base digital e por intermédio das telecomunicações também se mostram, em tempo real, as catástrofes, abusos e arbitrariedades que acontecem e se praticam por este mundo afora, causando comoção e indignação, despertando a solidariedade e o protesto coletivo, trazendo a tona o debate entre as diversas populações que agora têm um lugar por onde pode clamar por providências e pressionar para que a justiça seja feita.

Na verdade, foi pela internet que o subcomandante Marcos, líder dos zapatistas de Chiapas, comunicou-se com o mundo e com a mídia, do interior da floresta Lacandon. E a internet teve papel instrumental no crescimento da seita chinesa Falun Gong, que desafiou o partido comunista da China em 1999, bem como na organização e na difusão do protesto contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle, em dezembro de 1999 (CASTELLS, 1999, p. 44).

Esta flexibilidade de conexão e capacidade comunicativa, bem como o poder de exposição instantânea dos mais variados tipos de problemas que afligem as populações de todas as partes do mundo, tem atraído para esta grande rede mundial de computadores as mais diversas organizações acadêmicas e distintos grupos sociais. Centros universitários, ONGs, associações comunitárias, comitês populares, a partir de seus interesses específicos, desenvolvem ações que visam promover a integração social na busca por soluções práticas que possibilitem o enfrentamento das dificuldades que se apresentam no cotidiano das comunidades locais onde estão inseridas.

Porém, este ambiente virtual por onde parece que transita tanta gente e informações ainda tem deixado a grande maioria das pessoas de fora. De uma população mundial que já beira os 7 bilhões de habitantes, somente 1,97 bilhões acessam a internet o que representa apenas 28%. No Brasil, cuja população é de aproximadamente 190 milhões de habitantes, 81,3 milhões usufruem os variados recursos que estas tecnologias oferecem. Estes números confirmam o quanto ainda são grandes as distâncias e diferenças que separam aqueles que têm capacidade de gerar tecnologia e aqueles que são apenas consumidores, comprando o que os afortunados lhes deixam chegar. Esta simbologia que relaciona status social à posse da tecnologia na mão de poucos reflete um comportamento que se repete a cada vez que uma nova tecnologia é lançada. De início, ocorre sua retenção em mãos de um pequeno grupo dominante, que tem condições de pagar pelos altos preços iniciais dos produtos dela provenientes. Porém, a necessidade de lucro, que sustenta a lógica capitalista, faz com que aos poucos os preços diminuam e ocorra sua disseminação entre outros agrupamentos sociais de menor poder aquisitivo. É preciso vender para fazer frente aos investimentos feitos na sua produção. Todavia, conforme já dissemos, o supra-sumo, os melhores recursos permanecem na posse dos detentores do poder do capital, aos dominados chegam apenas as migalhas. Sob esta ótica, a ânsia e propaganda da inclusão, não passam de engodo destinado a alienar a classe dominada, pois nos coloca dentro de algo que não entendemos, do qual não percebemos a dinâmica e os efeitos que produzem sobre a sociedade e mundo contemporâneo. E assim, mesmo que as estatísticas revelem o quanto tem crescido o número de acessos, povos e até mesmo países inteiros estarão à margem do processo. Incluir passivamente, sem foco na

ação/reflexão de apropriação crítica destas tecnologias não é menos excludente do que negar o acesso a elas e pode até induzir ao falso pensamento de que o sistema é benevolente, pois agora a produção capitalista está sendo socializada entre os menos afortunados. Não passa, portanto, de mais uma artimanha para manutenção da ordem capitalista.

Seria leviano não reconhecer as implicações conjunturais sobre os aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais contemporâneos advindas da relação mútua entre o homem e as tecnologias da informação e comunicação. Contudo não se pode perder de vista que a estrutura que rege e condiciona estes mesmos aspectos ainda continua a mesma. Desta forma, chamamos atenção para os clichês que afirmam que as tecnologias da informação e comunicação estão mudando tudo. Neste sentido ressalva Matta (2006, p. 3), “Enquanto a extrema exploração e o imperialismo continuam vigorando mais fortes do que nunca, crescentes mesmo, parte dos estudos sobre estas tecnologias caminha fingindo que tudo no mundo mudou”. Posto desta maneira estar-se a evocar o fetiche tecnológico, o mito de seu determinismo sobre nós. A tecnologia em si não tem o poder de mudar nada. O que temos que destacar é que a mediação do ser humano com elas, que remonta tempos imemoriais, tem promovido modificações nas suas faculdades superiores, e isto retorna aos objetos criados possibilitando melhoramentos, progressos e invenções de novos aparatos e meios tecnológicos. Tudo isto está fortemente vinculado a nossa natureza e necessidade que temos de reproduzir nossa existência, vencendo os obstáculos naturais de modo a manipular e transfigurar a nosso favor o meio ambiente que nos cerca. Através desta relação dialética com a natureza e das relações de produção estabelecidas entre nós, construimos nossa história.

Nossa chegada aos tempos atuais é precedida por um longo processo histórico, onde aprendemos a nos abrigar seguramente; buscar nossa alimentação; confeccionar nossas vestes; nos comunicar primeiro através de gestos, depois mediante estranhos ruídos e em seguida por meio da fala; rabiscar os primeiros sinais escritos; nos locomover com maior rapidez e habilidade para superar as grandes distâncias que nos separava; a trabalhar em grupo. E para não esquecer de tudo isto e poder sempre continuar adiante, evoluindo cada vez mais, aprendemos a registrar nossas práticas e interagir com o outro, no sentido de ensinar e aprender as coisas que concebemos ao longo de todos estes anos.

É uma história marcada por períodos de instabilidade, interrompidos e renovados por um conjunto de inovações tecnológicas, que desta forma encerram e reiniciam uma nova ordem sócio-econômica-cultural, capaz de fazer frente e responder satisfatoriamente as mais novas necessidades sociais emergentes. Atualmente, suportadas pela linguagem digital, as tecnologias da informação e comunicação – vêm se constituindo num centro catalisador,

contribuindo para grandes avanços e transformações nas áreas da microeletrônica, telecomunicações, engenharia genética, tecnologia de transportes, dentre outros campos tecnológicos - numa velocidade tão surpreendente, que nos faz lembrar de outros momentos históricos em que as bases materiais da economia, sociedade e cultura foram abaladas por uma série concomitante de inventos, que alteraram substancialmente o modo de pensar, viver e agir dos sujeitos e grupos sociais que deles se apropriaram e fizeram uso. Neste sentido, é pertinente salientar que algumas experiências e usos que a sociedade contemporânea, conectada a rede, tem feito destas tecnologias da informação e comunicação tem ampliado significativamente o seu poder de convergência e colaboração, proporcionado pela crescente recuperação descentralizada, compartilhamento e integração de informações provenientes de momentos e espaços específicos. Desta maneira, pequenas redes locais se unem formando redes cada vez maiores com forte vocação para constantes inovações e adaptações. Cada local colabora com as suas experiências e estas informações circulam a rede, contribuindo para que os diversos grupos dela participantes revejam seus métodos e se articulem estrategicamente para construir novos projetos e renovar aquelas práticas que já não mais atendem às suas necessidades de resolução de problemas e desenvolvimento.

Se por um lado, condições sociais concretas condicionaram o surgimento e difusão das tecnologias da informação e comunicação, é preciso que se trabalhe as mentalidades para que possamos aproveitar todo potencial de interação, mediação e simulação que estas inovações tecnológicas oferecem, com vistas a construir um novo cenário alicerçado na construção e difusão coletiva do conhecimento que contribua para o devir de uma nova realidade social, econômica e cultural.

Neste propósito e de acordo com o contexto tecnológico e social contemporâneo analisado anteriormente, buscou-se com esta pesquisa, investigar a utilidade de nosso modelo computacional para o ensino-aprendizagem crítica de História e de que forma ele pode contribuir para que a pesquisa seja vista como um importante meio, a ser utilizado por professores e alunos, para o ensino-aprendizagem desta disciplina em sala de aula. Através de elementos interativos e de multimídia é possível proporcionar ao sujeito social contemporâneo a revisitação e experimentação do passado histórico, de maneira que o visitante além de observar se envolva, participe e intervenha no contexto histórico a ele apresentado. A exploração destes recursos, presentes nas tecnologias da informação e comunicação e constituintes do modelo proposto, objetiva aqui promover a mediação e o diálogo entre o passado estudado, mais especificamente a muralha de Salvador do século XVI e seu contexto histórico, e os sujeitos presentes em suas buscas pela construção do conhecimento.

### 3.2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

Embora o PCN (Parâmetros Curriculares Nacional) de História para o ensino fundamental e médio reivindique a formação de alunos com autonomia intelectual e pensamento crítico, cidadãos capazes de participar ativamente da sociedade e realidade histórica em que estão inseridos, o que se vê na prática escolar no que diz respeito à aprendizagem desta disciplina, é um distanciamento entre a forma de abordar os conteúdos e um ensino de História capaz de formar cidadãos críticos e reflexivos, construtores conscientes de sua própria cidadania e conhecimentos. Verifica-se frequentemente uma forma de apresentar e estudar a história apartada da produção crítica e historicizante deste saber. Matta (2006) destaca a dificuldade de penetração da produção de conhecimento histórico universitário nos ciclos básicos da educação brasileira e como isto tem influenciado, de forma persistente, o desinteresse de alunos e professores pelo ensino-aprendizagem de História. Contribui ainda para esta realidade, uma metodologia de ensino que privilegia a memorização de datas e personagens importantes, onde os alunos são meros expectadores, depósitos dos conhecimentos transmitidos pelo professor, detentor de verdades inquestionáveis.

Bandeira (2004), revela que sua primeira dificuldade, no que tange ao ensino da história, foi o deparar-se com as práticas e conteúdos do ensino tradicional desta disciplina, pautadas na ênfase da história dos fatos históricos e na realização dos “grandes homens”, estadistas, generais, ou muito eventualmente eclesiásticos, relegando aos demais segmentos sociais e instâncias regionais e locais papéis secundários. Assim o ensino de História, muito frequentemente, se resume a um conjunto de narrativas lineares de fatos do passado, estanques e desconexos de modo a torná-lo uma exposição enfadonha e anacrônica de acontecimentos, difícil mesmo de ser compreendido pelos alunos, inclusive causando nestes um sentimento de resistência e desprezo por esta matéria.

Ferreira (1999, p. 139-156) afirma que:

A concepção de história que os profissionais do ensino de história, historiadores, autores e professores nos apresentam hoje em dia ainda permeia uma história dos vencedores, aqueles que criam os “fatos” históricos e os transmitem como “verdades” definitivas, absolutas e cristalizadas, ligadas, portanto, a uma concepção positivista da história, que separa de maneira estanque o passado e o presente, negando o presente enquanto construção, já que, na visão de muitos, a história é apenas passado.

De acordo com esta lógica, professores e alunos assumem, respectivamente, a posição de narradores e ouvintes passivos, distanciando-se e até mesmo deixando de se perceberem enquanto agentes da história, produtores da trama e do próprio enredo que estão a estudar. Deste modo, é de vital importância a proposição de conteúdos contextualizados com o seu momento histórico sem perder de vista a sua articulação com tempo presente e a conjuntura que envolve cotidiano dos sujeitos participantes do processo educativo. As atividades a serem desenvolvidos devem também ser dotadas de uma capacidade de promover uma dinâmica interação entre professores e estudantes, estimulando-os a adotarem uma prática colaborativa que lhes possibilite a construção de novos conhecimentos baseados na constante reflexão sobre as fontes levantadas.

A ação mediadora do professor deve privilegiar, sobretudo, uma formação que confira ao educando: o potencial para extrapolar a aparência superficial dos fatos; a perspicácia necessária para a defesa consciente de suas idéias; a autonomia indispensável àqueles que se propõem a realizar uma leitura crítica, que dê conta de fornecer uma visão explicativa da realidade.

Abordar e estudar a história, criando condições para que os alunos participem e se envolvam de modo reflexivo com o conteúdo estudado é oportunizar um ambiente onde se elabore e desenvolva o pensamento metódico. Robert Martineau, (apud MATTA 2006), elenca quatro operações pertencentes ao raciocínio histórico: formular hipóteses a partir das questões-problemas; procurar e criticar fontes de informação; interpretar as informações e tirar conclusões, ou chegar a uma síntese interpretativa.

Nesta perspectiva, ensinar história será iniciar os jovens na leitura do presente, a partir do questionamento sobre o passado, desenvolvendo neles o raciocinar histórico e os procedimentos de interpretação e autoria de conceitos, sempre baseados em registros documentais de eventos passados. Para tanto, os alunos deverão desenvolver, pelo ao menos, três das características do historiador: atitude, metodologia e linguagem. Sendo assim, provocado por processos organizados pelo professor, o aluno deverá elaborar um problema, depois pensar nele, usar um raciocínio metódico para resolvê-lo e, finalmente, propor uma explicação a partir de suas interpretações (MATTA, 2006, p. 51-52).

Vemos assim que a responsabilidade do professor é induzir os seus alunos a formulação de problemas, a utilização do pensamento metódico para resolvê-los e a elaboração de explicações fundamentadas em suas interpretações, oportunizando desta maneira um ensino de história mais atraente e de qualidade, capaz de promover um ambiente de aprendizagem significativa. Uma série de trabalhos reconhece a grande utilidade, potencial e adequação dos sistemas informatizados a este tipo de abordagem pedagógica, assim como sua vocação para finalidades educativas que contemplem o enfoque colaborativo, crítico e construtivo.

Nesta linha Gianolla (2006, p. 113) ressalta que:

Perceber o laboratório de informática como uma sala de aula, que precisa de um professor que oriente e um contexto de aprendizagem para que esta seja significativa, onde acontecem todas as relações e intermediações possíveis que um ambiente de aprendizagem tem, é um importante passo no processo de utilização da informática na educação.

Notamos assim, que perante os novos e crescentes recursos computacionais, o professor, conforme enfatiza Valente (1993), precisa deixar de ser o repassador de conhecimento e passar a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno. Assim, o professor habilitado saberá tirar vantagem das possibilidades que as tecnologias da informação e comunicação oferecem; adequando às atividades propostas às necessidades, capacidades e interesses dos alunos; provocando situações que os estimule a refletir, questionar e compreender os conceitos intrínsecos às narrativas e temas apresentados.

Matta (2006, p. 56) propõe uma abordagem denominada cognitivista, cujo método é ensinar com ou através de computadores. Explica ele que:

Para esta visão, os sistemas informatizados devem ser elaborados e usados, como parceiros intelectuais, para engajar os alunos em pensamentos críticos e aprendizagem de ordem complexa. Sistemas de computadores, nesta perspectiva, servem para possibilitar um meio, ou ambiente, de experimentação capaz de mediar a construção de soluções e resolução de problemas pelos alunos. Estes sistemas são concebidos para interagir e dialogar com o ser humano e suas idéias, possibilitando que este construa o conhecimento a partir de situações provocadoras, autênticas e que necessitem de sua intervenção.

Aqui mais uma vez reconhece-se a responsabilidade do docente no processo educativo, uma vez que esta abordagem chama a atenção para o valor dos projetos pedagógicos das escolas, dos planejamentos de ensino dos professores e do papel dos educadores no desenho e realização de ambientes e processos educacionais informatizados. Estes procedimentos devem levar em consideração “o ambiente do aluno e suas questões autênticas, assim como a participação e responsabilidade dos discentes sobre o seu processo de aprendizagem” (IDEM, 2006, p. 57). Esta proposta chama a atenção para a forma como escola, professores e alunos devem se organizar para que decisivamente o uso das tecnologias possa contribuir de forma efetiva para a melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem. Assim, conforme ressalta Ferreira (1999, p. 146) “é necessário que os professores de história passem a compreender que os processos de inovação, derivados do emprego dos recursos tecnológicos, servirão para oxigenar sua prática docente”. Não é mais possível esconder o caráter motivador que envolve estas tecnologias da informação e comunicação e é preciso tirar proveito do seu grande potencial para difusão e construção coletiva e colaborativa do conhecimento. Através

destas tecnologias, o professor pode trazer outros tempos e espaços para dentro da escola e permitir que os alunos interajam e dialoguem com eles, fazendo assim crescer o seu interesse e desejo pelo aprendizado. A este respeito “já há um consenso hoje entre os educadores sobre a adoção de metodologias ativas e abertas nas escolas, sob o argumento de que, à medida que o estudante interage e participa da escolha e construção dos conteúdos, o aprendizado torna-se mais eficiente” (IDEM, 1999, p. 148).

Em consonância com estas metodologias ativas estes recursos tecnológicos podem também ser vistos como um ótimo aliado para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao ensino-aprendizagem de história. Neste sentido e em consenso com o que temos explanado a respeito da relação aluno-professor, tecnologia-história-metodologia de ensino, Cunha (1992, p. 32) afirma que:

Unir ensino e pesquisa significa caminhar para que a educação seja integrada, envolvendo estudantes e professores numa criação do conhecimento comumente partilhado. A pesquisa deve ser usada para colocar o sujeito dos fatos, para que a realidade seja apreendida e não somente reproduzida.

Assim, ensinar história é muito mais que trazer para os alunos conteúdos prontos e acabados, verdades absolutas a serem transmitidos para expectadores passivos. É antes de tudo, apresentar-lhes problemas cujas soluções exijam deles uma atitude ativa em busca de respostas elucidadoras às questões postas; criar situações que os incentive a adotar uma postura crítica, a tomar gosto pela observação metódica e a desejar se expressar para compartilhar com os outros aquilo que aprendeu e questionar sobre aquilo que ainda necessita compreender. “Um problema histórico é uma interrogação do presente endereçada ao passado, cuja resposta será obtida pelo pensamento utilizando métodos para analisar as evidências e documentos” (MATTA, 2006, p. 51).

Podemos então utilizar as tecnologias informáticas para modificar aquele imaginário onde a história se apresenta como algo distante e inatingível, reservada aos escolhidos e heróis fabricados pela classe dominante; narração de um conjunto de fatos fragmentados que pouco ou quase nada tem a ver com a vida daqueles que a estuda. Através da interação e mediação proporcionadas pela informática e seus recursos de multimídia podemos simular situações que possibilitem ao aluno entender que a história é um processo cujas etapas vão sendo construídas no dia-a-dia dos homens na sua luta pela sobrevivência; nas relações que os sujeitos estabelecem entre si nos mais variados locais por onde transitam, habitam, trabalham, estudam, se divertem e vivenciam outras circunstâncias que fazem parte da construção de sua existência.

O professor de História deve então labutar para se inteirar e integrar estas novas capacidades e possibilidades oferecidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) a sua prática docente, uma vez que os diversos tipos de linguagem (áudio-visual, sonora, hipertextual) presentes na Internet, ambientes 3D e jogos educativos exercem sobre os alunos um grande fascínio, podendo mesmo levá-los a sentirem-se imersos no ambiente com o qual estão a interagir. O caráter lúdico e envolvente destas experiências pode despertar nos estudantes um prazer pelo aprender fazendo. Cabe ao mediador tirar proveito disto, de modo a mostrar que as soluções encontradas nestas tramas virtuais podem ser transportadas para o cotidiano, proporcionando a resolução de problemas concretos e um aprendizado mais significativo e prazeroso.

Ao falar sobre os benefícios que o uso do computador pode propiciar ao ensino de História, Ferreira (1999, p. 154) elenca as seguintes finalidades de sua utilização:

- desenvolver habilidades como criatividade, coordenação motora, percepção visual e auditiva;
- motivar a pesquisa;
- pôr os alunos em contato com a realidade através do programa (*software*) escolhido;
- organizar as informações;
- classificar dados;
- traçar *croquis*, esboços e desenhos (fazer mapas, plantas da realidade estudada, etc.);
- organizar a vida escolar;
- produzir trabalhos escolares, através de *softwares* de planilhas, banco de dados e processadores de texto;
- elaborar gráficos estatísticos;
- fazer apresentações mais dinâmicas

Tendo em vista evidenciar outras produções que têm contribuído sobremaneira para ampliar as possibilidades de um fazer pedagógico que leve em consideração à aplicabilidade proveitosa destas tecnologias da informação e comunicação no ensino de história, quer seja no sentido da sua contribuição para a transformação do ambiente da aula tradicional, quer seja para servir como mediadoras da relação professores-alunos-colaboração-construção do conhecimento, ou ainda para incentivar a prática da pesquisa, foram esboçados a seguir dois quadros que exemplificam bem a qualidade e o esmero das equipes de pesquisadores das mais

diversas instituições acadêmicas na elaboração de materiais que sirvam de aporte ao trabalho do professor desta disciplina.

O quadro 3 traz uma série de sites relacionados a temas históricos, assim como uma breve descrição de sua finalidade:

Exemplo de páginas na internet relacionados à História	
Sites	Descrição
<a href="http://www.historia.uff.br/nec/">http://www.historia.uff.br/nec/</a>	Tem como propósito promover e divulgar estudos, pesquisas e atividades na área de História Contemporânea. Aqui você encontrará documentos, artigos, mapas históricos, bibliografias, filmografias dentre outros.
<a href="http://www.curtagora.com/default.asp">http://www.curtagora.com/default.asp</a>	Núcleo de pesquisa e produção de vídeos históricos da UFBA. Projeto que visa o estudo da relação cinema-história em suas diversas matizes e a criação de um centro de produção de vídeos históricos. O cinema é estudado enquanto agente da história, documento historiográfico e nova linguagem para o ensino da história.
<a href="http://www.ufjf.br/rehb/">http://www.ufjf.br/rehb/</a>	Revista eletrônica de História do Brasil que tem como finalidade proporcionar ao público acadêmico e geral um material de ensino e pesquisa em História cada vez mais acessível e de melhor qualidade.
<a href="http://www.bibvirtuais.ufrj.br/estudosoculturais/">http://www.bibvirtuais.ufrj.br/estudosoculturais/</a>	Organizada pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ) e desenvolvida pela Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (CIEC), do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, integra o conjunto de bibliotecas virtuais temáticas do SIBI - Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ.
<a href="http://www.portfolium.com.br/">http://www.portfolium.com.br/</a>	Se constitui no maior acervo visual sobre a História de Canudos.
<a href="http://www.klepsidra.net/">http://www.klepsidra.net/</a>	Revista Virtual de História organizada por estudantes de História da USP.
<a href="http://www.republicaonline.org.br/index_site.htm">http://www.republicaonline.org.br/index_site.htm</a>	É um <i>site</i> do Museu da República que versa sobre o tema da História da República no Brasil de 1889 a 1961, contendo uma diversidade de assuntos para pesquisa, como: movimentos sociais, higiene e saúde, cultura, educação, políticas públicas, industrialização, entre outros, que possibilita compreender a história republicana, que tem conseqüências em importantes questões da atualidade brasileira.
<a href="http://www.cinedebate.uneb.br/">http://www.cinedebate.uneb.br/</a>	É um <i>projeto de extensão</i> vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB/Campus VI. Foi criado no segundo semestre de 2006. A ideia central do projeto é promover <i>debates</i> em torno de <i>temas</i> específicos extraídos dos filmes. Esses temas são, na verdade, os elementos geradores que promovem o debate, à luz da teoria e da pesquisa histórica

Quadro 3: Exemplo de páginas na internet relacionados à História

Fonte: Elaboração própria através de pesquisa na internet.

No quadro 4 elencamos cinco jogos também relacionados à temática histórica, de modo a promover um aprendizado de forma lúdica e prazerosa:

<b>Exemplo de jogos relacionados à temática Histórica</b>		
<b>Jogo</b>	<b>Site</b>	<b>Descrição</b>
TRÍADE	<a href="http://www.comunidadesvirtuais.p&lt;br/&gt;ro.br/triade/index.htm">http://www.comunidadesvirtuais.p ro.br/triade/index.htm</a>	Visa possibilitar a imersão dos alunos no universo do século XVIII, especialmente na Revolução Francesa, despertando nos alunos do ensino fundamental e médio o desejo de aprender de forma lúdica e prazerosa. Este conteúdo rico e importante para entender o contexto da sociedade contemporânea será apresentado através de um jogo de simulação. Este tipo de game possibilita aos jogadores experimentar situações que não podem muitas vezes ser concretizadas no cotidiano.
BUZIOS	<a href="http://www.comunidadesvirtuais.p&lt;br/&gt;ro.br/buzios/">http://www.comunidadesvirtuais.p ro.br/buzios/</a>	Este game foi desenvolvido com fins pedagógicos para medir o ensino de conceitos históricos relacionados com a Revolta dos Búzios - conhecida também como Revolta dos Alfaiates - ocorrida na Bahia em finais do século XVIII.
ESTRADA REAL	<a href="http://www.ccnm.org.br/gameestr&lt;br/&gt;adareal/ERD_Inicio.html">http://www.ccnm.org.br/gameestr adareal/ERD_Inicio.html</a>	Este game mescla a história da Estrada Real e das cidades coloniais ao turismo do século XXI e elementos culturais como a culinária e o congado. O jogo está dividido em 3 fases que correspondem a três cidades da Estrada Real: Ouro Preto, Tiradentes e Diamantina.
CABANAGEM	<a href="http://www.larv.ufpa.br/?r=jogo_c&lt;br/&gt;abanagem">http://www.larv.ufpa.br/?r=jogo_c abanagem</a>	A "Revolta da Cabanagem" é um jogo de computador educativo cuja temática é o movimento Cabano ocorrido no Pará no século XIX.
PORTUGAL 1111	<a href="http://www.portugal1111.com">http://www.portugal1111.com</a>	Portugal 1111 recria a conquista do território português aos mouros, através de uma simulação da luta pela sobrevivência de uma comunidade medieval num território disputado entre duas civilizações.

Quadro 4: Exemplo de jogos relacionados à temática Histórica

Fonte: Elaboração própria através de pesquisa na internet.

Ao se apropriar e fazer uso planejado destas dinâmicas, apoiadas na utilização do computador, o professor sai do pedestal de transmissor e detentor exclusivo do conhecimento, passando a ter uma convivência mais próxima e afetiva com os alunos, colocando-se no papel de orientador, pois a sua experiência didática lhe confere a condição necessária para conduzir estes procedimentos de maneira que os resultados destas práticas produzam os resultados pedagógicos satisfatórios e em conformidade com os objetivos desejados. Quebra-se o gelo, a paralisia e a distância estabelecidos pela metodologia bancária de educação, onde os alunos são meros expectadores, depósitos de conhecimentos transmitidos pelo professor detentor de verdades inquestionáveis. Resgata-se a vocação e a necessidade humana de trabalhar em grupo agora alinhada com as exigências por colaboração e interatividade características destas tecnologias da informação e comunicação.

Diante do que já expomos, alertamos para o quanto se constitui uma perda de tempo, esforço inútil e descompasso com a realidade histórica a rejeição por boa parte dos professores no que diz respeito à utilização e incorporação das TICs ao seu fazer pedagógico. Aliás, é só observar

o comportamento de nossos alunos para constatar o quanto estas tecnologias estão presentes dentro do espaço escolar; quer seja através dos celulares por meio dos quais eles assistem e produzem vídeos, trocam músicas, mensagens e imagens; ou mesmo mediante aparelhos radiofônicos dotados de portas USB onde eles plugam o pen-drive para ouvir músicas em formato MP3, pesquisadas e baixadas da Internet. Não se trata, portanto, de imposição ou obovia tecnológico chamar a atenção para o fato de que a incorporação e utilização crítica destes recursos e ferramentas nas atividades educativas podem render experiências exitosas e de grande valor educacional.

Neste sentido, nosso modelo computacional pretende aproximar-se e ser fiel a uma perspectiva pedagógica sócio-construtivista, apoiando-se em conceitos definidos e resignificados pelos teóricos desta abordagem. O que iremos verificar então é como este modelo ao ser utilizado, enquanto ambiente mediador da aprendizagem, pode contribuir para o desenvolvimento de um pensar e fazer histórico necessário para a melhoria do ensino-aprendizagem de História nos ciclos básicos da educação.

### **3.3 ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA SOB UMA PERSPECTIVA SÓCIO-INTERACIONISTA**

Apesar de tudo que já foi dito a respeito da presença das tecnologias e ambientes informatizados que poderiam estar sendo mais bem aproveitados como suportes qualitativos a atividade educativa e de todo discurso contrário ao ensino mecanicista de História destinado à reprodução de conteúdos que nada contribuem com a prática da reflexão, assim como para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes, verifica-se que “o ensino de História ainda é predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se, dessa forma, para os alunos um ensino desinteressante, confuso, anacrônico, burocratizado e repetitivo” (FERREIRA, 1999, p. 140). Neste sentido Matta (2006, p. 49) afirma que:

Uma pedagogia baseada em verdades históricas inquestionáveis – aula magistral e expositiva, privilégio à memorização e conteúdos generalizados – que distancie os estudantes e professores do papel de agentes da história, envolvidos com aquilo que estudam, provocará o desestímulo, insucesso e até fracasso para o ensino de História na educação fundamental e média.

É Preocupante, portanto, verificar o quanto a persistência desta metodologia passiva e desprovida de diálogo vem, gradativamente, prejudicando o ensino de História, chegando mesmo a desmotivar professores e alunos em suas práticas de ensinar e aprender esta matéria.

A aproximação de nossa pesquisa com os princípios da teoria da aprendizagem sócio-interacionista foi motivada pela crença de que ela representa uma possibilidade de superação deste estado de coisas, assim como na sua capacidade para responder às necessidades coletivas de uma sociedade cada vez mais informatizada. É importante dizer que este ambiente social, marcado pela emergência e penetração acelerada destas tecnologias nos mais variados campos da atividade humana, tende a selecionar pessoas com uma formação que destaque a criatividade, atitude participativa, capacidade para selecionar e interpretar informações relevantes e outras habilidades que revelem a flexibilidade individual em resolver demandas dos mais variados tipos e procedências.

Willian Bridges (apud MATTA, 2006, p. 37) acrescenta que o sucesso de um sujeito no mercado de trabalho informatizado e tecnológico depende, cada vez mais, de:

- 1) ser capaz de atender às necessidades e contingências do momento;
- 2) ter sua valorização a partir de sua atuação em cada situação ou necessidade;
- 3) ter sua carreira como um “empreendimento” a ser administrado;
- 4) ser capaz de mudar rapidamente de uma tarefa para outra;
- 5) ser capaz de trabalhar em colaboração e com parceiros de perfis diferentes;
- 6) estar pronto para mudar de função, ou mesmo organização, em qualquer momento

Estas características, desejáveis nos sujeitos pertencentes a um presente em que os mercados encontram-se em constantes mutações, pressupõem um modelo educacional que atenda a estas novas exigências de um “ambiente pleno de informação e conhecimento, continuamente renovado e coletivizado” (MATTA, 2006, p. 36). Segundo este autor:

A relação desejada para uma escola, nesse ambiente, tende a ser a de grupos de indivíduos que interatuem, mutuamente, na exploração e experimentação de questões relevantes a seus objetivos e tarefas e que utilizem o ambiente informatizado como mediador de parte importante do seu aprendizado.

A partir destas considerações percebe-se o quão oportuno é ensinar História sob uma perspectiva sócio-interacionista. De acordo com esta concepção, o professor de História deve articular e promover situações de aprendizagem em que sujeitos participantes, através de interações e de elementos mediadores, se envolvam ativamente com as atividades propostas, e que através de procedimentos como fornecimento de pistas, assistências pedagógicas e demonstrações de como fazer, seja incentivada a capacidade de levantar e interpretar fontes históricas; criar hipóteses que conduzam à aquisição de conhecimentos geradores de soluções e produtores de novos conceitos e significados. Desta forma o professor estará promovendo

um ambiente sócio-cultural que possibilite alterações qualitativas no desempenho de seus alunos em termos de desenvolvimento de suas inteligências, habilidades, atitudes e valores. Faz-se importante salientar que um ambiente de aprendizagem onde se estimule a colaboração entre os alunos, permitindo que estes promovam à troca de informações e estratégias e até mesmo se sintam a vontade para recorrer ao professor como fonte de consulta, pode contribuir para que uma simples tarefa se converta em “um projeto coletivo extremamente produtivo para cada indivíduo” (OLIVEIRA, 2010, p. 66). Ainda no que diz respeito à relevância da interação como forma de negociação em que os sujeitos busquem auxiliarem-se mutuamente para resolução de problemas:

É interessante observar que, em situações informais de aprendizado, as crianças costumam utilizar as interações sociais como forma privilegiada de acesso à informação: aprendem regras de jogos, por exemplo, por meio dos outros e não como resultado de um empenho estritamente individual na resolução de um problema. Qualquer modalidade de interação social, quando integrada num contexto realmente voltado para a promoção do aprendizado e do desenvolvimento, poderia ser utilizada, portanto, de forma produtiva na situação escolar (IDEM, 2010, p. 66)

Os jogos e modelos virtuais, assim como os objetos de aprendizagem que apresentam potencialidade em promover simulações do real são bastante adequados a este tipo de situação. Esses ambientes, com diversificados graus de imersão, constituem-se em locais propícios a circunstâncias de intensa negociação e diálogo entre os sujeitos presentes na sua área de abrangência. Estes mundos imaginários constituídos de enredos, tramas, narrativas e que servem como uma representação da realidade, são ricos em significados e regidos por regras preestabelecidas, que na grande maioria das vezes buscam apresentar uma correspondência com as ocorrências do mundo real. Esta característica condiciona sobremaneira o comportamento dos sujeitos, pois eles passam a agir como se estivessem vivendo aquele momento. Suas atitudes estarão sempre pautadas na busca por soluções, uma vez que intencionam vencer os obstáculos e responder satisfatoriamente às questões postas. A utilização deliberada destes recursos tecnológicos, voltada para finalidades pedagógicas contribuirá de forma decisiva para um ambiente cognitivo que favoreça o aprendizado e desenvolvimentos dos estudantes de história ou de qualquer outra disciplina.

O quadro 5 socializado por Matta (2006), pode ser entendido como uma comparação que contrapõe o modelo de ensino tradicional a abordagem sócio-interacionista que norteia nossa pesquisa:

PARADIGMAS EDUCACIONAIS	
Aprendizagem do Século XX (centrada no docente)	Aprendizagem do Século XXI (centrada no discente)
Aula expositiva	Processo de facilitação
Aprendizagem individual	Aprendizagem coletiva
Estudante expectador	Estudante colaborador
Professor é fonte	Professor guia
Conteúdo estável	Conteúdo dinâmico
Homogeneidade	Diversidade
Avaliação e testes	Performance

Quadro 5 – Paradigmas Educacionais

Fonte: MATTA, Alfredo E. R. **Tecnologias de Aprendizagem em Rede e Ensino de História**. Líber Livro Editora, 2006

Neste trabalho, que se utiliza dos pressupostos teóricos da abordagem sócio-interacionista como fundamentos para sua aplicação e análise, Matta (2006) examina a aplicabilidade dos ambientes informatizados e dos sistemas de autoria de hipermídia organizados em comunidades de aprendizagem (CA) como mediadores da construção do conhecimento. Através de sua investigação procurou averiguar a eficiência e eficácia de sistemas de educação e formação que façam uso de procedimentos pedagógicos de autoria de hipermídia como metodologia para o ensino-aprendizagem. A aplicação prática de sua pesquisa, junto aos alunos da 8ª série do Instituto Social da Bahia, valeu-se das metodologias de autoria de hipermídia individualizada e colaborativa para o ensino de História e, no que diz respeito aos aportes metodológicos, levou em consideração as contribuições dos teóricos Louis Not defensor da aplicação de uma pedagogia de projetos voltada para resolução de problemas; John Dewey, adepto de uma epistemologia da experimentação; Carl Rogers e sua postura na defesa da autenticidade dos temas a estudar e dos participantes do processo de aprendizagem; de Vygotsky, Brunner, Marta Oliveira e Willian Doll Jr na definição dos conceitos de interação, mediação e zona proximal de desenvolvimento; David Jonassen em sua exposição do conceito de ferramentas cognitivas; Robert Martineau e sua concepção do pensar histórico; Matthew Maurer e George Davidson que com seus trabalhos influenciaram a aplicação do modelo pedagógico adotado à informática educacional (MATTA, 2006).

Um outro trabalho que ilustra bem o que vem sendo dito, de autoria da pesquisadora Ana Verena Carvalho, discorre sobre o ensino de História e também se utiliza da abordagem sócio-interacionista para promover um ensino crítico, reflexivo e contextualizado desta disciplina. Fundamentada nas idéias de Paulo Freire e no contexto contemporâneo de emergência das TICs, ela propõe uma utilização contra-hegemônica destas tecnologias digitais, de modo a contribuir em processos sócio-educacionais transgressores. Acredita ela que esta apropriação crítica representa um semear condições que podem concorrer para superação da opressão a

que uma parcela significativa da humanidade está submetida. Almeja-se então, proporcionar uma compreensão profunda da História da qual possa derivar um processo de articulação constante entre a construção de uma consciência crítica e a prática de vida cotidiana, ou seja, a conscientização.

Na sua abordagem sobre a Historiografia enquanto uma construção sócio-interativa Carvalho (2008) chama a atenção para o fato de que o historiador, como um sujeito que trabalha diretamente com as interpretações históricas, precisa ter clareza do papel sócio-político que lhe cabe.

Assim, ao trabalhar com o conceito de Historiador Orgânico, Verena (2008, p. 47) define que:

Nessa perspectiva o historiador passa a ser um facilitador, um articulador da construção conjunta, em detrimento da metodologia historiográfica tradicional, esta se referindo à análise e escrita não compartilhada com outros sujeitos. Dessa forma, podemos compreender a proximidade do seu trabalho com o trabalho de um professor sócio-interacionista, assim como visualizamos a necessária relação entre Pesquisa e Ensino prevista numa construção de consciência crítica.

A experimentação da sua proposta metodológica ocorreu em um curso a distância certificado pela Pró-Reitoria de Extensão da UNEB (PROEX), com professores de História de diferentes regiões da Bahia. No curso “História de Canudos em Metodologia Freireana” ela construiu uma proposta de planejamento do ensino de História freireano, adaptando as etapas do método Paulo Freire para a alfabetização as etapas correspondentes no ensino de História, ficando esta tarefa assim sistematizada:

**1ª etapa:**

1. Pesquisa do universo sócio-histórico dos educandos;
2. Escolha dos conteúdos Históricos a serem trabalhadas;

**2ª etapa:**

1. Análise da relação entre os temas presentes no universo sócio-histórico e os temas que perpassam os conteúdos Históricos a serem trabalhados;
2. Escolha do(s) Tema(s) Histórico(s) Gerador(es).

**3ª etapa:**

1. Ocorre a construção de situações problemas com base no(s) Tema(s) Histórico Gerador(es).

**4ª etapa:**

1. Sistematização das propostas de discussão com base nas situações construídas na terceira etapa.

**5ª etapa:**

1. Momento de planejamento do trabalho com as especificidades do conhecimento histórico, que consiste em:
  - a) seleção de fontes históricas a serem disponibilizadas ou indicadas;
  - b) elaboração de uma proposta de síntese a ser desenvolvida pelos educandos como exercício final.

Os resultados desta pesquisa foram reveladores de uma aprendizagem significativa, contextualizada e colaborativa e rendeu a sua proponente o título de Mestre conferido pela UNEB.

A exemplificação destes dois trabalhos vem ao encontro das expectativas desta investigação, pois conforme dito anteriormente estaremos seguindo esta mesma abordagem teórica para fundamentar, aplicar nossa pesquisa e testar a validade de seu objetivo, questões e resultados. Assim nossa intenção é construir um ambiente virtual que proporcione diálogos e sucessivas mediações e interações entre os sujeitos contemporâneos e seus pares no século XVI, representados digitalmente pela muralha que circundou a cidade do Salvador no início do século XVI; algumas construções em seu entorno; pelos personagens que a construíram e outros que viviam fora dela e até mesmo antecederam a sua construção. As questões postas pelos personagens e paisagens do sistema deverão fomentar situações que conduzam os alunos a adotarem uma postura analítica fundamentada no levantamento das fontes históricas; na formulação de hipóteses e na síntese interpretativa, conforme recomenda o conceito de pensar histórico proposto por Robert Martineau.

### **3.4 A SIMULAÇÃO SÓCIO-INTERACIONISTA NO DESIGN PEDAGÓGICO DO SÉCULO XVI**

Para Barbosa e Rabaça (2001), do ponto de vista audio-visual, um objeto simulador se apresenta como um recurso didático para criar um ambiente de realidade, através de modelos que possuem certa semelhança com o objeto original quanto ao aspecto ou quanto aos efeitos. Neste sentido buscamos mediante levantamento, análise e interpretação dos documentos históricos e fontes iconográficas reconstruir tridimensionalmente a cognição e o contexto histórico do século XVI, mais especificamente a muralha, seu entorno, os personagens e a vida social que se desenvolveu neste período compreendido entre os anos de 1549 a 1551. Com este ambiente virtual aspiramos abrir portas, criar canais para que as pessoas do século XXI se comunicassem dialogicamente com o século XVI, provocando nestes visitantes contemporâneos o desejo de interagir e dialogar polifonicamente com este passado que também tem suas questões e suas múltiplas vozes que interrogam o presente de modo a obter respostas ou provocar novas discussões que suscitem uma zona cognitiva comum entre estes dois tempos, onde seus interlocutores, por meio de uma mediação colaborativa, mostrem uns aos outros aquilo que sozinhos não são capazes de ver. Segundo Bakhtin (2003), independente da época, as pessoas se encontram quando dialogam; o homem se constrói a partir da interação com outros homens.

Assim como Bakhtin, Benjamin (apud Tonácio e Pacheco, 2004) também se preocupava com o rumo que a palavra vinha tomando nas sociedades industriais e tecnológicas: seu endurecimento, sua monologização, sua perda de expressividade e burocratização. Ele propõe, mediante as dimensões estética e dialógica presentes na literatura, o resgate do potencial criativo e formador da consciência subjetiva inerente a linguagem.

Assim o diálogo assume uma importância fundamental para a formação do sujeito e de sua humanidade, pois permite que as pessoas se encontrem, interajam e troquem experiências, tida aqui como toda a ação realizada para além do tempo vivido, além do momento imediato de sua realização.

Em nosso modelo o que pretendíamos ao lançar mão deste conceito de dialogismo e polifonia era que os sujeitos se encontrassem e através de suas múltiplas vozes, independente do espaço e tempo, pudessem se auxiliar a construir novos e significativos aprendizados, capazes de fortalecer a sua base reflexiva a respeito da história e de seu papel no mundo enquanto sujeito social.

Em Vigotsky, esta zona cognitiva a que nos referimos é definida como zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Igualmente depende da linguagem, interação e auxílio mútuo entre os sujeitos sociais no ato de se construírem e atribuírem significado as suas existências, coisas e ambientes que os rodeiam e dão sentido concreto a suas vidas. Este conceito de ZDP se relaciona com dois níveis de desenvolvimento: nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial.

O primeiro nível de desenvolvimento real se caracteriza por aquilo que o sujeito já é capaz de realizar sozinho. “São resultado de processos de desenvolvimento já completados, já consolidados” (OLIVEIRA, 2010, p. 61). Por seu turno o nível de desenvolvimento potencial diz respeito à capacidade do sujeito de desempenhar tarefas desde que haja a mediação de alguém ou algo capaz de lhe fornecer pistas, fazer demonstrações elucidativas, dar assistência durante o processo<sup>5</sup>.

Em nosso modelo da antiga muralha da cidade do Salvador e seu entorno, o nível de desenvolvimento real se caracteriza pela história de vida dos sujeitos do século XVI e XXI, algo que julgamos fundamental para que o sistema se apresente enquanto ambiente sócio-interacionista.

Por sua vez o nível de desenvolvimento potencial evidencia-se mediante as pistas visuais dos diversos elementos modelados, assim como pelas questões postas pelos personagens do século XVI, que são questões, que independente do tempo, permeiam a vida atual dos sujeitos do século XXI. Um dos exemplos das pistas visuais fornecidas pelo modelo está na diferença entre as construções dos prédios oficiais, todos de pedra e cal cobertos com telha e as casas populares construídas com varas entrelaçadas, preenchidas com barro e cobertas de palha. Este aspecto arquitetônico diversificado denota um elemento de diferenciação social, algo que ainda persiste de forma bem visível nos dias atuais.

Que destas interações sociais estabelecidas por estes atores, considerando estes dois níveis de desenvolvimento mencionados, abram-se possibilidades para que juntos estes sujeitos históricos do século XVI e XXI, em colaboração proporcionem a construção de novas, e constantes aprendizagens significativas.

Um ambiente com estas propriedades, cuja construção buscou fundamentação nos pressupostos do dialogismo proposto por Bakhtin, assim como no conceito de zona proximal e pensar histórico apresentados respectivamente por Vigotsky e Martineau levou em

---

<sup>5</sup> Idem, 2010.

consideração e atendeu aos seguintes requisitos para que se caracterizasse como um modelo sócio-interacionista:

<b>Requisitos sócio-interacionistas para construção da modelagem computacional proposta</b>
<b>O período a simular:</b> Início de 1549 a finais de 1551
<b>Ambientes e edificações da época:</b> muralha com seus baluartes, as portas da cidade, o fosso, a feira da cidade alta, a floresta, as ribanceiras, o hospital, o Colégio dos Jesuítas, a aldeia dos tupinambás, o caminho das escadarias, o Caminho do Carro, a Ermida da Conceição, a feira da cidade baixa, os baluartes da Ribeira das Naus, as Ferrarias, a Casa dos Contos, o Armazém, a Casa da Pólvora, as casas de populares, o carro de boi, as canoas, a caravela, a Ribeira das Naus, a Baía de Todos os Santos.
<b>Requisitos sócio-interacionistas para construção da modelagem computacional proposta</b>
<b>Elementos étnicos do século XVI</b> <b>Europeus:</b> portugueses colonizadores, piratas franceses, mercenários espanhóis, holandeses. <b>Africanos:</b> pretos da Alta Guiné e Ilhas portuguesas. <b>Indígenas:</b> Tupinambás. <b>Personagens diversos:</b> Tomé de Souza (primeiro Governador Geral do Brasil), Luís Dias (mestre de obras da cidade do salvador), Caramuru (náufrago português que vivia entre os Tupinambás), Diogo Moniz (diretor do Hospital Civil Nossa Senhora das Candeias), Domingos Rodrigues (encarregado de limpar a muralha da cidade do Salvador), Belchior Fernandes (encarregado de limpar a muralha da cidade do Salvador), Padre Vicente Rodrigues (Jesuíta, ensinava o catecismo a garotada indígena, além de manter a escola de ler e escrever), Padre Manuel da Nóbrega (fundou o primeiro colégio de jesuítas), Belchior Gonçalves (pedreiro, bombeiro e empreiteiro. Construiu a Casa da Pólvora), Fernão Dias (condutor de carro de boi), índios Tupinambás (habitantes nativos do Brasil). <b>Práticas sociais da época e interação entre os elementos étnicos</b> Relações sócias entre os elementos de uma mesma etnia Relações sociais entre os elementos pertencentes das três etnias predominantes (índio, português e negro) Organizações sociais Classes sociais
<b>Condições urbanas</b>
Muralha do século XVI e seu entorno, proporcionando correlações com o Século XXI; Ambiente de interatividade e construção coletiva. Salvador do século XXI.
<b>Período a simular:</b> século XXI acessando meados do século XVI (1549-1551)
<b>Sujeitos do século XXI</b>
Sujeitos contemporâneos locais, usuários de computador; Passado e presente dialogando polifonicamente, mediante os sujeitos históricos inseridos em seus contextos; Zona de contato para que os sujeitos do presente e do passado interagissem de modo a construírem soluções para as questões postas, para resolução de situações problemas.
<b>Condições urbanas</b>
Das relações dialógicas entre os sujeitos deveria brotar o nexa entre passado e presente histórico; O ambiente de mediação deveria motivar o sujeito contemporâneo a se envolver com o passado histórico de modo a vivenciá-lo e participar dele ativa e criticamente; Fazer com estes tempos históricos se tangenciassem, de maneira que seus representantes históricos construíssem relações e aprendizagens significativas.

Quadro 6: requisitos sócio-interacionistas para construção da modelagem computacional proposta.

Fonte: Adaptado da dissertação de mestrado da Professora Maria Antonia Lima Gomes. SENAI-CIMATEC, 2011

Do exposto no quadro 6 e de acordo com perspectiva sócio-interacionista amparada nos postulados de Vigotsky, Bakhtin e Martineau, procedemos neste próximo capítulo a modelagem da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu Entorno.

## **4 MODELAGEM DA MURALHA DE SALVADOR DO SÉCULO XVI E SEU ENTORNO**

### **4.1 MODELANDO SOB A ÓTICA SÓCIO-INTERACIONISTA**

Este capítulo teve como objetivo demonstrar como a integração de nossa pesquisa histórica com os recursos proporcionados pelas tecnologias da informação e comunicação, assim como a sua base teórica orientada pelos princípios da abordagem sócio-interacionista nos proporcionou a construção de um modelo computacional das muralhas e seu entorno, de modo que seus recursos interativos e de multimídia, os personagens e ambientes constituintes de seu cenário funcionassem como elementos mediadores entre o contexto histórico apresentado e o sujeito contemporâneo com sua historicidade. De fato, para se constituir em um ambiente autêntico de aprendizagem significativa este era um fator a ser considerado, pois estaria validando as experiências dos indivíduos na sua ação de elaborar e construir novos significados e aprendizagens. Assim também a tecnologia cumpriria uma importante função social de apresentar ao presente o conjunto conhecimentos produzidos a partir da ação histórica das gerações anteriores nos diversos tempos e espaços de sua vivência cotidiana. Desta maneira, seria dada ao sujeito social do presente a oportunidade de revisitar, experimentar e agir em um passado tão histórico quanto ele.

A partir de então passamos a expor e explicar os suportes tecnológicos; as fontes documentais; fontes imagéticas; o porquê de suas escolhas e de que forma estes elementos de apoio contribuíram para a construção de nossa pesquisa no sentido de explicitarem as bases textuais, iconográficas e tecnológicas que nos permitiram se aproximar, o máximo possível, da realidade física dos personagens; objetos e ambientes, bem como do contexto e relações

sociais vivenciadas por aqueles sujeitos históricos na primeira metade do século XVI na cidade do Salvador.

#### 4.1.1 MODELAGEM

Segundo Gouco (1997, pg. 7) modelar é “criar uma representação abstrata e simplificada de um sistema real, com a qual se pode explicar ou testar o seu comportamento, em seu todo ou em parte”. Conforme Bazzo (2011, pg. 45):

A modelagem pode ser concretizada mediante uma simulação construída através de ferramentas computacionais; a construção de uma maquete; a dedução de equações representativas do sistema; ou uma descrição formal no papel com diagramas e/ou palavras daquilo que se pretende construir.

Assim, o modelo é algo que representa o objeto real, com maior ou menor fidelidade. Ele permite que, pela observação e manipulação, tenhamos nossas necessidades de conhecimento e conceituação sobre um objeto satisfeitas.

Desta forma, podemos dizer que o objeto observado é o ponto de partida para qualquer processo de modelagem, pois temos que ter um objeto a reproduzir, seja ele concreto ou imaginário. Conseqüentemente, torna-se necessário fazer um levantamento, investigação e análise do que se pretende modelar para que o modelo possa contemplar o objeto modelado. Seguindo então estes três procedimentos construímos o nosso modelo, de maneira a permitir que os sujeitos contemporâneos pudessem interagir e aprender sobre os fatos e período histórico representados mesmo sem nele ter vivido. Desta maneira a história pode ser testada e experimentada, favorecendo a aprendizagem significativa e contribuindo com o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

As ferramentas computacionais que viabilizaram a construção deste nosso modelo foram: Blender 3D, Photoshop, engine Unity 3D e a linguagem de programação Java.

O Blender 3D permite construir interfaces para que o usuário possa interagir com o modelo, sendo muito utilizada na produção de filmes e jogos em terceira dimensão de elevada definição. Está disponível para as plataformas Windows, Macintosh, Linux e Solaris<sup>6</sup>.

Por se tratar de uma ferramenta open source (código aberto) pode ser usado livremente. Este fator teve uma grande influência para sua escolha, pois contrasta com o método tradicional que é utilizado pela esmagadora maioria das ferramentas de produção 3D, que se caracteriza

---

<sup>6</sup> BASTOS, Pedro. **Produção 3D com Blender**. Lisboa: Editora FCA, 2010.

pela prática de preços bastante elevados.

O Photoshop é software caracterizado como editor de imagem, sendo dotado de poderosa capacidade para a edição profissional de imagens digitais e trabalhos de pré-impressão. Está disponível para os sistemas operacionais Windows, Macintosh e Linux. Exerceu um papel muito importante em nossa modelagem, pois através de seus recursos para texturização pudemos simular os efeitos de cores, relevo e superfície, conferindo ao cenário projetado um aspecto mais realístico.

Já o Unity 3D é uma engine. Segundo Hirata (2011, p. 3):

Engine é um programa de computador e/ou conjunto de bibliotecas para simplificar e abstrair o desenvolvimento de jogos ou outras aplicações envolvendo gráficos em tempo real. Geralmente inclui um motor gráfico para renderizar gráficos 2D e/ou 3D.

Duas janelas desta aplicação foram bastante utilizadas durante a concepção da nossa modelagem. A janela Scene view (visão da cena), que se constituiu na forma principal de manipulação dos elementos visuais no editor de cenas, nos permitindo a precisa orientação, posicionamento e escala de todos gameobjects.

Por sua vez, a janela Game view nos possibilitou acompanhar o desenvolvimento de nossa aplicação, pois ao passo que íamos construindo o modelo podíamos verificar como ele seria exibido ao ser finalizado. Através dela podíamos ter uma prévia de como os elementos do cenário iam se comportando, no que diz respeito ao tempo de processamento, frequência de quadros por segundo, número de vértices renderizados, memória de textura utilizada. Através disto pudemos delimitar e controlar os recursos computacionais que seriam consumidos pela execução de nossa aplicação.

A linguagem Java nos permitiu programar algumas interações presentes no sistema tais como: movimentação mais rápida do usuário no passeio virtual, mediante o pressionamento simultâneo da tecla shift com as teclas de navegação; ativação do mapa do cenário; exibição da caixa de diálogo para que os estudantes pudessem se comunicar com os sujeitos do século XVI, respondendo aos seus questionamentos; exibição dos nomes das construções e o registro da passagem dos visitantes pelos pontos de acesso<sup>7</sup>. Esta foi a etapa final da concepção da nossa modelagem.

As etapas anteriores envolveram o desenho, texturização e acomodação dos objetos no cenário do modelo. Assim o muro e as construções foram sendo construídas aos pedaços, texturizadas e exportadas para a engine.

---

<sup>7</sup> São pontos estratégicos do modelo que serviram para indicar que o visitante passou por aquele lugar da cidade. Isto foi útil para quantificar o fator navegabilidade do sistema.

Para construir o muro importamos a planta da cidade para o Blender e fomos desenhando sobre aquele modelo icônico, os polígonos retangulares correspondentes aos pedaços de suas paredes. Em seguida texturizamos a parte desenhada e exportamos para engine. Dentro da engine juntamos os pedaços para compor o todo. Este procedimento foi necessário porque constatamos ser impraticável exportar grandes volumes de dados de uma aplicação para outra. Este mesmo método foi utilizado para a edificação dos demais prédios e elementos constituintes da nossa modelagem.

#### **4.1.2 RECOMENDAÇÕES A RESPEITO DO LOCAL PARA A CONSTRUÇÃO DA FORTALEZA**

Segundo Teixeira (2009) escolheu-se o sítio bem ao gosto das exigências herdadas das concepções medievais de defesa, coexistindo com as franquias de um porto inserido nos tempos mercantilistas que já marcavam sua presença. Assim a nova cidade fortaleza, deveria ser construída no topo de uma colina tendo ao poente uma ribanceira que atingia sessenta metros de altura, a leste uma vala de difícil transposição. “Lembraria o Porto, plantado na costa do Douro, o paredal fernandino suspenso sobre a várzea, ou Lisboa de antes da expansão da Barra do Tejo, torreada nos altos de São Jorge, a povoação amoiriscada da Alfama sob a direta proteção daqueles muros Árabes” (CALMON, 1949, p. 163).

Além destes aspectos físicos, favoráveis a segurança da nova cidade, para reforçar a sua defesa contra o ataque dos índios e a investida dos corsários estrangeiros, deveria ser providenciada a construção de uma muralha com seis baluartes e duas portas, uma para o norte e outra para o sul.

E todas as coisas que fossem necessárias a tal empreendimento deveriam obedecer as determinações prévias do regimento de Almerim.

Desta forma, e de conformidade com o CEAB (1998), assim como os relatos de Carneiro (1949) e Calmon (1949), determinava-se que:

1. Quanto ao sítio em que se deveria limitar a cidade do Salvador:
  - a) deveria ser um lugar sadio, de bons ares e abastança de água;
  - b) precisaria ter condições para o funcionamento de um porto, em que pudessem amarrar e serem mantidos e consertados, se necessário, os navios em trânsito.
2. No que concerne a fortaleza grande e forte:

- a) que fosse o sítio escolhido por uma equipe constituída por pessoas conhecedoras do local e, certamente, pelo mestre de obras e demais elementos capacitados que viessem com o governador, devendo satisfazer, no mínimo, a maioria das condições pré-citadas. Aí, seria construída uma fortaleza, de tamanho e feição acordes com o lugar de sua localização;
  - b) deveriam ser obedecidos os traços e amostras entregues em Lisboa. Por conseguinte, Luís Dias não possuía inteira liberdade de ação no particular, devendo-se conformar com os desenhos – traços e amostras – que vieram com Tomé de Souza.
3. No que se refere aos recursos humanos, acompanhassem Tomé de Souza para a obra de edificação da cidade diversos oficiais, dentre eles: empreiteiros, pedreiros, serralheiros, carpinteiros, calafateiros, cavouqueiros, tanoeiros, taapeiros, caieiros, telheiros, carvoeiros, além dos degredados.

No que diz respeito aos recursos materiais, fosse deixado a critério do mestre de obras da cidade a responsabilidade de opções, em função das condições aqui existentes. Por conseguinte, há uma enumeração de forma decrescente na preferência do emprego dos materiais, a saber:

- a) pedra aparelhada;
- b) pedra e cal;
- c) pedra e barro, ou taipais;
- d) madeira.

Assim construiu-se a cidade levando-se em conta principalmente questões ligadas a segurança, mas sem esquecer de outros fatores como salubridade, boas condições de comunicação e navegação, bem como da disponibilidade e abundância dos materiais destinados a edificação das casas, prédios e muros.

#### **4.1.3 O QUE SERÁ MODELADO**

Das diversas plantas retratando os traços da cidade, muralha e seu entorno escolhemos este desenho que se segue na próxima página, pela riqueza em detalhes da sua área externa que muito se adequaram aos propósitos desta modelagem.

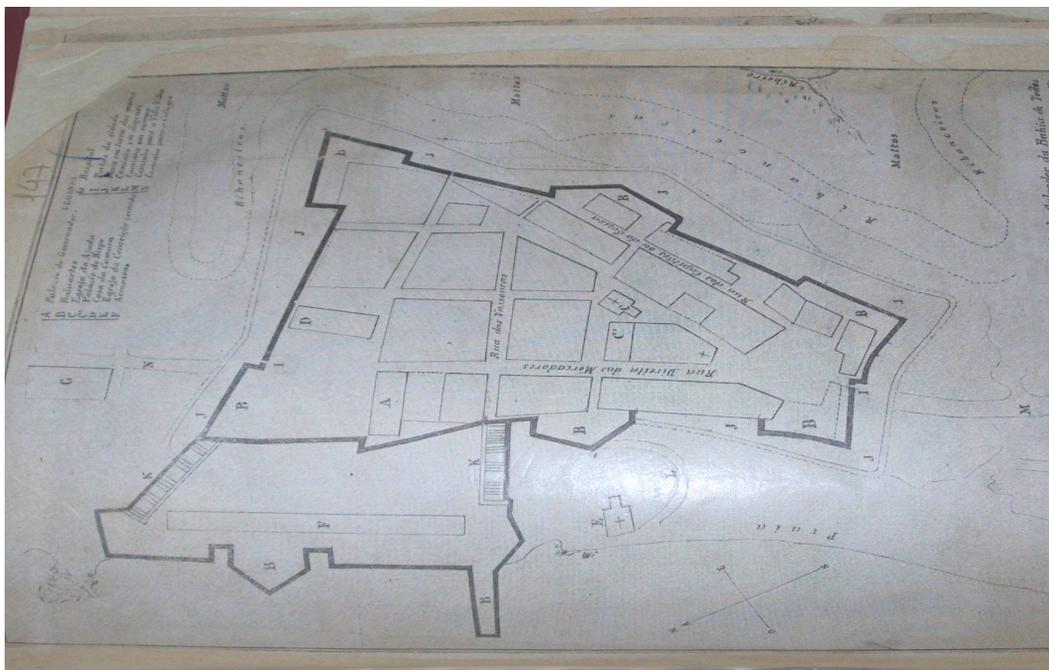


Figura 2: Planta da cidade do Salvador em 1549.

Fonte: SILVA, Alberto. Cidade de Tomé de Souza. Irmãos Pongetti Editores, 1949.

#### 4.1.3.1 LEGENDA SÓ DO QUE FOI MODELADO DA FIGURA APRESENTADA (ORDEM ALFABÉTICA)

- B - BALUARTES
- E - IGREJA DA CONCEIÇÃO
- F - ARMAZEM
- G - HOSPITAL
- I - PORTAS DA CIDADE
- J - FOSSE EM VOLTA DA MURALHA
- K - CAMINHO EM DEGRAUS - LIGA CIDADE ALTA E BAIXA
- L - CAMINHO EM RAMPA - LIGA CIDADE ALTA E BAIXA
- N - CAMINHO PARA O COLÉGIO

Além do que consta na legenda foram modelados na parte alta da cidade: a muralha; a ribanceira do lado leste da muralha; o Colégio dos Jesuítas; uma feira em frente à Porta de Santa Luzia e uma aldeia indígena próxima ao Colégio dos Jesuítas. Na cidade baixa: a única rua que aí existia; a Igreja da Conceição; a Ribeira das Naus; algumas casas residenciais; a Casa da Pólvora; as Ferrarias; a Casa dos Contos e uma feira perto da Igreja da Conceição. Fizeram parte ainda desta construção a modelagem de objetos, personagens e situações que

retrataram e contextualizaram as diversas práticas e relações sociais entre os sujeitos do século XVI e que incentivassem os usuários do presente a interagir com estes ambientes, seus personagens e utensílios.

#### **4.1.3.2 CONSTRUÇÕES DA CIDADE ALTA**

Desde cedo esta área demonstrou a sua forte vocação administrativa preestabelecida e delimitada pelo Regimento de Almerim. Seguindo esta orientação aí foram construídas a Casa do Governador; a Casa da Cadeia e da Câmara, repartições estreitamente ligadas ao poder central, representado pelo governador Tomé de Souza. Outras construções de apoio às demandas cotidianas também foram levantadas nesta parte da cidade: o açougue; um hospital; a Sé de palha; um poço. Segundo Calmon (1949) algumas moradias também foram erguidas para atender as necessidades habitacionais dos funcionários mais próximos da administração central, porém não foram muitas. Este conjunto arquitetônico a que nos referimos estava localizado no interior da muralha e foi objeto de pesquisa da Professora Maria Antônia, portanto não é parte principal de nosso estudo e modelagem. O foco de nosso trabalho é a muralha e seu entorno, aí incluída a cidade baixa.

##### *4.1.3.2.1 A MURALHA: SUAS MEDIDAS E CONFORMAÇÕES*

Partindo da Praça Municipal corria pela atual Ladeira da Praça até o começo da rua Ruy Barbosa, de onde convergia para o sul até o começo da atual Praça Castro Alves. Daí então pelo lado do mar, subia para o norte até encontrar de novo com seu ponto de partida. Media aproximadamente 1100 metros de comprimento assim distribuídos: 366 metros do lado da terra; 366 metros do lado do mar; 269 do lado norte, base do triângulo; 99 metros do lado sul, vértice do triângulo. Sua primeira construção foi de taipa sem cal, ou seja, terra socada, com altura de 3,60 cm. Na sua reforma foi utilizada a taipa grossa de barro, rebocado de cal por dentro e por fora com a altura rebaixada para 2,20 cm. Para reforçar a segurança e servir como pontos de vigília incorporaram-se a sua construção seis baluartes: dois na parte norte, dois na parte sul, um a oeste e outro a leste. O acesso era feito por duas entradas principais, na parte norte da cidade localizava-se a Porta de Santa Catarina e na extremidade sul assentava-se a

Porta de Santa Luzia. Havia ainda dois outros acessos bem pouco usados; um que fazia a comunicação com a baixada fronteira por uma ladeira com degraus, conhecida antigamente como Beco da Água de Gasto; e outro em posição correspondente à atual rua do Pau da Bandeira, dando acesso ao caminho do porto ou ribeira das naus, tendo parte em rampa e parte em degraus, constituindo-se na melhor ligação entre a praia e a cidade. Embora existissem estes outros dois acessos a cidade, modelamos apenas as duas portas principais, pois eles eram pouco utilizados e nós pretendíamos, sempre que possível, poupar recursos computacionais como forma de garantir uma melhor performance na execução do sistema.



Figura 3: Modelagem do lado norte da muralha.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.



Figura 4: Modelagem do lado sul da muralha.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.2.2 OS BALUARTE

Construções destinadas a permitir uma maior vigília, reforçando a segurança da cidade. Eram seis ao longo da muralha e mais dois na praia dos pescadores. Dos que compunham a muralha constatamos nos relatos de Carneiro (1949), Calmon (1949), Sampaio (1949) e nas descrições do CEAB (1998) apenas o nome de dois deles: São Tiago, localizado na Porta de Santa Catarina; São Tomé, Porta de Santa Luzia. Na praia dos pescadores foram construídos mais dois Baluartes plantados em cima de rochedos: São Jorge, na Ribeira do lado sul; mais para o norte na Ribeira estava o Baluarte de Santa Cruz.



Figura 5: Modelagem do baluarte de São Tiago.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.2.3 PORTA DE SANTA CATARINA

Estava localizada na parte norte da cidade, no início da Rua da Misericórdia, onde havia uma depressão natural do terreno, servindo de fosso, em posição correspondente à atual rua 28 de setembro. Sua modelagem se baseou no desenho que apresentamos a seguir:

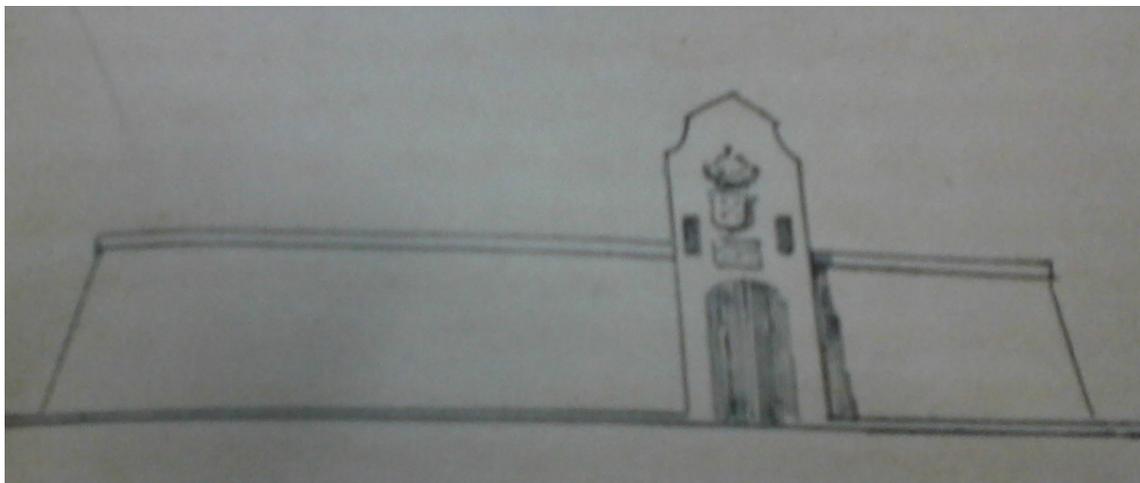


Figura 6: Porta de Santa Catarina.

Fonte: SILVA, Alberto. Cidade de Tomé de Souza. Irmãos Pongetti Editores, 1949.



Figura 7: Modelagem da Porta de Santa Catarina.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.2.4 PORTA DE SANTA LUZIA

Localizada na parte sul da cidade era uma porta mais movimentada e concorrida e também mais bem defendida, em consequência de maior facilidade de comunicação com o porto, por ficar mais próxima da feira com os naturais do país e por servir de acesso as pessoas que vinham, por terra, de Vila Velha e aos trabalhadores provenientes da cidade baixa. Sua modelagem teve como base o seguinte desenho:

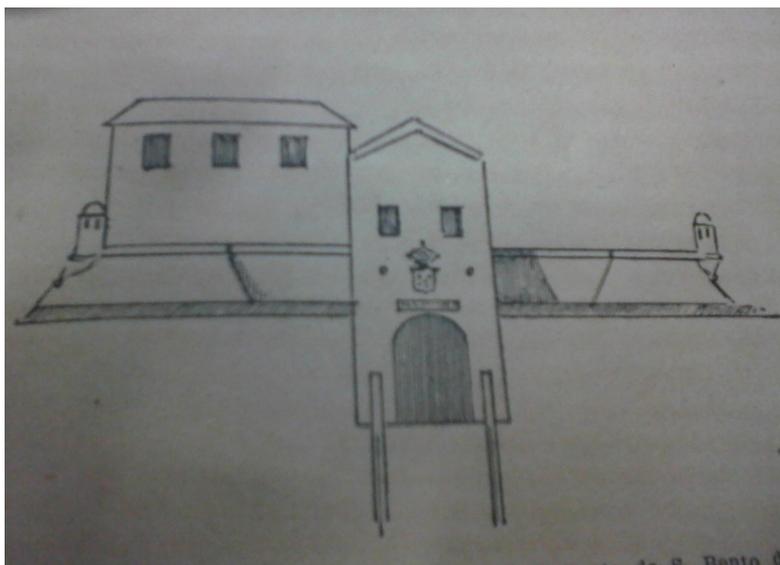


Figura 8: Porta de Santa Luzia.

Fonte: SILVA, Alberto. Cidade de Tomé de Souza. Irmãos Pongetti Editores, 1949.



Figura 9: Modelagem da Porta de Santa Luzia.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.2.5 O HOSPITAL CIVIL

Estava localizado ao norte da Porta de Santa Catarina, provavelmente no que se conhece hoje como Praça da Sé, no caminho que dava para o Colégio dos Jesuítas. Não encontramos nenhuma descrição textual e nem tão pouco alguma representação iconográfica de suas formas arquitetônicas. Sua modelagem obedeceu aos padrões da arquitetura colonial, bastante simples sempre com estrutura retangular. Sua cobertura foi de telha, padrão que adotamos para todos os prédios oficiais. Chamou-se inicialmente de Hospital Nossa Senhora das Candeias.

Existe uma discussão em torno da existência e localização deste prédio em relação ao período modelado (1549-1551). Tavares (2001) e Sampaio (1949) utilizam uma planta da cidade onde tal construção não se faz presente nesta época. Entretanto, Silva (1949) traz uma planta, dando conta da existência deste prédio já em 1549. Russel (1981, p. 39), falando sobre o ano de 1551 nos diz que “Nesta época, a cidade já possuía muitas casas, três igrejas, um hospital e um colégio Jesuíta situado além da muralha”. Seguimos a sugestão de Silva, pois foi a sua planta da cidade que utilizamos para efeito de nossa modelagem.



Figura 10: Modelagem do Hospital de Salvador.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.2.6 COLÉGIO DOS JESUÍTAS

Estava localizado na parte norte da cidade para além do Hospital Civil, onde hoje se situa o prédio da antiga escola de medicina, no terreiro de Jesus. Calmon (1949) relata que era uma construção de taipa de mão e de palha. Carneiro (1949) também o retrata como as demais construções da capital, simples choupanas cobertas de palma. Aí o padre Vicente Rodrigues ensinava o catecismo as crianças indígenas, além de manter uma escola de ler e escrever. Do seu cenário consta ainda uma horta. Baseamos a modelagem desta construção nesta figura abaixo.

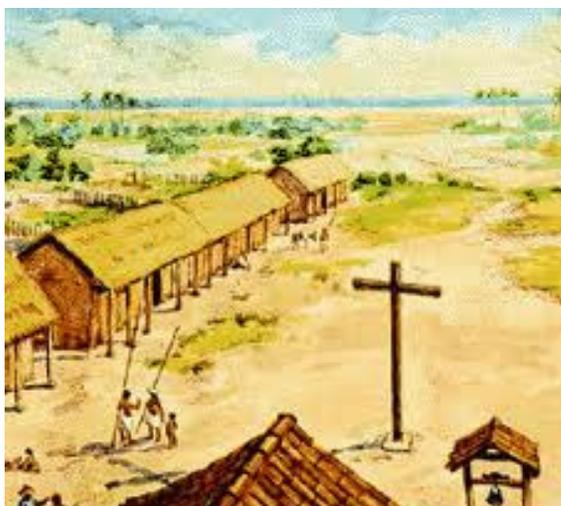


Figura 11: Aldeia Missionária século XVII.  
Fonte: <http://www.imagenshistoricas.blogspot.com/>.



Figura 12: Modelagem do Colégio dos Jesuítas.  
Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.



Figura 13: Modelagem da horta do Colégio dos Jesuítas (horta).

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.2.7 ALDEIA INDÍGENA

Calmon (1949, p. 60) descreve este aldeamento como:

Um conjunto de casas de madeira, cobertas de palha, com tetos até o chão. As portas não davam para a estatura média de um homem. Eram compridas, com portas nas extremidades, podendo abrigar de trinta a quarenta famílias. Dispunha de uma praça ao centro de bom tamanho, na qual acendiam grandes fogueiras por ocasião de seus folguedos. A esta praça chamavam de Ocara e nela estendiam suas redes; fabricavam as suas linhas e cordas de algodão; guardavam a madeira combustível e faziam suas farinhas.

Já Staden (1900, p. 124) nos fornece uma descrição bem mais detalhada a respeito deste local onde os indígenas abrigavam suas famílias, realizavam seus rituais e se defendiam de outras tribos rivais. Segundo este autor:

Geralmente suas cabanas medem 4 metros e meio de largura por 45 de comprimento por 3 e meio de altura. O teto é redondo como um abóboda. São cobertas com uma grossa camada de ramos de palmeiras. Cada casal tem um espaço na cabana correspondente a 3, 5 metros tendo cada um seu fogo para lhes aquecer. O centro da cabana é reservado ao chefe. Tem três portas, uma em cada extremidade e outra no centro de uma altura que para um adulto entrar ou sair tem que se abaixar. Dispostas na forma quadrangular têm ao centro das cabanas um terreiro onde promovem seus rituais e matam seus prisioneiros. Ao seu redor levantam uma cerca com troncos rachados de palmeiras com altura de 2,7 metros e bem justas, de modo a impedir que uma flecha possa ultrapassá-la. Por fora desta primeira cerca levantavam uma outra com varas grossas e compridas; espaçadas de tal maneira que não deixassem passar um homem.

É dele também o desenho que serviu de base a nossa modelagem da aldeia dos Índios.

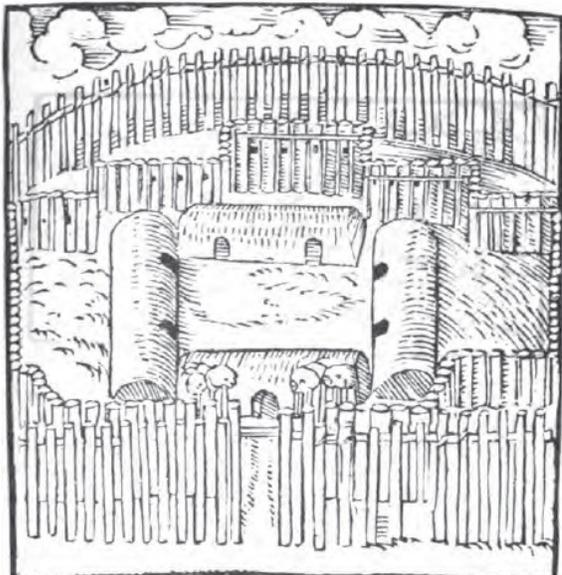


Figura 14: Aldeia indígena.

Fonte: STADEN, H. Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil. Typ. da Casa Eclectica, 1900.



Figura: 15. Modelagem da Aldeia dos Índios.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

### 4.1.3.3 AMBIENTES DA CIDADE ALTA

#### 4.1.3.3.1 O FOSSO

Circundava quase toda a muralha pelo lado de terra. Os portugueses o cavaram como forma de impedir a aproximação, dificultando desta forma tentativa dos inimigos em sobrepujá-la. Partia do baluarte intermediário pelo lado do mar, estendendo-se até o caminho de degraus depois da Porta de Santa Catarina. Não encontramos nenhum relato sobre sua profundidade, espessura ou se eram cheios de água. Optamos por fazê-lo vazio e difícil de ser escalado. Este fosso aparece na figura 2, como parte da planta que serviu a nossa modelagem.



Figura 16: Modelagem do fosso.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.3.2 AS RIBANCEIRAS

Acidente topográfico clássico iniciava na altura da Porta de Santa Luzia, subindo por toda lateral leste da muralha. Fazia uma curva em direção a Porta de Santa Catarina e em seguida direcionava-se para a garganta do Taboão. Influenciou decisivamente na escolha do ponto onde deveria assentar-se à nova fortaleza, por contribuir naturalmente com as características defensáveis desejáveis ao estabelecimento de uma povoação grande e forte, conforme determinava o Regimento de Almerim. Sua origem também remonta a figura 2.



Figura17 : Modelagem das ribanceiras.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.3.3 OS DOIS CAMINHOS DE DEGRAUS

Constituíam-se em meios de acesso e comunicação entre a cidade alta e baixa. Ficavam localizados no lado oeste da muralha. Um próximo a baluarte de São Tiago e o outro baluarte intermediário do lado do mar. Também aparecem na figura 2.

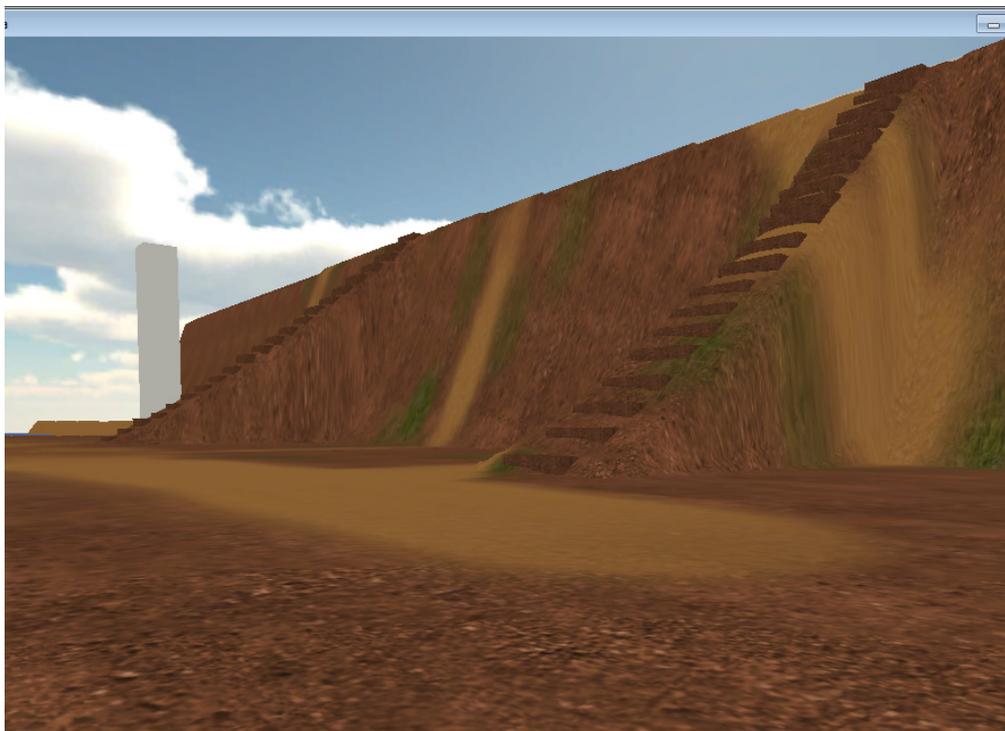


Figura 18: Modelagem dos Caminhos em degraus ligando a cidade alta com a cidade baixa.  
Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.3.4 CAMINHO EM RAMPA

Existem muitas controvérsias e algumas imprecisões de localização em relação a estes caminhos em declividade que proporcionavam a comunicação entre as partes alta e baixa da cidade. Para Russel (1981) eram quatro, Carneiro (1949, p. 83) afirma que “o porto se comunicava com a cidade por três caminhos – três ladeiras difíceis de vencer”. Já o CEAB (1998) sustenta que as ligações entre as partes alta e baixa da cidade, indispensáveis para os trabalhos de construção e, de comunicação entre as pessoas, bem como o transporte de coisas, foram inicialmente, duas, a saber:

O caminho que veio a ser conhecido como Ladeira da Conceição, que tinha início no alto, na Praça do Palácio, hoje Praça Municipal ou Tomé de Souza,

indo pela encosta até o ponto correspondente ao Baluarte São Tomé, daí continuando após mudar de direção em posição aproximadamente igual a da atual Ladeira da Conceição. Esse caminho, por seu pequeno desenvolvimento e, por conseguinte, alta declividade, mostrou-se inconveniente para o trânsito por meio de carros, o que levou a imediata construção do segundo, que partindo das imediações da Porta de Santa Luzia – atual Praça Castro Alves – seguia aproximadamente, pelos presentes traçados da Ladeira da Gameleira e da Preguiça, terminando na Ribeira dos Pescadores, defronte da Fonte das Pedreiras. A Ladeira construída por Jorge Dias, por seu maior desenvolvimento, tinha declividade menor, possibilitando o acesso por carro, razão pela qual foi conhecida como caminho do carro, e, posteriormente, em virtude da morosidade da subida dos carros de boi, Ladeira da Preguiça.

A construção do primeiro caminho foi creditada ao mestre Felipe Guilhem, estando sua construção terminada nos fins do ano de 1549. Pelo exposto no parágrafo anterior, em nosso modelo optamos por representar apenas o segundo caminho. Para esta decisão levamos também em consideração os custos computacionais e problemas de gargalo de dados, conseqüentes de um cenário congestionado por pesados objetos e texturas.



Figura 19: Modelagem do Caminho em declive ligando a cidade alta com a cidade baixa.  
Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.3.5 A FEIRA EM FRENTE À PORTA DE SANTA LUZIA

Mediante um sistema instituído pelo governador, estas feiras aconteciam semanalmente e se constituíam em importantes pontos de intercâmbio comercial, cultural e social entre os nativos e os habitantes da cidade. Os portugueses expunham machados, tesouras, anzóis, pentes, espelhos, carapuças, dentre outros produtos. Por seu lado os índios traziam animais que caçavam, peixes que pescavam, mel, cestos, vasilhas, farinha de peixe, redes que fabricavam. Assim cada um se abastecia daquilo que necessitava e não possuía. A feira também serviu como estratégia para controlar e organizar o contato entre estes dois povos, uma vez que experiências anteriores mostraram que quando isto aconteceu de forma desordenada ocasionou conflitos prejudiciais para ambos os lados. Esta feira foi imaginada a partir da descrição das fontes textuais que narram a sua localização e os produtos que nela eram comercializados.



Figura 20: Modelagem da feira.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.3.6 A VEGETAÇÃO

Uma grande variedade de árvores, arbustos, cipós, trepadeiras, hortaliças, palmas, verduras, mata de mangues compunham a flora baiana quando Tomé de Souza chegou por aqui no ano de 1549. Desta riqueza e variedade vegetal se aproveitavam os nativos e portugueses para suprir suas necessidades alimentares, construtivas, medicinais e ornamentais.

A seguir apresentamos o quadro 7 com algumas variedades aqui existentes e suas respectivas utilizações e que serviu para que imaginássemos a modelagem das matas:

Quadro da Flora Brasileira – Século XVI		
Classificação	Espécime	Utilização
Árvores agrestes de grande porte	Cedros, carvalhos, vinháticos, angelins, copaíba, caborebas, maçaranduba.	Construção de casas, ocas, cercas, galeões e canoas.
Árvores para tinturaria	Pau-Brasil, tataiuba, arariba.	Produção de corantes para tinturar tecidos.
Árvores frutíferas	Sasapocaias, Jenipapeiro, gytis, cajueiro, laranjais, limoeiros, romãs, marmelos, figos, parreiras, melancias, melões; ananás.	Alimentação. O Jenipapeiro produzia uma tinta com a qual os Tupinambás tingiam suas pernas.
Cipós	Timbó, cipó das câmeras.	Serviam como amarras para atar os caibros, ripas e todo madeirame das casas, para o fabrico de cestos e redes. Eram vendidos nas feiras forma de rolo.
Mata de Mangues	Manguezais	Utilizados como madeira de cercas e caibros para as casas. O baluarte da Ribeira das naus foi construído com madeira de mangues devido sua grande resistência.
Palmas	Palmeirais, coqueiros, dendezeiros.	Eram muito usadas na cobertura das casas dos novos moradores da cidade e também das Ocas dos índios. O palmito e o dendê eram utilizados na culinária.
Trepadeiras	Caragatá, favas, feijões, maracujá.	Alimentação.
Trepadeiras	Caragatá, favas, feijões, maracujá.	Alimentação.
Verduras	Batata, abóbora, milho, mandioca, inhame	Alimentação.
Hortaliças	hortelã, endros, coentro, segurelha, alfaces, celgas, borragens.	Alimentação.
Árvores e plantas medicinais	Sassafrás, árvores de funcho, canafistula brava, anudaz, fedegoas, ambaibas, caroba.	Produção de sumos, óleos, chás e bálsamos medicinais.

Quadro 7: Flora brasileira século XVI.

Fonte: VICENTE. Salvador [Frei]. História do Brasil (1500-1627). Juruá Editora, 2009.

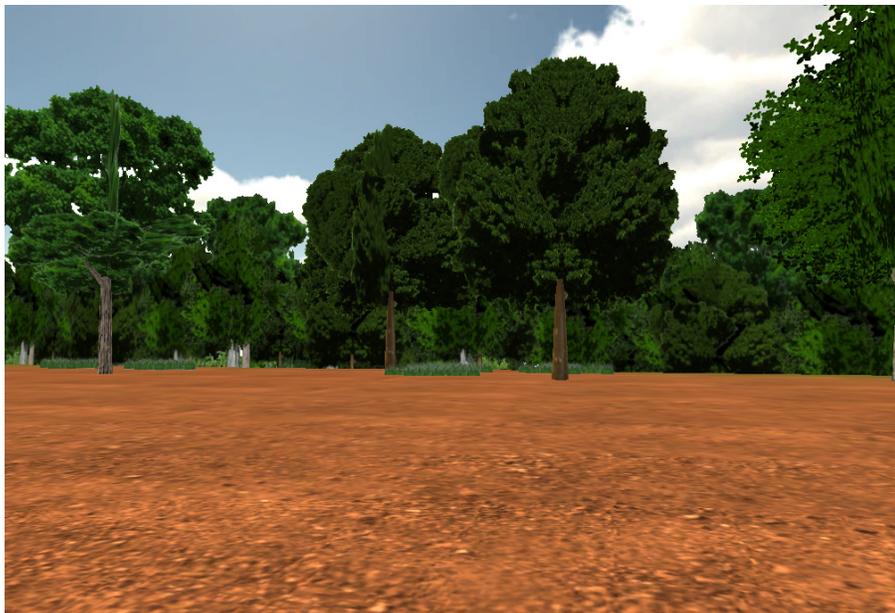


Figura 21: Modelagem das matas.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.3.7 OS ANIMAIS

Apesar de apresentarmos o quadro 8 com as classificações e espécie de animais encontrados em nossa pesquisa, não nos foi possível modela-los, pois a aplicação começou a ficar muito pesada, tornando seu desempenho muito lento, prejudicando o passeio virtual.

Quadro da Fauna Brasileira – Século XVI	
Terrestres	Cavalos, vacas, porcos, ovelhas, cabras, capivaras, antas, veados, coelhos, cutias, pacas, tatus, tamanduás, onças, tigres, raposas, guaribas, jaritacacas, preguiças, taibus, cobras.
Aquáticos	Baleias, espartates, botos, majacus, caranguejos, briguigões, amêijoas, mexilhões, búzios, gaiamus, camarões, lagosts, polvos.
Aves	Galinhas, patos, pombos, perus, jacus, perdizes, rolas, águias, emas, garças, guarás, papagaios, araras, canindés, tapeis.

Quadro 8: Fauna brasileira século XVI.

Fonte: VICENTE. Salvador [Frei]. História do Brasil (1500-1627). Juruá Editora, 2009.

#### 4.1.3.4 A CIDADE BAIXA E SUAS CONSTRUÇÕES

Segundo o CEAB (1998) o movimento maior, nos primeiros tempos, desenvolveu-se na parte baixa, também conhecida com o bairro da praia, onde se erguia as oficinas; os depósitos; armazéns, as ferrarias; a Casa da Fazenda e Contos; a Casa da Pólvora; a Ermida da Conceição; os ranchos dos artífices e obreiros; bem como os estabelecimentos ligados a navegação, desembarque de mercadorias, concerto de naus e caravelas, à pesca. Trabalhariam na Ribeira os marinheiros, os pescadores, os calafates, os funcionários e serventes dos armazéns, além da maioria dos mestres, oficiais e ajudantes, possuindo inicialmente maior população e casario em relação à cidade alta. Carneiro (1949) e Calmon (1949) concordam de que no porto tinha apenas uma rua, encostada no paredão da montanha.

Existem controvérsias com relação ao material utilizado na cobertura das construções dos prédios públicos aí localizados. Carneiro (1949, p. 78) enfatiza que “todos os edifícios públicos eram cobertos de palma, depois em 1551 telhados com telha”. Já em Calmon (1949) encontramos que estes prédios foram construídos com pedra e barro, rebocados com cal e telhados com telha. Optamos por modelá-los cobertos com telhas para diferenciar das casas habitacionais as quais cobriremos com palha.

Havia ainda no porto dois baluartes: “o de São Jorge, construído com madeira de manguê, estava plantado em cima de um rochedo, na Ribeira do lado Sul. Mais para o Norte estava o baluarte Santa Cruz, construído por Pero André. Era de Taipa” (CARNEIRO, 1949, p. 49).

##### 4.1.3.4.1 A RIBEIRA DAS NAUS

Começamos por esta edificação por ser ela considerada a construção mais importante da cidade baixa. Foi construída sob a direção de Pero de Góis, capitão-mor da costa, daí ser também conhecida como Ribeira do Góis. Servia de ancoradouro para as naus e caravelões, de doca naval e de estaleiro de reparação. As canoas e barcos carregados de mercadorias e materiais diversos, provenientes do intenso comércio que se verificava entre a Vila do Pereira e a cidade, encontravam neste porto local apropriado para o desembarque de suas cargas.

A seguir apresentamos figura 22 que retrata o Porto de Lisboa no século XVI e serviu como referência a nossa modelagem.



Figura 22: Porto de Lisboa no século XVI.

Fonte: <http://www.historiadoscorreios.blogspot.com/>

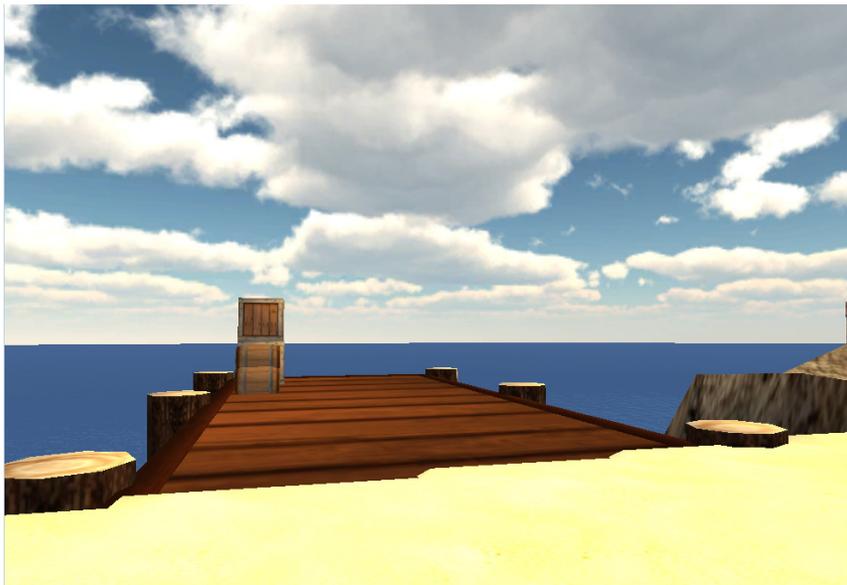


Figura 23: Modelagem da Ribeira das Naus.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.4.2 A ARMAZEM

Foi construído sob a direção de Pero de Carvalhais e destinava-se a guardar materiais de construção (pedras, toras de madeiras, ripões, cal, telhas); ferramentas (pás, enxadas, foices, facões, serrotes, martelos, marretas, machados); mantimentos (sal, farinha, trigo, arroz, feijões, batatas, milhos, vinhos). Tomamos como base para nossa modelagem a figura 24.



Figura 24: Planta de Salvador no início do século XVII.  
Fonte: CEAB. Pallotti, 1998.



Figura 25: Modelagem do Armazém.  
Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.4.3 CASA DOS CONTOS

Constituiu-se numa das mais antigas e tradicionais repartições portuguesas, ordenava e fiscalizava as receitas e despesas da cidade, mediante os livros de registros contábeis. A exemplo de todos os prédios públicos da cidade baixa foi construída de pedra e barro, rebocada com cal e coberta com telha. Por não ter uma descrição detalhada de suas dimensões ou quaisquer outros detalhes estruturais adotamos o padrão da Casa dos Contos de Ouro Preto. Porém, cabe aqui ressaltar que, por ser Ouro Preto uma cidade mais rica em função de se localizar numa região de intensa extração de ouro, a sua Casa dos Contos apresenta uma aparência mais suntuosa do que de fato deve ter sido construída a da cidade do Salvador.



Figura 26: Casa dos Contos Ouro Preto

Fonte: <http://www.esaf.fazenda.gov.br/casa-dos-contos/index2.htm>.



Figura 27: Modelagem da Casa dos Contos.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC. 2011.

#### 4.1.3.4.4 CASA DA PÓLVORA

Incorporada aos Armazéns Reais de Salvador, subordinados ao Provedor-mor da Fazenda Real do Brasil, tinha como função armazenar as armas e munições destinadas a garantir os propósitos colonizadores da metrópole portuguesa. Também não encontramos maiores detalhes sobre as conformações arquitetônicas desta construção, por isso adotamos como referência esta fotografia da Casa da Pólvora de João Pessoa.



Figura 28: Casa da Pólvora de João Pessoa

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/izrael/88925164/>



Figura 29: Modelagem da Casa da Pólvora.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.4.5 AS FERRARIAS

Segundo Carneiro (1949) e o CEAB (1998) estava localizada próxima a Ribeira das Naus e pela necessidade do fabrico de ferramentas a serem utilizadas nas obras de edificação da cidade, assim como de armamentos para sua defesa foi, provavelmente, junto com o armazém, uma das primeiras construções a serem levantadas em Salvador. Constituiu-se na primeira oficina metalúrgica do Brasil. No quadro a seguir destacamos alguns tipos de ferramentas e armas aí fabricados:

<b>Quadro de ferramentas, peças e armas - Ferraria</b>	
Peças	Forjas, malhos, fráguas, bigornas, peças de ferro para as embarcações.
Ferramentas	Bicos de pás, enxadas, machados, facões, foices, martelos, marretas dentre outros.
Armas brancas	Ferros de lanças, adagas, espadas, bestas, virotões.
Armas defensivas ou “Corpo de alma”	Peitorais, espaldares e bacinetes.
Armas de fogo	Arcabuzes e mosquetes

Quadro 9: Ferramentas, peças e armas.

Fonte: VICENTE. Salvador [Frei]. História do Brasil (1500-1627). Juruá Editora, 2009.

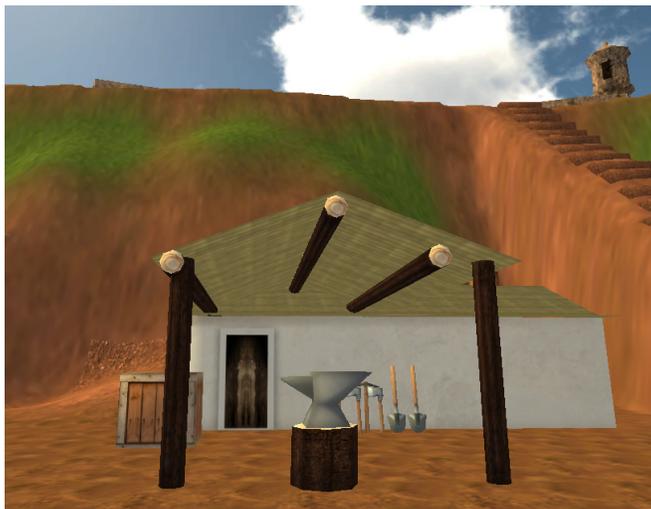


Figura 30: Modelagem das ferrarias.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.4.6 AS CASAS RESIDENCIAIS

De início a Cidade Baixa foi palco de maior população e casas residenciais, para atender a demanda dos trabalhadores que se dedicavam às atividades construtivas da nova cidade. Este pequeno acampamento de casas construído ao modo gentílico, com parede de mão e cobertas de palha, era conhecido como “povoação da praia” Russel (1981, p.38). Aí residiam os pescadores, os calafates, os funcionários e serventes do armazém, além da maioria dos mestres, oficiais e ajudantes. Para modelar os casebres, além das informações fornecidas por Russel seguimos a descrição de Smith (1951, p. 34), onde ele destaca que “cada casa tem apenas uma porta e uma janela, isto é, a unidade básica de habitação nas cidades coloniais brasileiras”.



Figuras 31: casa de barro.

Fonte: [www.flickr.com](http://www.flickr.com)



Figuras 32: casa de barro.

Fonte: [www.flickr.com](http://www.flickr.com)



Figura33: Modelagem das casas residenciais da Cidade Baixa.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.4.7 OS TRANSPORTES E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O intenso transporte de mercadorias, entre a Praia dos Pescadores e a Vila do Pereira se fazia com canoa, a ubá dos índios, em barcos a vela e em caravelões. Eram os materiais de construção, munição de guerra, mantimentos, farinha de peixe, o carvão vegetal, a cal e as telhas que vinham à cidade por mar, desembarcando na Ribeira das Naus. Deste porto estes materiais eram conduzidos por carros de bois e chegavam a cidade alta pelo então conhecido caminho do carro. Eram produtos alimentícios comercializados nas feiras, ou que serviriam para dar continuidade às obras da cidade e ainda àqueles destinados a suprir as providências defensivas da nova fortaleza e povoação. As gravuras a seguir apresentam características úteis à modelagem dos referidos veículos:



Figura 34: Caravela século XVI.

Fonte: <http://www.alernavios.blogspot.com/>



Figura 35: Canoa Ubá indígena.

Fonte: <http://www.alernavios.blogspot.com/>



Figura 36: Modelagem das canoas.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.



Figura 37: Modelagem das canoas.

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

#### 4.1.3.5 GRUPOS ÉTNICOS

Para auxiliar Tomé de Souza no empreendimento de fundar e construir uma fortaleza e povoamento grande e forte, conforme determinações da coroa portuguesa vieram aproximadamente 1000 homens. Dentre eles incluíam-se 400 degredados, quatro padres jesuítas, um físico e cirurgião, um boticário, um patrão da ribeira das naus, um alcaide-mor, vários militares e diversos oficiais.

A defesa da cidade foi confiada a 320 soldados de nacionalidades mistas em serviço como mercenário, assim bombardeiros, piqueiros, arqueiros e mosqueteiros qualificados compunham o contingente militar. A população civil era composta de carpinteiros; pedreiros; azulejistas; caiadores e trabalhadores de taipa, estes representando o elemento português. Completando este quadro populacional juntaram-se, em número reduzido, os escravos africanos e, em quantidade bastante superior as outras etnias, os índios que dariam diversas e importantes contribuições à formação desta emergente sociedade que se constituía em torno deste novo núcleo citadino.

##### 4.1.3.5.1 O ELEMENTO PORTUGUÊS

Desde a sua Pré-História a Península Ibérica foi alvo de inúmeras ondas migratórias, sendo um apetecível território a que afluíram vários povos, em função da sua estratégica posição geográfica, assim como pelas muitas riquezas minerais que possuía. Revezaram-se hegemonicamente na ocupação territorial desta região, num período que se estende do século VIII a. C. ao século VIII d. C. povos norte-africanos; nórdicos, centro-europeus e asiáticos, destacando-se dentre eles os Fenícios, Cartagineses, Gregos, Celtas, Romanos, Suevos, Vândalos, Visigodos e Mouros.

Portanto, como podemos notar, os portugueses não eram um povo tão branco como proclama a historiografia oficial. Ott (1955, p. 36) enfatiza que “em todos os tempos os portugueses mostraram preferência pelo tipo moreno e escuro o que o faziam avançar para as terras que ocupavam. Foi reflexo do seu sangue às plagas tropicais. E foi este sangue que o tornaram capazes de empresas maravilhosas que não teriam desempenhado se lhe corresse puro sangue

européu nas veias”. Segundo ainda este autor, esta mestiçagem forjou no português um tipo racial europeu dos mais aptos a suportar o clima tropical. Para ele:

Pode-se dizer sem exagero que, só por isso conquistaram o Brasil e conseguiram sua unidade, apesar das invasões estrangeiras tão perigosas como foram os holandeses e franceses. A estas nações faltou à necessária percentagem de sangue negro nas veias, razão porque sucumbiram derrotados, mais pelo clima do que pelas armas (1955, p. 53).

Com relação à origem dos portugueses que vieram para a Bahia nota-se a seguinte ordem de predominância: a maioria veio de Entre Douro e Minho, destacando-se aí, por sua vez, a cidade do Porto e seus arredores; em segundo lugar vem a província da Estremadura, onde a maior parcela provinha de Lisboa; em terceiro lugar aparece a província de Beira e as ilhas de Cabo Verde, Madeira e Açores e com representações mais reduzidas a província de Traz os Montes, a região de Alentejo e a região de Algarve.

No que concerne a formação do povo e cultura baiana desempenhou importante papel o homem simples: os soldados, os pescadores, os pedreiros, os carpinteiros, os marceneiros, os serralheiros, os ferreiros, pintores e demais oficiais mecânicos que executam as plantas das igrejas e prédios, construíram as casas populares, encarregando-se também da fabricação das mobílias, prateleiras, balcões, dos adornos e de todas as outras coisas necessárias a vida cotidiana.

Os portugueses introduziram na cultura indígena ferramentas como o machado de ferro que facilitaram bastante o seu trabalho, pois em anos anteriores tinham que penosamente derrubar as árvores com machados de pedra, auxiliados pelo fogo. Os Jesuítas, desde logo, ensinaram-lhes vários ofícios pelos quais os índios se entusiasmaram. Aprenderam assim a fabricar as primeiras fazendas de algodão baiana, os ofícios de carpinteiro e também de ferreiro, desenvolvendo habilidades de reparar instrumentos quebrados e também fabricar novos. Tudo isto facilitou para que o gentio se aproximasse do português, contribuindo para uma convivência pacífica entre estes dois povos.

No que tange a miscigenação, a falta de mulheres brancas fez com que o sexo feminino indígena contribuísse decisivamente para o povoamento e colonização da Bahia. As mulheres índias tornaram-se companheiras dedicadas dos colonos portugueses e com eles deram origem aos primeiros caboclos, muitos dos quais viriam a se tornar desbravadores do sertão.

#### 4.1.3.5.2 O ELEMENTO INDÍGENA

De acordo com a classificação lingüística de Carl Von Steiner e Lucien Adam distinguem-se entre os índios baianos três grupos lingüísticos a saber: O Tupi, O Cariri e os Gês. Entre os Tupis destacam-se os Tupinambás, Tupiniquins, Amoipirás e Tupinaê. Estudos meticolosos realizados por Alfred Métraux revelam que a origem e formação da cultura característica do grupo lingüístico dos Tupis é oriunda do alto do Xingu e do alto Tapajós, não faltando, mesmo que de forma indireta, a influência das culturas andinas.

O grupo indígena predominante nas terras soteropolitanas é o Tupinambá e é ele que aparece em nossa pesquisa. Segundo Ott (1955) habitavam o litoral, de Sergipe a Camamu-Ba, ocupando uma estreita faixa de 5 a 10 léguas de largura. Vieram provavelmente do norte ou interior e em determinadas épocas do ano praticavam a pesca da sardinha, com as quais preparavam a farinha de peixe que misturada com a mandioca se constituía num de seus principais alimentos.

Os diversos autores pesquisados nos forneceram variadas descrições deste povo. Dentre eles destacaremos os brasileiros Teodoro Sampaio e Pedro Calmon, o alemão Hans Staden e o francês Jean Lery, sendo que estes dois últimos conviveram de perto com o índio Tupinambá. Sampaio (1949) os retrata da seguinte forma: estatura média; cabelos negros, lisos e duros; fronte desenvolvida; olhos negros, pequenos e vivos com a obliquidade mongólica; nariz achatado.

Pintavam-se de negro-azulado com o suco que extraíam do genipapo, ou de vermelho-laranja de um corante retirado do urucum. Desenhos aleatórios, mas traçados meticolosamente cobriam as partes expostas; nos lábio inferior furado, trazia o tembetá, ou botoque de osso, de concha ou pedra verde.

Já a mulher Tupinambá possuía cabelos negros e longos; nas orelhas furava para lhes meter, por louçaria, umas conchas alvas, redondas ou uns ornatos de forma cilíndrica, compridas, caídas como pingentes sobre os ombros. Pintavam o rosto com uma pintura em formato de espiral, até cobrir toda a face com desenho policromo de vermelho, amarelo e negro-azulado. Trazia no braço e pescoço grandes ramos de contas brancas e nas pernas, abaixo do joelho, a simbólica faixa vermelha de itapacurá, larga de três dedos.

Calmon (1949) descrevia os Tupinambás com estatura alta, cor de cobre, nudez atlética pintalgada das tatuagens que a enfeitavam, testa curta, o maxilar sólido e bárbaro, o cabelo

negro escorrido sobre a nuca, desprovidos de pelos,, ágeis e portadores de orgulho guerreiro da estirpe Tupinambá.

Segundo Staden (1900, p. 129)

É uma gente bonita de corpo e de aparência, tanto os homens como as mulheres, iguais a gente daqui, somente são queimados pelo sol porque andam todos nus, moços e velhos, e nada tem que encubra as partes vergonhosas. Eles se desfiguram a si mesmos com pinturas e não tem barbas, porque as arrancam pela raiz, logo que elas nascem. Fazem furos na boca e nas orelhas e penduram neles pedras, que são seus ornamentos, e se enfeitam com penas.

Entretanto foi em Lery (1980, p. 7-19) onde encontramos uma descrição mais detalhada e sistemática a respeito destes índios Tupinambás:

Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só não ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha.

Além disso, os nossos brasileiros pintam muitas vezes o corpo com desenhos de diversas cores e escurecem tanto as coxas e pernas com o suco do jenipapo que ao vê-los de longe pode-se imaginar estarem vestidos com calças de padre.

Entretanto, os nossos tupinambás excetuam os cabelos, que nos homens são desde a juventude tosquiados bem rentes na parte superior e anterior do crânio, como uma coroa de frade, e na nuca à moda dos nossos antepassados ou dos que deixam crescer a cabeleira aparando os pêlos do pescoço.

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado.

Com ralação a índia Tupinambá completa ele:

É verdade que não fazem o mesmo com os cabelos, pois não os tosquiavam na frente nem os aparam na nuca, deixando-os, ao contrário, crescerem à vontade. Mas, tal qual as mulheres de cá, lavam-se cuidadosamente e os penteiam, entrançando-os algumas vezes com cordéis de algodão tintos de vermelho. O mais das vezes, porém, desgrenhadas com os cabelos soltos sobre os ombros.

Diferem também dos homens pelo fato de não furarem os lábios nem as faces, não usando, por conseguinte, pedras no rosto. Mas furam de um modo horrível as orelhas para nelas colocarem arrecadas e quando as retiram podem facilmente meter os dedos nos buracos. Esses brincos são feitos com grandes conchas marinhas, brancas, roliças e do tamanho de uma vela de sebo meã, à qual chamam vinhol; e quando se penteiam, os penduricalhos caem-lhe sobre os ombros e o peito e de longe parecem orelhas de cão perdigueiro.

Vemos assim vários pontos de coincidências nestas quatro representações descritivas a respeito dos indígenas Tupinambás e é com base nelas que modelaremos o nosso índio.

No que diz respeito à forma como se relacionavam entre si a pesquisa revelou que embora falassem a mesma língua, as diversas nações Tupis eram mutuamente hostis. Os Tupinambás, guerreiros por excelência, estranhavam-se constantemente com os Tupiniquins e Tupinaês e até mesmo entre eles retalhavam-se em grupos que brigavam ferozmente, cada um obedientes ao seu chefe principal, aconselhado pela roda de feticheiros. Praticavam o canibalismo como forma de adquirir as qualidades e valentias dos rivais derrotados. “Tinham preferência por aqueles que desdenhavam a morte e a afrontavam altivamente” (CALMON, 1949, p. 38)

Com relação aos estrangeiros, passada a fase do deslumbramento pelo contato com a novidade das diferenças étnicas, seguiram-se constantes conflitos motivados por duas culturas que principalmente se relacionavam com o trabalho com propósitos bastante diversos. Segundo Fausto (1997, p. 49) “Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intensivo e regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeus”. Desprovidos do senso de propriedade privada e acumulação, trabalhavam apenas para garantir a sua sobrevivência. Os colonizadores, pressionados pelas determinações mercantilistas, tinham que justificar a viabilidade econômica de suas viagens às novas paragens de além mar. Desta forma tinham que, nas novas terras conquistadas, encontrar produtos de grande valor comercial e dominar as populações locais, subjugando-as e obrigando-as ao trabalho escravo. Criava-se assim um ponto de tensão que provocou graves embates, com perdas humanas de grandes proporções para ambos os lados e consideráveis prejuízos econômicos para os portugueses.

Para contornar estas contendas, o Regimento de Almerim recomendava dentre outras coisas, a tomada de enérgicas providências contra a rebeldia indígena. Mas sobretudo, aconselhava ao Governador buscar estabelecer uma convivência pacífica com os naturais da terra. Desta maneira “os brancos não invadiriam as aldeias dos índios, nem iriam terra firme adentro sem sua licença, limitar-se-iam a negociar com eles nas feiras semanais que haveria em cada povoação” (CALMON, 1949, p. 122). Aqueles que desobedecessem estas ordens seriam punidos com pesados castigos físicos ou, se de melhor qualidade, multados severamente.

Do ponto de vista de suas contribuições para a formação da nova sociedade que emergia no período estudado, enfatizamos o trabalho voluntário e o emprego de suas técnicas na construção das casas populares. O padre Nóbrega em suas cartas a Vossa Majestade, descrevia estas casas como choupanas cobertas de palma ao modo gentílico. Carneiro (1949, p. 72) escreve que: “Os índios – muitos deles trabalhavam nas obras da cidade – terão

ensinado aos portugueses a maneira de construir, rapidamente, com varas, cipós e plumas de palmeira, pequenos habitáculos protegidos do sol, onde pudessem descansar em paz”.

Na questão alimentar eram eles os maiores conhecedores e fornecedores dos gêneros alimentícios da terra. Deste modo forneciam peixes e mariscos, carnes de caça, frutas, leguminosas, raízes e alguns tipos de farinhas tão necessários ao provimento da subsistência dos colonizadores.

Contribuíram também de forma decisiva para o reconhecimento do novo território, iniciando os portugueses nos segredos do novo ambiente geográfico, ensinando-lhes a fazer armadilhas no mato e nos rios. Na empreitada mata adentro mostravam a diferença entre os frutos comestíveis e aqueles venenosos; chamavam a atenção para as cobras traiçoeiras; ensinavam técnicas de caças e a astúcia para colher mel de abelhas nas árvores e descobriam e apontavam os vestígios dos inimigos.

Assim, em torno deste núcleo primitivo da cidade do Salvador, portugueses e indígenas construíram uma relação pacífica e de cooperação mútua. Neste ponto Tomé de Souza demonstrou astúcia em promover uma aproximação cautelosa entre estes dois povos. Não registramos, portanto, para este período, maiores incidentes entre estas duas etnias.

#### *4.1.3.5.3 O ELEMENTO NEGRO*

Nos primeiros sessenta anos do século XVI, são escassos os registros que dão conta da vinda de escravos para a colônia portuguesa.

A primeira notícia que se tem data de 1530, quando Martim Afonso de Souza trouxe para a sua capitania de São Vicente uma leva de escravos africanos, vindos da Guiné. Em 1535 Duarte Coelho também importou escravos africanos para servir como mão de obra na sua capitania de Pernambuco. Com relação a Salvador, Tavares (2001) faz referência a negros da Guiné fornecidos pela Monarquia Real Portuguesa no ano de 1550, para provavelmente auxiliarem nas obras de construção do Colégio dos Jesuítas. Em 1550 Antônio Brás Cubas, Provedor da Fazenda de Sua Alteza, notifica a remessa de vinte e sete peças de escravos machos e fêmeas, trazidos da ilha de São Tomé, para o engenho de Francisco de Barros de Azevedo, na localidade de Santo Amaro.

Este comércio negreiro aumentaria consideravelmente à medida que prosperavam a produção açucareira e enriqueciam seus proprietários. Este aumento do tráfico fez com que, ao longo

dos séculos subseqüentes, também se deslocasse o foco de proveniência desta massa de escravos. Assim, de acordo com Fausto (1997, p. 51):

No século XVI, a Guiné (Bissau e Cacheu) e a Costa da Mina, ou seja, quatro portos ao longo do litoral de Daomé, forneceram o maior número de escravos. Do século XVII em diante, as regiões mais ao sul da costa africana – Congo e Angola – tornaram-se os centros exportadores mais importantes, a partir dos portos de Luanda, Bengala e Cabinda. Os angolanos foram trazidos em maior número no século XVIII, correspondendo, ao que parece, a 70% da massa de escravos trazidos para o Brasil naquele século.

Os negros trazidos para o Brasil procediam de diversas tribos e reinos, cada grupo com sua própria cultura. Entre os sudaneses destacavam-se os iorubas, jejes, tapas e hauçás. Já entre os bantos sobressaíam-se os angolas, bengalas, monjolos e moçambiques.

No que tange ao período da nossa pesquisa, Carneiro (1949) dá conta de alguns homens de cor entre os soldados e operários envolvidos com a defesa e obras do novo núcleo de povoamento que se formava. Dentre estes destacamos os homens d'armas Manuel Pereira, mulato; Antônio Fernandes, preto; Pero Souza, preto forro; Bastião de Souza, preto forro; Vicente Afonso, pardo. Entre os trabalhadores braçais encontram-se João Fernandes, pardo; Pero de Lagos, preto; Inácio Dias, preto; Jorge Dias, pardo e Afonso de Touca, preto.

Além destas citações de nomes, atestam a presença da mão-de-obra africana nestes primeiros três anos da fundação e desenvolvimento deste novo centro urbano, alguns mandados de entrega de escravos a particulares e ordens de pagamentos por serviços prestados. Em 07/09/1550 Christovão Aguiar, Almojarife dos Armazéns, recebeu de sua Alteza um escravo da Guiné para trabalhar nos Armazéns. Mais adiante, em mandado expedido no dia 26/12/1550, o Provedor-mor ordena que o Tesoureiro entregasse ao mesmo Christovão Aguiar mais três escravos desta vez para servirem nas Ferrarias. Em 20/09/1551 Antônio Gonçalves recebeu do Tesoureiro-mor 2\$3000 em mercadoria, pelos serviços prestados por um escravo carpinteiro de sua propriedade. Já me novembro deste mesmo ano lhe seria feito um outro pagamento de quatrocentos e cinqüenta reis, desta vez pelos serviços que realizou um escravo serrador, no Bergantim São Tomé. Em ordem de pagamento datada de 13/03/1550 o Provedor-mor manda que se pague, em mercadorias, a três homens pretos do Governador que desempenhavam a função de homens d'armas, o correspondente a dezoito meses de soldo. Outros negros também receberiam pagamento pelas funções desempenhadas como homens d'armas. Entre eles se encontram Christovão, Grumete que em 06/08/1550 receberia 6\$000 em mercadorias; Bastião de Souza Pinto, forro<sup>8</sup>, que no mesmo ano de 1550 receberia \$500 por mês. Entre os empreiteiros e serradores destacamos Inácio Dias, que em 27/10/1550

recebeu a quantia de dois mil, duzentos e trinta e dois e meio em mercadoria e Pero de Lagos<sup>9</sup> que recebeu em mercadoria mil e duzentos reis, que lhe eram devidos por três meses de trabalho<sup>10</sup>.

Outro ponto importante a salientar com relação às contribuições africanas para a formação da nova sociedade é o papel preponderante exercido pela mulher negra na culinária e cultura baiana. Por falta de mulheres portuguesas neste período inicial de fundação da cidade, os colonos viam como uma das alternativas viver com escravas ou pretas forras, constituindo uma prole bastante numerosa de mestiços. Segundo Ott (1955):

Ninguém lhe disputava o domínio completo da cozinha. E já que era ela que criava os filhos, seus e dos patrões, ensinava-lhe as primeiras palavras juntamente com as primeiras histórias e conceitos religiosos. Foi inevitável que na cozinha, nos contos e idéias religiosas da Bahia entrassem numerosos elementos africanos.

Tudo isto que já dissemos revela a multiplicidade e importância dos papéis e funções exercidas pelos membros desta etnia tão marcante neste começo de nossa história e que nos faz hoje uma das maiores populações de ascendência africana.

Levantadas e expostas às origens, características, costumes e participações destes três elementos étnicos na construção e povoamento da cidade do Salvador, assim como na sua formação sócio-cultural, mostraremos agora a imagem modelada de alguns personagens que julgamos representativos deste complexo conjunto populacional, uma vez que é impossível representá-lo, em nosso modelo, em sua totalidade numérica.

---

<sup>8</sup> Negro aforriado.

<sup>9</sup> Capital da Nigéria, país dos nagôs.

<sup>10</sup> Santos, Patrícia Verônica Pereira dos. **Trabalhar, Defender e Viver em Salvador no século XVI**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2004.

#### 4.1.3.6 PERSONAGENS

Em nosso modelo a originalidade tem que ser da Muralha primitiva e seu entorno, os personagens são peças secundárias. Portanto, aproveitamos alguns deles do trabalho da Professora Maria Antônia (2011). Alguns tiveram seus nomes modificados em função das pessoas que eles representaram serem outras diferentes daquela modelagem. Os únicos que permaneceram idênticos em nome e aspectos físicos foram: Tomé de Souza e Luís Dias.

##### 4.1.3.6.1 TOME DE SOUZA

Primeiro Governador Geral do Brasil. Fundador da cidade do Salvador que ordenou a construção da fortaleza cercada pela muralha.



Figura 38: Modelagem de Tomé de Souza.

Fonte: GOMES, Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.2 LUÍS DIAS

Mestre de obras da cidade. Sua nomeação para este cargo aconteceu no dia 14 de janeiro de 1549. Sua chegada a Salvador se deu no dia 29 de março deste mesmo ano, quando desembarcou na Vila do Pereira.



Figura 39: Modelagem de Luís Dias.

Fonte: GOMES, Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.3 CARAMURU

Importante mediador entre os índios e portugueses. Já vivia aqui na Vila do Pereira, tendo papel destacado para escolha do local aonde viria ser fundada a nova cidade fortaleza.



Figura 40: Modelagem de Caramuru.

Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.4 DIOGO MUNIZ

Diretor do Hospital Civil Nossa Senhora das Candeias



Figura 41: Modelagem de Diogo Muniz.

Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.5 DOMINGOS RODRIGUES

Encarregado de limpar a muralha da cidade do Salvador.



Figura 42 Modelagem de Domingos Rodrigues.

Fonte: GOMES, Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.6 BELCHIOR FERNANDES

Zelador do baluarte de São Tomé, localizado na Porta de Santa Luzia.



Figura 43 Modelagem de Belchior Fernandes.

Fonte: GOMES, Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.7 *PADRE VICENTE RODRIGUES*

Ensinava o catecismo à garotada indígena, além de manter a escola de ler e escrever.



Figura 44 Modelagem de Padre Vicente Rodrigues.  
Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.8 *PADRE MANUEL DA NÓBREGA*

Chefe da primeira missão Jesuítica a América. Embarcou na armada de Tomé de Souza chegando a Bahia em 29 de março de 1549. Aqui fundou o primeiro colégio de jesuítas do Brasil, contribuindo de forma decisiva para a catequese do indígena Tupinambá.



Figura 45 Modelagem de Padre Manuel da Nóbrega.  
Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.9 BELCHIOR GONÇALVES

Construiu a Casa da Pólvora.



Figura 46: Modelagem de Belchior Gonçalves.

Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.10 FERNÃO DIAS

Condutor de carro de boi. Fazia o transporte de produtos, ferramentas e mercadorias entre a Ribeira das Naus e a Cidade do Salvador na parte alta.



Figura 47: Modelagem de Fernão Dias.

Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.11 INDIOS TUPINAMBÁS

Habitavam o litoral do Pará, Maranhão, Sergipe, Bahia e Rio de Janeiro. Eram guerreiros por excelência, mas graças a mediação de Caramuru e a astúcia de Tomé de Souza participaram de forma ativa e pacífica dos trabalhos de implantação da Cidade do Salvador em 1549.

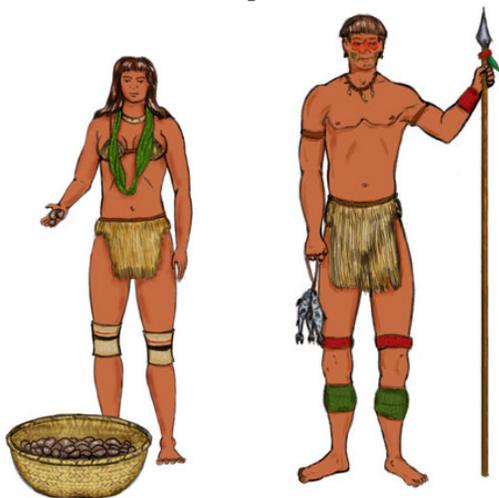


Figura 48: Modelagem Índios Tupinambás.

Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

#### 4.1.3.6.12 ESCRAVO

A primeira leva teria vindo provavelmente da Guiné para trabalhar nas obras do Colégio dos Jesuítas.



Figura 49: Modelagem Escravo.

Fonte: GOMES. Maria A. L. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC 2011.

Uma vez concluída e apresentada toda a modelagem físico-social, cognitiva e de interatividade que compõe esta simulação da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no século XVI e seu entorno, no próximo capítulo da apresentamos o desenho metodológico do estudo aplicado ao modelo concebido.

## **5 A METODOLOGIA**

Neste capítulo consideramos o binômio teoria-prática/sujeito-objeto e seus reflexos no que diz respeito à construção do nosso modelo, bem como na elaboração desta dissertação. Deste modo, metodologicamente nos apoiamos na teoria praxiológica e no que tange a pesquisa de campo caminharemos em direção a uma pesquisa semi-experimental. Assim a construção e aplicação desta simulação da Antiga Muralha da Cidade do Salvador do século XVI e seu Entorno, sob uma perspectiva sócio-interacionista, se prestou a testar a sua utilidade enquanto elemento mediador para uma aprendizagem significativa sobre a História. A pesquisa então abrangeu dois aspectos cruciais: a Construção da Contextualidade e o Estudo de Campo.

### **5.1 CONSTRUÇÃO DA CONTEXTUALIDADE**

No segundo capítulo selecionei as fontes, condições, especialistas e autores que viessem a contribuir para a construção do meu posicionamento ante o tema de estudo, que desta maneira passaria a ser defendido conforme o meu entendimento e práxis. De acordo com esta perspectiva, o primeiro capítulo desenvolveu-se conforme o levantamento de aportes que auxiliaram na compreensão das motivações que conduziram os portugueses ao empreendimento de constituição do Primeiro Governo Geral do Brasil e da fundação da fortaleza grande e forte, circundada por uma extensa muralha e um conjunto de construções que movimentariam a vida cotidiana e as novas relações sociais e étnicas que se estabeleceram a partir de sua instituição. Desta interlocução com os autores e as fontes referentes a este período estudado (1549-1551) germinou a imaginação do modelo contextualizado da Antiga Muralha da Cidade do Salvador do século XVI e seu Entorno.

No terceiro capítulo, já amparados pelo diálogo com autores contemporâneos, traçamos um perfil da sociedade atual; a crescente influência e diversos efeitos que as TICs têm exercido sobre o modo como estes sujeitos do século XXI se comunicam, se relacionam e constroem novas possibilidades de atuação nos mais variados campos da atividade humana. Neste sentido destacamos o potencial

colaborativo proporcionado por estas tecnologias no que se refere a contribuir para criação de um ambiente de aprendizagem que facilitasse o processo de desenvolvimento intelectual dos alunos. É aqui que dialogamos com os postulados sócio-interacionistas propostos por Vigotsky, Bakhtin e Martineau, quer sejam Zona de Desenvolvimento Proximal, a construção de si a partir do diálogo e interação com o outro e o pensar histórico.

No capítulo quatro, baseados nestes pressupostos citados anteriormente, concebemos a modelagem da Muralha e seu Entorno na esperança de que este objeto de aprendizagem proporcionasse aos sujeitos contemporâneos um passeio virtual pelos idos de 1549-1551 e que a partir disto eles pudessem estabelecer comparações entre a paisagem e espaços urbanos destes dois tempos históricos; interagir e dialogar com seus pares no século XVI, de maneira a se reconhecer e construir-se a partir do outro com suas problemáticas e questões de vida; construir novos significados e conhecimentos através das possibilidades mediativas presente no modelo; explorar o ambiente e com isto formular hipóteses e chegar a conclusões interpretativas.

### 5.1.1 CAMPO TEÓRICO ESCOLHIDO

Dentre suas concepções filosóficas Gramsci (1989) afirma que o ser não pode ser separado do pensamento; o homem da natureza; a atividade da matéria; o sujeito do objeto. Neste sentido Bezerra (2010, p. 85) ressalta que:

A mente que desenvolve o conhecimento está indissolivelmente vinculada a um corpo situado e conectado às relações sociais. Ele não está presente apenas nas formas de pensamento e interpretação, mas em tudo aquilo que envolve o ser humano. A humanidade é, ela mesma, materialização do conhecimento historicamente elaborado. Para pensar e elaborar seus artificios, inclusive as técnicas e instrumentos, necessários à reprodução material da existência humana, o conhecimento aparece como pressuposto de um processo quase “natural”, imanente às relações humanas.

Desta forma o homem é produto e construtor de sua própria história, não podendo ser concebido alijado do seu tempo e contexto social e sim a partir das relações sociais de produção que se desenvolvem no seio da coletividade da qual faz parte. Por conseguinte:

[...] a filosofia da práxis não estuda uma máquina para conhecer e estabelecer a estrutura atômica do material, as propriedades físico-químico-mecânicas dos seus componentes naturais (objeto de estudo das ciências exatas e da tecnologia), mas enquanto um momento das forças materiais de produção, enquanto é objeto de propriedade de determinadas forças sociais, enquanto expressa uma relação social e esta corresponde a um determinado período histórico (GRAMSCI, 1989, p. 191).

Assim, esta modelagem da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu Entorno não foi apenas fruto de minha interpretação da história, foi além disso a apresentação

concreta da história, que desta forma pode ser testada, resignificada e atualizada, mediante a interação ativa e dialógica dos sujeitos históricos contemporâneos com seus pares do século XVI, em busca da superação das condições sociais de opressão a que estão submetidos.

Além desta fundamentação metodológica aqui enfatizada a sua concepção neste primeiro instante da pesquisa, envolveu as seguintes etapas:

- Busca e estudo das fontes históricas (documentais e iconográficas) que auxiliassem a análise, compreensão e construção do contexto que envolveu a construção da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no século XVI e seu Entorno, incluindo-se aqui os ambientes exteriores; as construções externas; os sujeitos históricos e relações sociais que dariam corpo e sentido ao nosso modelo;
- Interlocação com os autores que abordam as tecnologias digitais e sua crescente penetração social nos dias atuais, como forma de caracterizar a sociedade contemporânea e os sujeitos usuários de nosso modelo;
- Interlocação com os autores principais que caracterizariam a construção de nosso modelo a partir de uma perspectiva sócio-interacionista, sejam eles Vigotsky, Bakhtin e Martineau;
- Seleção e utilização das ferramentas computacionais que seriam utilizadas na construção do nosso modelo e suas possibilidades interativas, sejam elas Blender 3D; Photoshop e a engine denominada Unity;
- Construção da modelagem da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu Entorno, com seus elementos humanos; arquitetônicos; ambientais; funcionais e interativos.

Passemos agora a segunda fase desta pesquisa:

## **5.2 ESTUDO DE CAMPO**

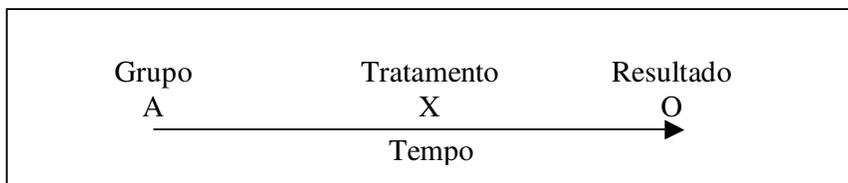
Concluída então esta primeira partimos para os procedimentos que nos auxiliaram a dar conta do Estudo de Campo, descrevendo onde iríamos aplicar a pesquisa, quem seria o nosso grupo de controle, como esta pesquisa seria aplicada e os instrumentos e critérios que utilizamos para validar a proposição da modelagem da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu Entorno sob uma abordagem sócio-interacionista. Assim sendo, do ponto de vista qualitativo, investigamos se este objeto de aprendizagem:

- possibilitaria que os sujeitos históricos do séculos XVI e XXI dialogassem e se construíssem historicamente;
- proporcionaria a zona de desenvolvimento proximal, onde os sujeitos mediados pelos elementos interativos construíssem novos conhecimentos significativos, levando-se em consideração os conhecimentos pré-existentes;
- permitiria o desenvolvimento do pensar histórico.

Por outro lado, em se tratando de um ambiente virtual de aprendizagem, outras investigações do ponto de vista quantitativo também se fizeram necessárias em termos de verificar a efetividade deste modelo computacional e até mesmo contribuir para verificação das questões acima citadas. Foram elas:

- O sistema proporcionaria interatividade?
- Seria de fácil navegabilidade?
- Sua interface seria amigável?

Uma vez que se configurou como uma pesquisa semi-experimental, e que pretendia examinar se realmente ocorreria aprendizagem significativa de acordo com os postulados sócio-interacionista e, além disto, testar a utilidade desta ferramenta cognitiva em suas finalidades educativas em espaços formais e informais de aprendizagem se fez necessário testar o modelo em questão, a fim de averiguar se os resultados obtidos atendiam as expectativas postas em relação a esta modelagem. Para McMillan e Schumacher (1997) para uma pesquisa que pretende mensurar ou validar pressupostos é condição sine qua non a utilização de um método que envolva: Grupo (pessoas que estarão interagindo com o modelo), tratamento (processo que permitirá uma visualização com mais clareza e veracidade do que emerge dos dados) e o pós-teste (resultados obtidos ao longo do processo). A execução destes procedimentos serviu para legitimar a nossa pesquisa, pois nos auxiliou a proceder à análise dos dados a fim de formular as nossas conclusões, no sentido de demonstrar se efetivamente houve a construção do saber. Graficamente este processo se caracteriza da seguinte forma:



Quadro 10: Procedimentos de análise de dados.  
Fonte: McMillan e Schumacher. Longman, 1997.

Deste modo, duas categorias básicas foram indispensáveis a este processo investigativo:

A) Modelagem da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu Entorno

**Categoria dependente:** nos permitiu averiguar se esta modelagem, enquanto AVA (ambiente virtual de aprendizagem), se constituiria efetivamente num espaço que proporcionaria mediação; desenvolvimento do pensar histórico; tangenciamento entre os sujeitos do séculos XVI e XXI, de modo que mutuamente uns auxiliassem aos outros a se reconstruírem historicamente, alinhando-se assim com a perspectiva sócio-interacionista de produzir uma aprendizagem significativa.

B) Dialogicidade polifônica (Bakhtin), Pensar histórico (Martineau) e Zona de desenvolvimento proximal (Vigotsky)

**Categoria independente:** influenciou no que se pretendeu saber na categoria dependente. Portanto, na medida em que a mediação proporcionada pelo modelo auxiliasse aos sujeitos históricos do século XXI, em interação com os seus pares do século XVI, construiriam novos e significativos conhecimentos evidenciar-se-ia a zona de desenvolvimento proximal preconizada por Vigotsky. Se a partir da interação com o modelo, os sujeitos contemporâneos conseguissem responder as questões postas pelo passado, adotando uma postura crítica e interpretativa de modo a propor soluções plausíveis, estaria ocorrendo o pensar histórico defendido por Martineau e de grande utilidade para um ensino qualitativo de História. Caso os usuários contemporâneos interagissem dialogicamente com os personagens do século XVI e/ou visitassem os locais presentes no modelo e estabelecessem nexos entre estes tempos-espacos se revelaria a interseção espaço-tempo enunciada por Bakhtin.

Então, dando continuidade a este processo investigativo apresentamos as subcategorias, delimitadas de acordo com os pressupostos sócio-interacionistas, e que se constituíram em instrumentos de pesquisas para a realização deste estudo. Assim o processo de investigação se apoiou e ocorreu mediante a técnica da observação participante, considerando o rigor metodológico que tal procedimento exigiu no sentido de garantir que a coleta, registro e interpretação dos dados permanecessem pertinentes, coerentes e fiéis aos pressupostos que nortearam a nossa pesquisa. Lancei mão das mesmas subcategorias utilizadas pela Professora Maria Antônia Lima Gomes, pois nossos trabalhos foram acompanhados pelo mesmo orientador e serão complementares no futuro. Em sua dissertação a referida professora fez um estudo da parte interna da cidade, dando ênfase à evolução física deste centro de povoamento fundado no ano de 1549. A nossa pesquisa se voltou para a contextualização da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI (1549-1551) e seu Entorno.

## **5.2.1 INSTRUMENTOS DA PESQUISA**

Aqui abordamos onde e quando estes instrumentos de análise foram aplicados; com que público e de que forma contribuíram para o levantamento dos dados, seu tratamento e obtenção dos resultados que nos permitiram avaliar como o nosso modelo da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu Entorno, com seus elementos interativos e fundamentados nas concepções sócio-interacionista, foi capaz de cumprir seu objetivo de colaborar para um ensino-aprendizagem qualitativo de História, proporcionando as pessoas uma formação assentada “sob uma base reflexiva bem contituida<sup>11</sup>”.

### **5.2.1.1 LOCAL DE APLICAÇÃO DA PESQUISA E PÚBLICO ALVO**

Nossa pesquisa teve como base estratégica para sua aplicação o Pólo Universitário de Esplanada, que funciona como ponto de apoio às atividades presenciais do Curso de graduação em História da UAB/UNEB atendendo estudantes desta cidade e de outros municípios vizinhos. A aplicação de nosso modelo objetivou operacionalizar a nossa pesquisa.

O Experimento realizou-se mediante um curso de AACC (Atividades Complementares) por mim ministrado, com a duração de 30 horas (18 horas presenciais e 12 a distância).

Embora esta turma fosse composta por 29 alunos que iniciaram esta graduação no segundo semestre do ano de 2009, apenas 18 alunos participaram do curso de Extensão intitulado “A Muralha de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico.

No primeiro dia (06/12) apresentamos aos alunos o Ambiente Virtual de Aprendizagem de modo a familiarizá-los com os recursos interativos disponíveis no sistema. Desta maneira os alunos aprenderam a se locomover no ambiente e, através de um passeio virtual, conheceram a Salvador do século XVI, encontrando pessoas deste período.

Nos dias 7 e 8/12 fizemos um estudo de algumas fontes textuais sobre o período histórico estudado, de sorte a propiciar aos alunos a fundamentação e o estímulo necessários ao

---

<sup>11</sup> GIOVANNI, Maria. Apud Matta (2006, p. 49)

exercício da reflexão e interpretação da história, para que deste modo eles pudessem chegar a conclusões plausíveis, pois ao encontrarem com os sujeitos históricos do século XVI, eles deveriam estabelecer diálogos com vistas a responderem as questões do passado endereçadas ao presente. Estas atividades dos três primeiros dias foram presenciais e ocorreram no Pólo de Esplanada, cuja base presencial é o Colégio Antônio Carlos Magalhães.

Nos dias 9, 10 e 11 os alunos continuaram a estudar as fontes textuais e a interagir com o sistema virtualmente, cada um em seu município de origem.

Instalamos o software em cada uma das máquinas em uma pasta com o nome Muralha. O acesso ao sistema ocorreu mediante um clique duplo sobre o ícone denominado Muralha (arquivo executável). A primeira interação com o modelo se deu através de uma janela de configuração do sistema, onde eles puderam escolher a resolução da tela em que desejariam rodar a aplicação. Após terem feito esta escolha e clicado no botão Play, surgiu uma tela solicitando o nome do estudante e o seu e-mail. Depois de fornecer estas informações e clicar o botão OK, o sistema se conectou a um banco de dados, instalado na empresa Virtualize e começou a armazenar os dados a cada vez que o usuário respondia a uma pergunta dos sujeitos históricos do século XVI, interagiu com os objetos do sistema, ou se aproximava de algum ponto medidor de navegabilidade.

Dadas estas primeiras explicações apresentamos a seguir as subcategorias, enquanto instrumentos que nos auxiliaram na coleta dos dados necessários as averiguações que contribuíram para os resultados validadores dos propósitos desta pesquisa.

Em cada uma delas dispomos também os critérios que sinalizaram o índice de sucesso da nossa modelagem/simulação da Antiga Muralha de Cidade do Salvador no Século XVI e seu entorno, enquanto AVA cuja maior finalidade é contribuir com um ensino de qualidade, que proporcione uma aprendizagem significativa de História.

Utilizamos como parâmetros balizadores da efetividade de nosso modelo a quantidade de alunos com quem aplicamos a pesquisa, o números de subcategorias investigadas, às visitas dos usuários do sistema aos pontos de acesso, a interação dos alunos com os personagens históricos e a qualidade destas interações. Fundamentados nestes aspectos mencionados anteriormente, sob o ponto de vista quantitativo, utilizamos o método de determinação do percentual.

#### **a) Interação da simulação com os estudantes**

Foi feito presencialmente, no sentido de apresentar ao conjunto dos estudantes a modelagem da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI (1549-1551) e seu Entorno. O

modelo possui dois pavimentos: a Cidade Alta e Cidade Baixa, ligadas por dois caminhos de escadaria e um caminho rampado (ladeira). Nestes dois níveis da cidade se encontram as construções, personagens e ambientes pertinentes aos contextos e situações descritas pelos autores pesquisados durante o período da pesquisa historiográfica. No primeiro dia o modelo foi apresentado ao estudante que foi estimulado a fazer um passeio virtual para conhecer as localidades e se familiarizar com o modelo.

Para averiguar se houve esta interação, ao final do primeiro dia do curso o aluno respondeu a duas perguntas numa ficha por mim elaborada. O foco aqui foi verificar se o modelo despertou no usuário o desejo de interagir. A ficha com as perguntas ao usuário teve a seguinte configuração:

ENQUETE Nº 1
Durante o seu passeio virtual quais foram às coisas que você julgou mais interessantes?
_____
_____
_____
_____
_____
_____
O que precisa melhorar?
_____
_____
_____

Figura 50: Ficha enquete nº 1  
Fonte: Elaboração própria.

Além desta ficha, esta subcategoria foi analisada através do registro dos pontos de acesso que o usuário visitou. Observamos a quantidade de alunos que exploraram os pontos de acesso do ambiente e a impressão que estes provocaram nos visitantes. Se mais de 60% dos alunos visitassem mais de 60% dos pontos de acesso e daí expressassem sua opinião sobre aquela visita estaria sinalizado que houve a interação entre os estudantes e a simulação apresentada.

**b) Navegabilidade**

Teve como finalidade observar se o usuário conseguiu se deslocar com facilidade, ou encontrou pontos de dificuldades. A navegação no ambiente foi feita na primeira pessoa, ou seja, o usuário não estava observando alguém caminhando pelo modelo. Ele mesmo fez os deslocamentos, determinando a direção para onde queria ir e o ritmo de seus movimentos. Assim ele teve a oportunidade de se sentir perante a Antiga Muralha da Cidade do Salvador no século XVI e caminhar pelos diversos pontos localizados em seu entorno. O sistema foi programado para registrar os caminhos que o usuário percorreu para que desta forma pudéssemos mensurar o nível de navegabilidade empreendida pelos sujeitos do século XXI nos ambientes que circundavam a Antiga Muralha da Cidade do Salvador no século XVI. Ao final deste passeio o registro desta rota foi gravado em um banco de dados.

Esta subcategoria foi apreciada pelo ponto de vista quantitativo, pois se referia apenas aos pontos de acessos visitados pelo usuário. Não foi levada em consideração a interação que ele poderia fazer neste seu passeio. Então, se mais de 60% dos pontos de acesso fossem acessados por mais de 60% dos alunos pesquisados seria constatado que houve navegabilidade.

**c) Interseção no espaço e tempo**

O objetivo aqui foi observar se houve diálogo entre personagens do século XVI e os sujeitos contemporâneos e se esta prática os auxiliou na resolução de problemas. Este instrumento foi viabilizado mediante um conjunto de diálogos e perguntas feitas pelos sujeitos históricos do século XVI e endereçadas aos sujeitos históricos do século XXI. Toda vez que o usuário do modelo se aproximava do personagem do século XVI surgia uma caixa de diálogo com o diálogo/pergunta, e uma caixa de texto para que o sujeito contemporâneo pudesse dialogar/responder as questões que lhe eram postas. Quando o usuário do século XXI concluísse a sua resposta deveria clicar em um botão com o rótulo “Concluir”. A resposta dada era gravada em um banco de dados. As indagações feitas pelos sujeitos do século XVI se relacionavam com os seus papéis sociais e história de vida. A seguir apresentamos um dos modelos da caixa de diálogo que serviu para o estabelecimento das diversas interações dialógicas entre os personagens destes dois tempos históricos. Depois disto daremos a conhecer os diálogos/perguntas que se fizeram presentes no modelo através dos seus protagonistas.

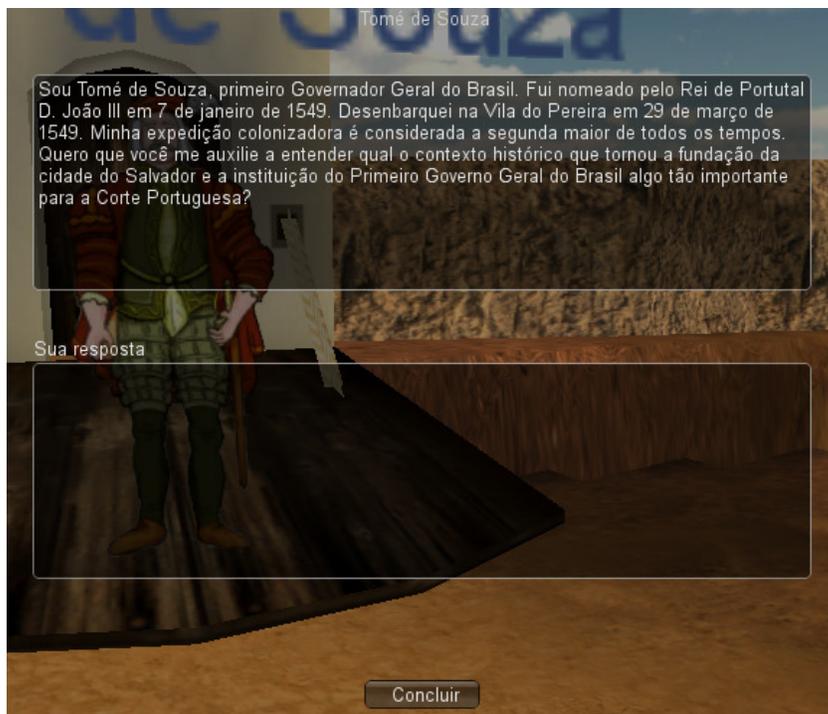


Figura 51: Caixa de diálogo Tomé de Souza

Fonte: FREITAS, Kleber A. A Muralha Primitiva de Salvador no Século XVI e seu Contexto Histórico. SENAI-CIMATEC, 2011.

1. Tomé de Souza (primeiro Governador Geral do Brasil): *Fui nomeado pelo Rei de Portugal D. João III em 7 de janeiro de 1549. Desembarquei na Vila do Pereira em 29 de março de 1549. Minha expedição colonizadora é considerada a segunda maior de todos os tempos. Quero que você me auxilie a entender qual o contexto histórico que tornou a fundação da cidade do Salvador e a instituição do Primeiro Governo Geral do Brasil algo tão importante para a Corte Portuguesa?*
2. Luís Dias (Mestre de Obras da Cidade do Salvador): *Me chamo Luís Dias. Sou o Mestre de Obras da recém fundada Cidade do Salvador. Fui nomeado para este cargo ainda em Portugal, no dia 14 de janeiro de 1549. Quero que você me responda as seguintes coisas: O que nos levou a escolher este ponto da cidade para construir a nossa fortaleza? Como ocorreu o processo de escolha?*
3. Diogo Muniz (Diretor do primeiro hospital da cidade): *Sou o Diogo Muniz, diretor do primeiro hospital civil da cidade do Salvador. Quero que você me diga qual foi o primeiro nome deste hospital e que importância ele tinha considerando estes primeiros tempos de sua construção? Existe algum prédio atualmente que pode ser relacionado com esta construção de 1549?*
4. Domingos Rodrigues (limpa o muro da cidade): *Olá! Me chamo Domingos Rodrigues e sou funcionário do governo de Tomé de Souza, encarregado de limpar este muro que*

- circunda a cidade. Quero saber para que este muro foi construído? Que materiais foram utilizados na sua construção? E até quando ele durou?*
5. Belchior Fernandes (zelador do baluarte da Porta de Santa Luzia): *Sou Belchior Fernandes, zelador do Baluarte de São Tomé. Gostaria que você me respondesse três coisas: Qual era a extensão desta muralha em seus quatro lados? Como se chamavam as duas portas principais da cidade? E quais eram as suas localizações?*
  6. Padre Vicente Cardoso (ensinava catecismo, leitura e escrita aos índios): *Sou o Padre Vicente Rodrigues e ensino o catecismo aos garotos indígenas. Para isto tive que aprender algumas palavras de sua língua, mas ainda preciso aprender mais. Pesquise palavras do idioma Tupinambá, faça um glossário com dez palavras e me envie.*
  7. Padre Manuel da Nóbrega (chefe dos Jesuítas que vieram para Salvador): *Sou o Padre Manuel da Nóbrega, chefe da primeira missão jesuítica a América. Embarquei na Armada de Tomé de Souza que chegou a Bahia em 29 de março de 1549. Quero que você me responda duas coisas:*  
*De que forma a Companhia de Jesus contribuiu com o propósito colonizador da Coroa Portuguesa e o controle social nestes primeiros tempos da colônia?*  
*Que tipo de contribuição eu deixei para o entendimento e compreensão do povo e da vida que se desenvolvia na Salvador do século XVI?*
  8. Belchior Gonçalves (construtor da Casa da Pólvora): *Sou o Belchior Gonçalves, construtor desta Casa da Pólvora. Que função tinha esta construção e a que propósito servia?*
  9. Fernão Dias (condutor do carro de boi): *Meu nome é Fernão Dias. Sou o condutor do carro de boi. Trago produtos da cidade baixa para a parte alta da cidade. Quero saber de vocês as seguintes coisas: Que tipo de produtos eram estes? Como chegavam até a Ribeira das Naus? De onde provinham? A que serviam?*
  10. Índios Tupinambás (habitantes legítimos do Brasil): *De início nos admiramos. Logo depois o homem branco quis nos escravizar, forçando-nos a trabalhar demais para carregar os seus barcos de madeira. Tivemos que resistir. Queremos saber se a fundação da cidade do Salvador trouxe alguma mudança nas relações do homem branco com o nosso povo?*
  11. Escravo (provavelmente vindo da guiné): *Estou aqui cuidando da horta do Colégio dos Jesuítas, onde também trabalhei nas obras de sua construção. Quero que você me diga duas coisas: de que lugar da África vieram os primeiros escravos trazidos para a Bahia*

*do século XVI? De que formas contribuimos para a formação social e cultural destes primeiros tempos de fundação da cidade do Salvador?*

12. Caramuru (náfrago português): Me chamo Caramuru. *Cheguei por aqui por volta de 1510, quando o navio em que viajava naufragou nesta baía. Consegui sobreviver e passei a conviver com os índios de quem recebi este nome, cujo significado é moréia. Quero que você me diga se tive alguma importância para a formação do povo baiano e a fundação da cidade do Salvador.*

13. Jovem índio Tupinambá: *Sou um jovem índio Tupinambá. O homem branco que chegou por aqui nos chama de Selvagens e preguiçosos. Você concorda com isto? Diga por que.*

De posse das respostas dos alunos partimos para a análise destas interseções.

#### **d) Historicidade e dialogicidade**

Uma vez que a historicidade se revela através de um conjunto dos fatores que constituem a história de vida de uma pessoa e que condicionam suas práticas numa dada situação, averiguamos, mediante este instrumento, se as relações e os diálogos travados entre os personagens do século XVI e os usuários do modelo no século XXI possibilitaram que os sujeitos contemporâneos se reconhecessem e se construíssem historicamente através do outro. Investigamos também se o sujeito do século XXI ao dialogar com o século XVI se sentiu produto e ao mesmo tempo produtor de sua história.

Aqui também o que nos interessou foi registrar a ocorrência para em seguida calcular o percentual em que isto aconteceu.

#### **e) Efetividade da mediação/interatividade**

Uma vez que este modelo se destina a uma finalidade educativa, investigamos se os objetos, signos e elementos interativos nele presentes cumpriram a função mediadora entre a intenção de ensinar e a possibilidade de aprender. Como suportes externos, os alunos receberam textos relacionados com as perguntas feitas pelos personagens históricos do século XVI. A consulta a estas fontes de informação teve como meta observar se o sistema estimularia no estudante a necessidade de buscar um elemento mediador entre ele e sua aprendizagem.

A interatividade foi medida a partir das relações gerais do usuário com o sistema, incluindo-se aqui a sua movimentação pelo ambiente, ou seja, os pontos de acessos por ele visitados e a maneira como ele se relacionou com os personagens quando solicitados a responderem seus questionamentos. Buscou-se então observar se há interatividade com o modelo e se as mediações por ele proporcionadas possibilitaram construção de conhecimento.

Assim comparamos os nossos registros das mediações observadas com o universo de respostas coletadas para então definir o percentual com que isto ocorreu.

A interatividade foi quantificada em percentual levando em consideração a visita aos pontos de acesso e os diálogos mantidos entre os personagens do sistema e os alunos usuários. Se mais de 60% dos pontos de acesso fossem visitados por mais de 60% dos alunos, e se mais de 60% dos alunos respondessem a mais de 60% das perguntas feitas pelos sujeitos do século XVI seria um indicativo de que houve interatividade.

#### **f) Desenvolvimento do pensar histórico**

Aqui objetivamos observar se perante as questões postas, os sujeitos contemporâneos adotaram uma postura crítica, desenvolveram o raciocínio histórico, se as soluções por eles encontradas se basearam em interpretações plausíveis.

O parâmetro que foi utilizado para mensuração desta subcategoria resultou da análise das respostas dos usuários as questões postas pelos personagens da modelagem da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no Século XVI e seu Entorno. Levamos em consideração apenas as perguntas que foram respondidas pelos usuários, pois foram elas que balizaram, se para responder as questões apresentadas, os usuários lançaram mão das atitudes preconizadas por Martineau<sup>12</sup> como condição para o desenvolvimento do pensar histórico.

Desta forma para validar esta análise não bastava que o estudante acessasse a modelagem e apenas respondessem as questões postas pelos personagens do século XVI. O que estava em jogo aqui era se ao dialogar com estes sujeitos históricos o aluno adotou uma postura crítica, mediante análise interpretativa das problemáticas apresentadas para assim chegar a uma conclusão fundamentada. Assim, nos interessou diagnosticar quantas vezes isto ocorreu para que, em comparação com o universo das respostas dadas, pudessemos estabelecer um percentual para estas ocorrências.

#### **g) Aprendizagem significativa**

Este instrumento nos permitiu observar se a partir da combinação dos conhecimentos pré-existentes nos sujeitos contemporâneos com as mediações propostas pelo ambiente aconteceu a construção de novos e consistentes conhecimentos.

Mais uma vez se fez importante enquanto parâmetros balizadores da validação e legitimação da nossa modelagem, em termos de um AVA capaz de propiciar as condições necessárias para

---

<sup>12</sup> Consulta e crítica das fontes históricas, síntese interpretativa e chegada a uma conclusão plausível.

construção de novas e significativas aprendizagens, a observação das interações do sujeito contemporâneo com o modelo (subcategoria a) a partir das relações históricas e dialógicas estabelecidas entre estes e seus pares do século XVI (subcategoria d).

Segundo Ausubel (1978, p. 59), “aprender significativamente quer dizer aprender de forma não arbitrária, não mecânica”. Para este autor quando alguém aprende de forma significativa aquele conhecimento não mais será esquecido. Ausubel também considera que para realizar tal tarefa é necessário que as mediações organizadas para esta finalidade levem em conta o conhecimento pré-existente que o sujeito já traz com ele. Foi isto que investigamos através desta subcategoria.

Para objetivar esta nossa pretensão, analisamos a qualidade das respostas dadas pelos alunos aos questionamentos feitos pelos sujeitos históricos do século XVI.

Mais uma vez verificamos quantas vezes as respostas dadas corresponderam a aprendizagens significativas para que assim, em comparação com o universo de todas as respostas dadas, pudéssemos estabelecer percentual de ocorrência para esta subcategoria.

Definida nossa metodologia, com suas categorias (dependente e independente), subcategorias, instrumentos e critérios de validação, procedemos à aplicação prática da nossa modelagem/simulação da Antiga Muralha da Cidade do Salvador no século XVI e seu Entorno.

No próximo capítulo apresentamos os resultados provenientes desta pesquisa que qualificaram o nosso modelo como um Ambiente Virtual de Aprendizagem capaz de cumprir com a sua finalidade educativa, quer seja contribuir para um ensino de qualidade para a aprendizagem de História.

## 6 RESULTADOS

Inicialmente trazemos alguns informações gerais que atestaram os primeiros resultados de nossa pesquisa. Depois de um total de 117 acessos mostramos os dados do relatório totalizador no que diz respeito aos números de passagens pelos pontos de acesso, assim como os de diálogos com os personagens do modelo. Estes dados foram apresentados mediante uma imagem gerada por um print screen<sup>13</sup> da tela do relatório, já que não nos foi possível importar a tela do banco de dados para o editor de textos.

Depois da apresentação dos primeiros resultados mais gerais, tratamos dos resultados em cada subcategoria investigada, explicando, em certos momentos, que parâmetros utilizamos para chegar aos percentuais apresentados em algumas delas.

### 6.1 PRIMEIROS RESULTADOS

#### Relatório totalizador

##### Passagem pelos pontos

Ponto	Quantidade
Igreja	115
Caminho do Carro	98
Armazem	75
Aldeia Indígena	74
Colegio dos Jesuitas	63
Hospital	53
Primeira Escadaria	50
Baharte Sao Jorge	49
Casa da Polvora	45
Segunda Escadaria	39
Feira Cidade Alta	31
Ferraria	26
Porta Santa Luzia	21
Ribeira das Naus	16
Porta Santa Catarina	16

Figura 52: Passagem pelos pontos de acesso.

Fonte: Banco de dados armazenado na empresa Virtualize.

<sup>13</sup> Captura de tela, obtida mediante o pressionamento conjunto das teclas fn + prt sc do notebook.

### Resposta aos personagens

Personagem	Quantidade
Belchior Fernandes	22
Manuel da Nóbrega	20
Belchior Gonçalves	19
Fernão Dias	19
Luis Dias	18
Tomé de Souza	18
Domingos Rodrigues	17
Diogo Muniz	16
Caramuru	16
Índios Tupinambás	15
Padre Vicente Rodrigues	15
Índio Tupinambá	14
Escravo	13

Figura 53: Respostas aos personagens.

Fonte: Banco de dados armazenado na empresa Virtualize.

Estes dados já começam a revelar o grande potencial de interação dos estudantes com a nossa simulação, pois mostram o número de vezes que cada ponto de acesso foi visitado, bem como a quantidade de vezes que os alunos dialogaram com cada um dos personagens.

## 6.2 RESULTADOS POR SUBCATEGORIA

Em cada subcategoria apresentamos dois exemplos significativos das participações e respostas dos estudantes, acompanhadas de nossos comentários e avaliações analíticas sobre como isto contribuiu para atestarmos a efetividade da nossa modelagem enquanto ferramenta cognitiva para o ensino-aprendizagem de História sob uma perspectiva sócio-interacionista.

### a) Interação da simulação com os estudantes

Considerando que a interação diz respeito à ação recíproca entre o usuário e o sistema, pode-se observar que em ambas as respostas dadas a seguir, os estudantes, ao transitarem pelo modelo, se sentiram dentro do sistema recebendo influências de seus ambientes.

Participação do estudante depois do passeio virtual	Nossa abordagem analítica
Todo contexto histórico é interessante, porque certos pontos da cidade do Salvador que eu não conhecia se tornaram atrativos.	Ao dizer certos pontos que eu não conhecia, subentende-se que o aluno já tinha conhecimento de alguns outros lugares da cidade (nível de desenvolvimento real). O modelo e suas pistas auxiliam o estudante a adquirir novos conhecimentos (nível de desenvolvimento potencial).

Quadro 11: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquete. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Participação do estudante depois do passeio virtual	Nossa abordagem analítica
De início fiquei impressionada com o porto; com o barco ancorado, muito bonito; com o mar, cujas águas parecem reais. Também fiquei impressionada com o armazém que nos permite entrar e nos dar a sensação de viver no século XVI, ao nos deparar com a simplicidade de armazenamento dos produtos. As feiras são interessantes, com a variedade dos produtos indígenas e portugueses. O mais interessante é o fato de poder dialogar com os personagens, embora seja um questionário.	Aqui o usuário chega a se sentir no século XVI, mediante a caracterização deste século através das construções, dos veículos, sujeitos e ambientes presentes no modelo. O que a estudante destaca como mais importante é o fato de poder dialogar com os personagens, demonstrando assim que o modelo proporciona que os sujeitos dos séculos XVI e XXI dialoguem independente do espaço/tempo (Bakhtin).

Quadro 12: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquete. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

As respostas dos alunos-usuários evidenciaram que o modelo produziu Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP, pois enfatizaram que a experiência prévia dos estudantes foi provocada e possibilitou novas construções de conhecimento. Muitos estudantes também declararam em suas respostas a importância do diálogo com personagens do século XVI, se referindo a interações que entendemos como dialógicas, pois que o próprio estudante argumenta estar dialogando com o século XVI.

#### b) Navegabilidade

Feita na primeira pessoa contribuiu para que o usuário se sentisse parte do contexto experimentado. Estatisticamente constatamos que 73% dos estudantes visitaram 100% dos pontos de acesso.

Participação do estudante depois da navegação	Nossa abordagem analítica
O programa é muito interessante e torna o aprendizado melhor, por que atrai a atenção do aluno para a pesquisa.	É importante salientar como uma boa navegabilidade favoreceu a interpretação das pistas e princípios educativos contidos no modelo. Neste sentido é emblemática esta relação que o estudante fez entre ensino e pesquisa a partir do que ele experimentou na sua relação com o ambiente modelado.

Quadro 13: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquete. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Participação do estudante depois da navegação	Nossa abordagem analítica
Tudo é interessante no objetivo educativo. As imagens 3D facilitam muito a pesquisa: as casas, ruas e ladeiras, todo ambiente.  É de impressionar como a cidade foi montada nos mínimos detalhes.	Neste outra participação de um outro estudante a palavra pesquisa aparece como sinônimo de navegação. O aluno reconhece a propriedade das imagens 3D no que diz respeito a grau de realismo que elas conferem aos objetos modelados.

Quadro 14: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquete. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Os percentuais obtidos nesta subcategoria, e principalmente as afirmações dos estudantes revelaram a amigabilidade da interface do modelo que concorreu para que o usuário tivesse facilidade de deslocamento no ambiente modelado, desejando conhecer toda sua extensão.

<b>Quadro percentual de visitas por ponto de acesso</b>		
Quantidade total de pontos de acesso:	15	
Quantidade de alunos:	18	
Ponto de Acesso	Nº de Visitantes	% Visitas
Casa da Pólvoa	18	100%
Armazém	17	94%
Ferraria	10	56%
Baluarto de São Jorge	13	72%
Igreja	17	94%
Ribeira das Naus	10	56%
Primeira escadaria	15	83%
Segunda escadaria	13	72%
Caminho do carro	16	89%
Porta de Santa Luzia	8	44%
Feira Cidade Alta	11	61%
Porta de Santa Catarina	11	61%
Hospital	14	78%
Colégio dos Jesuítas	12	67%
Aldeia Indígena	13	72%
Nº de pontos visitados: 15		
Média Percentual de visitas aos pontos		73%
% dos pontos de acesso visitados		100%

Quadro 15: Percentual de visitas por ponto de acesso.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas.

O percentual de visitas foi obtido conforme a seguinte equação:

$$\% \text{ de visitas} = \text{n}^\circ \text{ de visitantes} / \text{quantidade de alunos.}$$

Obteve-se o percentual de pontos visitados de acordo com a seguinte equação:

$$\% \text{ de pontos visitados} = \text{n}^\circ \text{ de pontos visitados} / \text{quantidade total de pontos de acesso.}$$

A média percentual de visitas aos pontos foi obtida através da média aritmética dos percentuais de visitas conforme a seguinte fórmula:

$$= \text{media}(c5:c19).$$

c) **Interseção no espaço/tempo**

Participação do estudante depois da navegação	Nossa abordagem analítica
<p>Num primeiro momento fiquei impressionada com o armazém, porque ele possibilita a entrada na estrutura interna que nos permite imaginar o contato direto com a cidade.</p> <p>Fiquei impressionada também com as feiras da cidade alta e baixa, pois elas mostram a mistura típica dos produtos europeus e indígenas.</p> <p>A estrutura da cidade é basicamente uma viagem no tempo.</p>	<p>Vemos mais uma vez que o contato com o ambiente causa uma impressão tão forte no usuário que faz com que este se sinta no tempo e espaço do século XVI. Este diálogo com o modelo proporciona que o estudante consiga enxergar aquilo que sozinho ele não seria capaz de vê. Evidencia-se assim a presença dos princípios bakhtinianos em nossa modelagem.</p>

Quadro 16: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquête. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Estudante dialogando com personagem do séc. XVI	Nossa abordagem analítica
<p>As palavras a seguir são uma resposta a seguinte solicitação de um dos Jesuítas aos usuários contemporâneos do modelo:</p> <p><i>Sou o Padre Vicente Rodrigues e ensino o catecismo aos garotos indígenas. Para isto tive que aprender algumas palavras de sua língua, mas ainda preciso aprender mais. Pesquise palavras do idioma Tupinambá, faça um glossário com dez palavras e me envie.</i></p> <p>Osémo = nasce  Muserúka = batizar  Açã = gritar  Amerê = fumaça  Túba = pai  Aboí = minhoca  Abaçai = espírito maligno  Mara = mar  Manu = morto  Anga = alma</p>	<p>Aqui mais uma vez percebemos a presença de Bakhtin, pois pelo diálogo os sujeitos dos dois tempos históricos (século XVI e XXI) interagem e se encontram, independente da época, e se auxiliam mutuamente na construção de sua humanidade.</p>

Quadro 17: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

O contato entre o passado e o presente foi proporcionado não apenas pelos diálogos entre os sujeitos do século XVI e usuários do sistema do século XXI, mas também pela experimentação da História que o modelo proporciona. Vimos nas participações de estudantes que estes declararam estar imersos no século XVI, que foi representado dialogicamente. Isso revela a integração histórica que acontece na prática cognitiva do estudante.

O quadro a seguir mostra o número de respostas dadas pelos alunos a cada um dos personagens e isto nos permitiu calcular o percentual de diálogo entre os sujeitos dos dois tempos históricos em questão (século XVI e XXI).

Quadro percentual de respostas por personagem		
Quantidade de Alunos:	18	
Personagem	n° de respostas	% Diálogos
Belchior Gonçalves	16	89%
Domingos Rodrigues	14	78%
Belchior Fernandes	15	83%
Fernão Dias	15	83%
Tomé de Souza	12	67%
Diogo Muniz	13	72%
Luiz Dias	13	72%
Escravo	12	67%
Padre Vicente Rodrigues	9	50%
Jovem Índio Tupinambá	11	61%
Caramuru	13	72%
Padre Manuel da Nóbrega	10	56%
Índios Tupinambás	16	89%
Méida percentual de diálogos	72%	

Quadro 18: Percentual de respostas por personagem.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas.

Conforme as informações contidas no quadro acima o modelo proporcionou diálogos entre os personagens do século XVI e os estudantes do século XXI, independente do espaço/tempo, na ordem de 72%.

O percentual de diálogos foi obtido a partir da seguinte equação:

$\% \text{ de diálogos} = \text{n}^\circ \text{ de respostas} / \text{quantidade de alunos}.$

A média percentual de diálogos foi obtida através da média aritmética dos percentuais de diálogos conforme a seguinte fórmula:

$=\text{média}(C5:C17).$

#### d) **Historicidade e dialogicidade**

Estudante dialogando com personagem do séc. XVI	Nossa abordagem analítica
<p>Conhecedor da língua e costumes dos nativos facilitou de maneira considerável a comunicação entre os índios e os primeiros missionários e conquistadores que aqui estiveram.</p> <p>Casou-se com uma índia e teve várias filhas das quais descendiam famílias importantes. Desempenhou importante papel nos auxiliando na pacificação com os índios e na escolha da localidade mais adequada para a construção da cidade do Salvador.</p>	<p>Em sua resposta o estudante atesta a intensa participação de caramuru, enquanto sujeito histórico, mediante as suas contribuições para formação do povo baiano e fundação da cidade do Salvador.</p> <p>O estudante também está a se reconhecer na história quando conclui a sua resposta dizendo: "... e desempenhando importante papel nos auxiliando na pacificação com os índios e na escolha mais adequada para a construção da cidade do Salvador".</p>

Quadro 19: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Participação do estudante depois da navegação	Nossa abordagem analítica
Tive dificuldades de acesso a cidade alta. Se através do passeio virtual, auxiliada por mapa eu me perdi, coisa foi para os invasores quando tentaram acessa-la. A emoção deve ter sido muito grande, principalmente com os morros e precipícios.	Neste exemplo a estudante se coloca na história, comparando as dificuldades que ela teve com a dos invasores (outro sujeito histórico reconhecido) quando tentavam transpor as barreiras defensáveis naturais.

Quadro 20: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquete. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Através da análise desta subcategoria constatamos que as relações dialógicas estabelecidas entre os sujeitos destes dois tempos históricos (século XVI e XXI) fizeram despertar no sujeito contemporâneo o sentimento de pertencimento a História.

Em vários momentos os estudantes mostravam estar tratando com o ambiente simulado de maneira a considerar que se tratava de Salvador de hoje. Além disso, personagens como Caramuru, são tratados pelos usuários como companheiros de ambiente interativo o que acaba por construir uma perspectiva de colaboração e diálogo entre a história do século XVI e os usuários do século XXI.

Considerando que encontramos 25 resposta que julgamos atender ao critério por nós utilizado para saber se ocorreu a historicidade chegamos a uma conclusão de que isto aconteceu em pelos ao menos 16% das respostas dadas pelos estudantes.

No que diz respeito à ocorrência de dialogicidade, encontramos 54 respostas atendendo ao critério para verificar o seu acontecimento. Portanto, concluímos que isto aconteceu em pelo ao menos 34% das respostas dadas pelos estudantes.

A equação dada para obter o percentual em que estes atributos aconteceram é:

Percentual de ocorrência = Percentual (historicidade/dialogicidade) / total de resposta dadas pelos estudantes.

#### e) Efetividade da mediação/interatividade

Participação do estudante depois da navegação	Nossa abordagem analítica
Achei interessante a questão da História, pois tem determinados fatos que eu desconhecia.	Nas entrelinhas desta afirmação do estudante podemos perceber que a experimentação da História proporcionada pelo passeio virtual pelo modelo possibilitou que ele construísse novos conhecimentos.

Quadro 21: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquete. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Estudante dialogando com personagem do séc. XVI	Nossa abordagem analítica
<p>Resposta do estudante ao índio Tupinambá que quer saber se a fundação de Salvador trouxe alguma mudança nas relações do homem branco com seu povo:</p> <p>Os homens brancos passaram a depender da experiência e da agilidade dos indígenas para construir e também desbravar as novas terras. Só a partir deste acontecimento os portugueses passaram a absorver alguns traços da cultura indígena como: costumes, palavras e principalmente pratos típicos.</p>	<p>Aqui os novos conhecimentos são construídos a partir do diálogo entre o sujeito histórico do século XVI e o usuário contemporâneo do modelo. Mais uma vez o diálogo proporciona que os sujeitos históricos se encontrem e se auxiliem mutuamente na construção de sua cultura (Bakhtin).</p>

Quadro 22: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Averiguamos mediante o exame desta subcategoria que a interatividade com o modelo e as mediações por ele proporcionadas possibilitaram construção de conhecimento. Foi perceptível nas afirmações e discussões dos alunos a aprendizagem da história e o conhecimento construído sobre a cidade do Salvador no Século XVI.

Do ponto de vista estatístico 73% dos alunos visitaram 100% dos pontos de acesso e 100% dos alunos responderam a 72% das questões levantadas pelos personagens do século XVI. Estes dados percentuais reforçam a capacidade mediadora e interativa do modelo.

#### f) Desenvolvimento do pensar histórico

Estudante dialogando com personagem do séc. XVI	Nossa abordagem analítica
<p>Resposta do estudante ao Padre Manuel da Nóbrega que deseja saber de que forma a Companhia de Jesus contribuiu com o propósito colonizador da coroa portuguesa e o controle social nos primeiros tempos da colônia; e que tipo de contribuição ele deixou para o entendimento e compreensão do povo e da vida que se desenvolveu na Salvador do século XVI:</p> <p>Através da catequese, impondo a ideologia cristã a milhares de índios e negros, além de auxiliarem na fundação da cidade e construção do colégio dos Jesuítas.</p> <p>O Padre Manuel da Nóbrega não apenas catequisou, mas foi a base da educação na colônia. Deixou cartas historiográficas em sua missão no Brasil, através das quais podemos analisar e entender o que se passava no início da colonização.</p>	<p>Vemos aqui uma resposta bem elaborada e que revela uma posição crítica do estudante, pois ele denuncia que a ideologia cristã foi imposta a índios e negros. Ou seja, não foi uma coisa assimilada de bom grado por estes povos.</p>

Quadro 23: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Estudante dialogando com personagem do séc. XVI	Nossa abordagem analítica
<p>Resposta do estudante ao jovem índio Tupinambá, que levanta a seguinte questão: “O homem branco que chegou por aqui nos chama de Selvagens e preguiçosos. Você concorda com isto? Diga por que”:</p> <p>Não concordo! Selvagens e preguiçosos eram eles. Aqui chegando eles encontraram um povo pacífico e que vivia a sua cultura. Eles queriam impor seus costumes e queriam que os nativos trabalhassem no lugar deles.</p>	<p>Aqui vemos uma crítica mais acirrada aos dominadores portugueses. O estudante reconhece a existência de duas culturas diferentes e conflitantes, principalmente com relação à tentativa de imposição de um ritmo de trabalho compulsivo por parte dos colonizadores aos indígenas.</p>

Quadro 24: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

A análise desta subcategoria revelou que em pelo ao menos 34 vezes os alunos ao responderem as questões postas pelos personagens do século XVI adotaram uma postura crítica, desenvolveram o raciocínio histórico e forneceram respostas baseadas em interpretações plausíveis. Quando comparamos este número com o universo total das respostas dadas pelos estudantes que foi de 153 respostas, chegamos ao percentual de 22% para esta subcategoria.

#### g) Aprendizagem significativa

Participação do estudante depois da navegação	Nossa abordagem analítica
<p>Muito interessante o programa haja vista que é possível interagir, tornando o aprendizado lúdico.</p> <p>Acredito que atividades deste tipo possibilitam uma aprendizagem prazerosa.</p>	<p>Em sua resposta o estudante traz dois atributos para que uma aprendizagem significativa aconteça: a forma lúdica de ensinar que suscita o prazer de aprender. A combinação entre a interação com o modelo e o conhecimento prévio em relação ao processo de ensino-aprendizagem permitiram que o aluno reconhecesse estas qualidades educativas no sistema.</p>

Quadro 25: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Ficha enquete. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Estudante dialogando com personagem do séc. XVI	Nossa abordagem analítica
<p>Resposta do estudante ao jovem índio Tupinambá, que levanta a seguinte questão: “O homem branco que chegou por aqui nos chama de Selvagens e preguiçosos. Você concorda com isto? Diga por que”.</p> <p>Não concordo. Os índios possuíam costumes que divergiam totalmente do europeu. Trabalhavam apenas para prover a sua subsistência. Os europeus denominavam de estranhos, selvagens e bárbaros praticamente a todos que não compartilhavam da sua cultura.</p>	<p>Observa-se aqui que o estudante já conhecia o modo como europeus se referiam a outros povos que divergiam de seu padrão cultural. Ao dialogar com o personagem índio do século XVI ele pesquisa sobre o assunto e constrói a sua posição ante o questionamento proposto. É um novo e significativo conhecimento construído, sobre duas culturas que ora se assimilam, ora se conflitam, mas onde uma delas detem a hegemonia no processo de formação da nova sociedade soteropolitana.</p>

Quadro 26: Participação do estudante – abordagem analítica.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas. Dissertação do Mestrado de Modelagem Computacional. SENAI-CIMATEC, 2011.

Ao investigar esta subcategoria constatamos que da combinação dos conhecimentos pré-existentes nos sujeitos contemporâneos com as mediações propostas pelo ambiente aconteceu a construção de novos e consistentes conhecimentos.

Com relação as respostas dadas pelos estudantes julgamos que a aprendizagem significativa ocorreu em 23 oportunidades, o que corresponde a um percentual de 15% em relação ao universo total das respostas.

Apresentamos a seguir um quadro resumo dos resultados estatísticos encontrados por cada subcategoria.

<b>Quadro resumo das subcategorias e percentuais encontrados</b>	
Subcategoria	Percentual encontrado
<b>Interação de simulação com os estudantes</b>	67% dos alunos responderam as fichas enquête distribuídas
<b>Navegabilidade</b>	73% dos alunos visitaram 100% dos pontos de acesso
<b>Interseção no espaço/tempo</b>	Houve diálogos entre os sujeitos dos dois tempos históricos na ordem de 72%
<b>Historicidade e dialogicidade</b>	16% para historicidade e 34% para dialogicidade
<b>Efetividade da mediação/interatividade</b>	100% para mediação. Com relação a interatividade 73% dos alunos vistaram 100% dos pontos de acesso e 100% dos alunos responderam a 72% das questões postas pelos sujeitos do século XVI
<b>Desenvolvimento do pensar histórico</b>	22% para o desenvolvimento do pensar históricos
<b>Aprendizagem significativa</b>	15% para a aprendizagem significativa

Quadro 27: Quadro resumo das subcategorias e percentuais encontrados.

Fonte: FREITAS, Kleber A. Banco de dados das respostas.

### 6.3 CONCLUSÃO

Partindo do problema de que inexistia um modelo computacional que simulasse as antigas muralhas da cidade do Salvador e seu entorno na primeira metade do século XVI para o ensino de História sob uma perspectiva sociointeracionista, nosso estudo objetivou a construção de um modelo computacional das antigas muralhas da cidade do Salvador, bem como a implementação de elementos interativos de maneira que os princípios sociointeracionistas estivessem organizando a interação e integração entre os usuários e o modelo. Desta forma, nosso modelo deveria constituir-se em objeto de aprendizagem ligado às Ciências Sociais, mas especificamente ao ensino de História. Fez-se necessário então, mediante procedimento de pesquisa semi-experimental, testar sua utilidade com esta finalidade educacional.

Para dar conta deste propósito principal lançamos mão dos seguintes objetivos específicos: 1 - descrever o contexto histórico da antiga muralha de Salvador; 2 - construir um modelo

computacional sociointeracionista que simulasse a antiga muralha de Salvador e seu contexto histórico e 3 - verificar, mediante pesquisa semi-experimental, se o modelo construído contemplava a ocorrência das seguintes subcategorias: interação da simulação com o estudante, interseção no espaço e tempo, historicidade, dialogicidade, mediação, interatividade, desenvolvimento do pensar histórico e aprendizagem significativa, todas elas estreitamente relacionadas aos princípios sociointeracionistas do Pensar Histórico, Dialogismo e Zona de Desenvolvimento Proximal.

A análise apurada dos dados coletados utilizando os métodos estatísticos e analíticos nos permitiu constatar que, mediante a interação do usuário com o nosso modelo, assim como das mediações entre ele e os sujeitos históricos do século XVI, todas as subcategorias investigadas foram atendidas em seus propósitos de instrumentos destinados a averiguar a efetividade de nossa modelagem enquanto objeto de aprendizagem apropriado a um ensino qualitativo de História.

Os resultados então encontrados atestaram a validade e o sucesso de nossa modelagem no que diz respeito as suas finalidades educativas. Nossa expectativa é de que os professores de História que venham a utilizá-lo o façam mediante uma pedagogia sociointeracionista que promova o diálogo, motive a pesquisa e leve em consideração à história de vida dos alunos, incentivando neles uma postura crítica e autônoma.

## 7 REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, David Paul. **Psicologia Educativa: Um ponto de Vista Cognoscitivo**. México. Editorial Trillas, 1978.
- BAHIA, Universidade Federal da. Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia. Fundação Gregório de Mattos. **Evolução Física de Salvador 1549 a 1580**. Salvador, Pallotti, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Org. BRAIT, Beth. **Dialogismo e construção do sentido**. São Paulo, Campinas, 2005.
- BARBOSA, Gustavo Guimarães e RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação**. 2ª edição revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BASTOS, Pedro. **Produção 3D com Blender**. Lisboa: Editora FCA, 2010.
- BAZZO, Walter Antônio (ed.), **Introdução aos Estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)**, Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 2003.
- BEZERRA, Ciro. **Emancipação e Apropriação Social do Conhecimento em Gramsci: uma reflexão a partir do corpus categorial da Filosofia da História**. Disponível em: <<http://150.164.116.248/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/350/315>>. Acesso em 08 out. 2010.
- CALMON, Pedro. **História da Fundação da Bahia**. Salvador: Publicação do Museu do Estado, 1949.
- CARNEIRO, Edson. **A Cidade de Salvador (1549) – Uma Reconstituição Histórica**. Salvador: Organização Simões, 1954.
- CARVALHO, Ana Verena. **Ensino de História na Perspectiva de Paulo Freire: Desafios para uma práxis em Educação a Distância conscientizadora**, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade, UNEB, Salvador.

- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. 2ª edição. Campinas: Papyrus Editora, 1992.
- DERZOUTOS, Michael Leônidas. **O Que Será: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas**. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 5ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997.
- FERREIRA, Carlos Augusto Lima . **Ensino de História e a incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão**. Revista de História Regional, Departamento de História-UEPG, v. 4, n. 2, p. 139-156, 1999.
- FLORENCE, Afonso Bandeira. **O ensino da História e a natureza : um caminho na educação patrimonial**. In: Carlos Augusto Lima Ferreira (Org.). O ensino da História reflexões e novas perspectivas. Salvador: Qarteto, 2004, v. , p. 31-41.
- GOMES, Maria Antônia Lima Gomes. **Modelagem da Cidade de Salvador durante o século XVI (1549-1551) através de uma abordagem sócio-constructivista**, 2011. Dissertação (Mestrado em Modelagem Computacional e Tecnologia Industrial) – Faculdade de Tecnologia SENAI-CIMATEC, Salvador.
- GOUCO, Paulo Sérgio. **Modelagem Conceitual e Projeto de Banco de Dados**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HIRATA, Andrei Imaue. **Desenvolvendo Games com Unity 3D**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2011.
- LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Tecnologias de Aprendizagem em Rede e Ensino de História: utilizando comunidades de aprendizagem e hipercomposição**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologias para a Colaboração**. Revista FAEEBA, Salvador, v. 13, n. 22, p. 431-440, 2005.
- MARTINEAU, Robert. **L'apprentissage de la pensée historique à l'école secondaire. Contribution à l'élaboration de fondements didactiques pour enseigner l'Histoire**. 1997. Tese (Doutorado em Educação) – Université Laval. Quebec.

- MCMILLAN, James H e SCHUMACHER, Sally. **Research in education, a conceptual Introduction**. United States: Longman, 1997.
- MIRANDA, Raquel Gianolla. **Informática na Educação: representações sociais do cotidiano**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 5ª edição. São Paulo: Scipione, 2010.
- OTT, Carlos B. **Evolução Histórica da Cidade de Salvador**: Formação e evolução étnica da Cidade de Salvador. Vol. V. Salvador: Prefeitura de Salvador, 1955.
- PACHECO, Patrícia da Silva e TONÁCIO, Glória de Melo. **A Literatura nas Séries Iniciais no Colégio Pedro II: Dialogismo e Estética na Sala de Aula**. Disponível em <<http://www.revistacontemporanea.fe.ufrj.br>. Acesso em 10 out. 2011.
- RUSSEL-WOOD, A. J. R. **Fidalgos e Filantropos: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia. 1550 – 1755**. Trad. Sérgio Duarte. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.
- SAMPAIO, Theodoro. **História da Fundação da Cidade do Salvador**. Salvador: Tipografia Beneditina, 1949.
- SILVA, Alberto. **A Cidade de Tomé de Souza: aspectos quinhentistas**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1949.
- SMITH, Robert C. **Arquitetura Colonial Bahiana: alguns aspectos de sua história**. Salvador: SEC, 1951.
- SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Brasília: Companhia do Livro Nacional. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>>. Acesso em: 29/12/2011.
- STADEN, Hans. **Suas Viagens e Captiveiro entre os Selvagens do Brazil**. Trad. da 1ª edição original. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1900.
- VICENTE, do Salvador, Frei. **História do Brazil (1500 – 1627)**. 1ª reimpressão. Curitiba: Juruá, 2009.
- TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: UNESP: Salvador: EDUFBA, 2001.
- TEIXEIRA, Cid. **A Chegada e a Construção da Cidade do Salvador**. Disponível em: <<http://www.soterobaiianissima.com/2010/04/chegada-e-construcao-da-cidade-de.html>>. Acesso em 27 mar. 2011.
- VALENTE, José Armando. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: UNICAMP. 1993.

## 8 ANEXO A – RESPOSTAS DOS ALUNOS DURANTE O EXPERIMENTO

### Aluno Kid Will = 1 resposta

07/12/2011 18:30:21	Belchior Gonçalves	A Casa Da Polvora servia como armazem para os suprimentos militares da Coroa Portuguesa.
------------------------	-----------------------	--

### Aluna Domingas Brito = 2 respostas

07/12/2011 16:31:00	Fernão Dias	eram levados produtos de materiais de construção guerra e de mineração, eram levados também mantimentos que vinham a cidade pelo mar e era desembarcado na Ribeira das Naus, onde deste porto os materiais eram levados por carros de bois que chegavam a cidade alta pelo caminho do carro. esse produtos eram comercializados em feiras, tinha necessidade de provimentos da substância dos colonizadores, ou que serviriam para continuação das obras da cidade...
------------------------	-------------	---

07/12/2011 17:05:44	Belchior Fernandes	media aproximadamente 1.100metros sendo 366m. para o lado da terra, 366m. para o lado do mar, 99m. para o lado sul, vertice de conformação triangular da cidade e 269m. para o lado norte. As suas portas ficava uma ao sul que se chamava porta de Santa Luzia e ao norte porta de Santa Catarina.
------------------------	-----------------------	---

### Aluno Kleber Souza = 2 respostas

07/12/2011 16:09:31	Belchior Gonçalves	Armazeenar as armas e munições destinadas a garantir os propósitos colonizadores da metrópole portuguesa .
------------------------	-----------------------	--

07/12/2011 16:33:01	Domingos Rodrigues	Para a defesa da nova cidade, assim como para a segurança de seus habitantes. Eram construídos de taipa sem cal e terra socada. Durou 30 anos.
------------------------	-----------------------	--

Aluna Anilta Pereira = 8 repostas

## Respostas

Data	Personagem	Resposta
08/12/2011 20:53:37	Belchior Fernandes	media aproximadamente 1100 metros, sendo que 356 metros para o lado de terra, 366 para o lado do mar, 99 metros para o lado do sul, vertice de conformação triangular da cidade, e 269 para o lado norte, sua base. Sendo ao norte, no inicio da rua mizericordia era denominada a porta de santa catarina, e o sul, no vertice do triangulo fortificado era denominado porta de santa luzia
08/12/2011 20:59:53	Fernão Dias	Eram materiais de construção, munição de guerra, mantimentos, farinha de peixe, o carvão vegetal, a cal e as telhas, que chegavam até a cidade por mar através de canoa, a ubá dos índios, em barcos a vela e em caravelões, sendo necessario ao provimento da substancia dos localizadores que serviriam para dar continuidade as obras da cidade e ainda á aqueles destinados a suprir as providencias defensivas da nova fortaleza e povoação.
08/12/2011 21:12:22	Luis Dias	Por ser o ponto mais conveniente da costa brasileira, onde as frotas portuguesas faziam paradas quase obrigatorias nas viagens comerciais de ida e de vinda aos continentes Africanos e Asiaticos. O processo de escolha ocorreu atraves de tomé de souza que reunindo o conselho e tendo obtido aprovação do local sugerido por Caramuru tomam-se as primeiras providencias para imediatas construção.
08/12/2011 23:00:34	Diogo Muniz	O hospital Civil chamava-se inicialmente de Hospital Nossa Senhora das Cndeias, sendo de suma importancia em relação ao atendimento a população; como realização de cirurgias e tratar dos doentes. Existe uma relação deste prédio ao período modelado(1549-1551). Tavares(2001) e Sampaio(1949) utilizam uma planta da cidade onde tal construção se faz presente nesta época.

- 11/12/2011 23:07:58 Tomé de Souza  
Com as descobertas da nova terra, e seus lucros rentáveis, começou despertar a cobiça de outras nações, com a distancia de comunicação com os portugueses, e temendo as invasões, o governo português percebe a necessidade de conceber um novo sistema administrativo para o Brasil, capaz de prover a suparação destes problemas.
- 09/12/2011 00:10:25 Caramuru  
Conhecedor da língua e costumes dos nativos , facilitou de maneira consideravel a comunicação entre índios e os primeiros missionarios e conquistadores que aqui estiveram, casando-se com uma india e tendo varias filhas das quais descendem familias importantes e desempenhando papel no auxiliando na pacificação com os índios e na escolha da localidade mais adequada para construção da cidade. do Salvador.
- 07/12/2011 16:26:29 Belchior Gonçalves  
Tinha como função armazenar as armas e munições destinadas a garantir os propositos colonizadores da metropole portuguesa.
- 07/12/2011 17:05:04 Domingos Rodrigues  
Segundo pesquisas historica realizadas por historiadores, foi constatado que a construção dessa muralha seria um empreendimento que revelado por preocupação dos portugueses em relação a defesa da nova cidade, também como segurança de seus novos habitantes. Onde foi usado terra, cal, pedra, barro de taipas e madeiras na construção, que teve inicio em 1º de abril de 1549, sendo concluído em 1550.

**Aluna Cristiana Calazans = 11 repostas**

- 11/12/2011 20:40:27 Fernão Dias  
Munição de guerra, material de construção, mantimentos, farinha de peixe, carvão vegetal, cal e telhas que vinham a cidade por mar através de canoa, ubar dos índios, em barcos a vela e em caravelões, sendo necessario ao pavimento da substancia dos colonizadores, para dar continuidade as obras da cidade e ainda aquelas destinadas a suprir as providências defensivas da nova fortaleza e povoação.
- 11/12/2011 20:46:42 Luís Dias  
Sendo o ponto mais conveniente da costa brasileira, as frotas portuguesas faziam paradas quase obrigatoria, nas viagens comerciais de ida e de vinda aos continentes Africano e Asiático. O processo de escolha ocorreu através de Tomé de Souza, que reunido o conselho tendo obtido à aprovação do local sugerido.

11/12/2011 20:16:02	Domingos Rodrigues	Foi construído pelos portugueses com a finalidade de proteger a cidade e os seus habitantes. O material utilizado foi terra, cal, pedra e barro, e começou a ser construído no dia 1º de abril de 1549, sendo concluído em 1550.
11/12/2011 20:27:02	Belchior Fernandes	Aproximadamente 1100 metros, sendo que 366 metros para o lado de terra, mas 366 metros para o lado do mar e 99 metros para o lado do sul, vértice de conformação triangular da cidade e 269 metro para o lado norte sua base. Ao norte, no início da rua da misericórdia era denominada a Porta de Santa Catarina e o sul no vértice do triângulo fortificado era denominada porta de Santa Luiza.
08/12/2011 21:54:24	Belchior Gonçalves	A sua função era armazenar as armas e munições designadas a garantir as intenções colonizadoras da metrópole portuguesa.
15/12/2011 20:02:19	Índios Tupinambás	Sim, houve uma aproximação significativa, além de contribuir com a sobrevivência e para o crescimento e formação da nova sociedade.
15/12/2011 19:37:35	Diogo Muniz	Inicialmente chamado de hospital Nossa Senhora das Candeias, e o seu atendimento a população era de suma importância. Existe uma relação deste prédio ao período ( 1549 - 1551 ). Tavares ( 2011 ) e Sampaio ( 1949 ) utilizam uma planta da cidade onde a construção se faz presente nessa época.
15/12/2011 19:40:16	Tomé de Souza	Com as descobertas da nova terra, e seu comércio lucrativo, começou a despertar a cobiça de outras nações. Daí o governo português percebe a necessidade de conceder um novo sistema administrativo para o Brasil.
15/12/2011 19:43:04	Caramuru	Por ser conhecedor da língua e costumes dos nativos, facilitou de maneira considerável a comunicação entre os índios e os primeiros missionários, onde casou - se com uma índia e tiveram 4 filhos, das quais decenderam família.
15/12/2011 19:48:19	Escravo	Segundo dados encontrados sobre a vinda dos negros para Salvador, se deu em 1550 e vinham da Guiné e eram fornecidos pela Monarquia Real portuguesa, provavelmente auxiliavam nas obras e construção do colégio dos Jesuítas.
15/12/2011 19:55:33	Manuel da Nóbrega	Catequisando e auxiliando na fundação das cidades, também como base historiográfica escrevendo durante a missão no Brasil. Além de catequizar, foi importante para a educação na colônia. Além do mais, suas cartas foram escritas durante sua missão no Brasil, são bases historiográficas e conseqüentemente documentos de primeira mão para se entender e analisar em todo aspecto do início da colonização.

**Aluno Domingos Palmeira = 11 respostas**

08/12/2011 16:11:40	Escravo	Vindos da Guiné. Os negros contribuíram de diversas formas: a mulher africana teve um papel fundamental na formação do povo baiano. a mão-de-obra africana também foi fundamental na formação do povo baiano.
08/12/2011 16:22:54	Índio Tupinambá	Os índios possuíam costumes que divergiam totalmente do europeu, trabalhavam apenas para a sobrevivência. Os europeus denominavam de estranhos, selvagens e bárbaros praticamente a todos que não compartilhavam da sua cultura.
08/12/2011 16:55:44	Manuel da Nóbrega	o padre Manuel da Nobrega catequizou e foi a base da educação na colônia. Nos deixou preciosos e raras informações sobre a fundação da cidade de Salvador. Assim como informações sociais e antropológicas para o entendimento e compreensão de Salvador.
08/12/2011 17:06:38	Índios Tupinambás	O índio contribuiu muito para o crescimento e formação da nova sociedade que se delineava, introduzindo na cultura do colonizador hábitos, costumes, palavras e gênero alimentícios. Colaboraram da forma mais eficiente na fundação e construção da nova cidade
08/12/2011 15:19:48	Luís Dias	O local reunia as condições requeridas para abrigo seguro e a correta manobra das embarcações, constituindo numa referência para os navegadores. O processo de escolha foi segundo a determinação do Regimento de Almerim.
08/12/2011 15:45:16	Caramuru	Caramuru participou das reuniões para discutir o ponto onde deveria ser construída a cidade. foi incumbido de questionar junto aos moradores quanto ao local; entrevistou junto aos tupinambás para a retirada dos mesmos do local. sua influência na formação da população baiana foi visível, haja vista que casou-se com uma índia.
07/12/2011 19:57:42	Belchior Gonçalves	Tinha a função de armazenar as armas e munições destinadas a garantir os propósitos dos colonizadores portugueses.

- 07/12/2011  
20:21:59 Fernão Dias
- Os produtos eram: materiais de construção, munições, de guerra, mantimentos, farinha de peixe, o carvão vegetal, a cal e as telhas O transporte era feito através das canoas, a ubá dos índios, em barcos a vela e em caravelões. serviam para suprir as providências defensivas da nova fortaleza e povoações; provimento da subsistência dos colonizadores.
- 07/12/2011  
20:05:43 Belchior Fernandes
- Media aproximadamente 1100 metros, sendo 336m para o lado de terra; 336 para o lado do mar; 99m para o lado do sul, vértice de conformação triangular da cidade, e 269m para o lado norte, sua base.  
-Entradas: porta de santa Luzia - ao sul e a de Santa Catarina - ao Norte.
- 07/12/2011  
20:28:42 Domingos Rodrigues
- O muro foi construído para conter os habitantes dentro dos limites da cidade, controlando a maneira como estes deveriam se relacionar com indígenas; Os materiais utilizados foram: o primeiro muro fo de taipa sem cal, depois foram construídos outros feitos de boa e grossa taipa de barro; durou cerca de um ano;
- 07/12/2011  
20:38:48 Diogo Muniz
- Hospital Nossa Senhora das Candeias. A sua importância está no fato de ser o único local onde se podia tratar dos doentes nestes primeiros tempos da fundação da cidade, já contando com um corpo técnico especializado: um médico e um farmacêutico.

**Aluno José Augusto = 13 respostas**

- 10/12/2011  
15:48:05 Índio Tupinambá
- Não . Por que é um povo guerreiro, lutador, que apesar de tanta dificuldades estão aqui até hoje e que tem sua contribuição para o crescimento do nosso país.
- 10/12/2011  
16:11:32 Padre Vicente Rodrigues
- Koriteî pitanga kunhã i-mo-mbak-i: Depressa criança mulher acordar / itá tinga: pedra branca / y puku: rio comprido / A-bebé: Eu vôo' / Nde-r epîak: 'te viu' / a-sem taba sui : 'sai da aldeia' / oro-ikó taba sui: 'estamos fora da aldeia' .
- 10/12/2011  
13:15:50 Diogo Muniz
- O primeiro nome do hospital foi Hospital Nossa Senhora Das Candeias, sua importancia por que era o único lugar onde se podia tratar dos doentes nestes primeiros tempos da fundação da cidade. Ficava localizado provavelmente onde hoje se encontra o prédio da Santa Casa da Misericórdia .

10/12/2011 13:43:19	Tomé de Souza	Devido as dificuldades encontrada por Portugal em administrar o Brasil a distancia, o governo português necessitava conceber um novo sistema de administração para o Brasil. Assim o Rei D. João III organiza uma armada composta de oito naus com aproximadamente mil pessoas, capitaneadas pela embarcação de nome Conceição, nomeia Tomé de Souza para ser o governador geral do Brasil e a 12 de fevereiro de 1549 envia-o para aqui cumprir a missão de fundar a cidade que seria a primeira capital do Brasil
10/12/2011 14:01:21	Luís Dias	A escolha foi devido ao local apresentar: porto em baixo apropriado a acomodação dos navios, terra levantada oferecendo ampla visão da Baía de Todos os Santos, fontes abundantes ao redor,ares salutíferos, muita madeira para construção, características naturais favoráveis a estratégias de defesa.Tomé de Souza reúne o conselho e tendo obtido aprovação do local sugerido por Caramuru tomam-se as primeiras providências para imediata construção da nova cidade para garantir a segurança de todos.
10/12/2011 14:14:36	Caramuru	Foi de grande importancia sua participação na formação dos baianos e na formação da cidade do Salvador.
10/12/2011 14:53:55	Manuel da Nóbrega	Contribuíram na fundação de cidades, fundaram colégios e atavés da catequese impuseram a ideologia cristã a milhares de índios e negros. A contribuição de Padre Manuel da Nóbrega foi a basa para a educação na colonia e nos legou preciosas e raras informações quer sociais quer antropológicas, quer econômicas para o entedimento e compreensão de salvador no século XVI e do Brasil/Colônia como um todo.
10/12/2011 15:10:01	Índios Tupinambás	Ouve algumas mudanças porque os indígenas não conheciam classes sociais como a do homem branco. Todos tinham os mesmos direitos e recebiam o mesmo tratamento. A terra, por exemplo, pertencia a todos e quando um índio caçava costumava dividir com os habitantes de sua tribo. O índio se via duplamente despojado daquilo que lhe pertencia, suas terras e sua liberdade. A revolta era inevitável.

10/12/2011 12:15:05	Belchior Gonçalves	<p>tinha como função armazenar as armas e as munições e tinha como Proposito garantir os colonizadores da da metrópole portuguesa.</p>
10/12/2011 12:46:56	Domingos Rodrigues	<p>O muro foi construído para a defesa da nova cidade assim como a segurança de seus novos habitantes, os materiais utilizados na construção do muro foram taipa sem cal ou o mesmo de terra socada, e durou menos de 19 anos segundo a afirmação de Gabriel Soares de Souza não se ter memória da posição dos muros da cidade primitiva.</p>
07/12/2011 16:45:17	Fernão Dias	<p>Os produtos eram material de construção, munição de guerra,mantimentos, farinha de peixe, o carvão vegetal, a cal e telhas. Chegavam de canoa, a ubá dos índios, em barcos a velas e em caravelões. Serviam para dar continuidade as obras da cidade e para suprir as providências defensivas da nova fortaleza e povoação.</p>
07/12/2011 17:17:45	Belchior Fernandes	<p>A sua extensão era de 366 mts o lado da terra, 366 mts o lado do mar, 99 mts o lado do sul e 269 mts o lado norte. As duas portas chamavam Porta de Santa Luzia ao sul e a Porta de Santa Catarina ao norte.</p>
07/12/2011 17:47:30	Escravo	<p>Os escravos eram trazidos da Guiné. A contribuição para a formação social e cultural foi a presença da mulher negra na culinária e, na cultura baiana, foi inevitável que na cozinha, nos contos e idéias religiosas da Bahia entrassem numerosos elementos africanos.</p>
<b>Aluno Ivanildo = 11 respostas</b>		
12/12/2011 16:05:44	Diogo Muniz	<p>chamou-se inicialmente de hospital Nossa Senhora das Candeias.ele tinha uma importancia extraordinaria por ser o unico hospital daquele lugar,esse hospital era composto por fisico cirugião e um farmaceutico,estava localizado ao norte da porta de Santa Catarina,provavelmente no que nos chamamos hoje de praça da sé,no caminho que dava para o colégio dos jesuitas.certamente localizado hoje na Santa Casa da Misericórdia</p>
12/12/2011 16:13:09	Caramuru	<p>Ele foi responsável em pesquisar o lugar adequado para edificar a cidade de Salvador,a mando do governador Tomé de Souza,ele contribuiu se casando com a filhas do chefe da tribo Tupinambás,tendo quatro filhos e foi uma peça fundamental pacificadora entre os índios e os colonizadores.</p>

12/12/2011 16:40:24	Escravo	<p>Os primeiros escravos foram trazidos por Martim Afonso de Souza na data de 1530 para a capitania de São Vicente,esses escravos foram originário de guiné. eles participaram das obras do colégio jesuitas. a função da mulher não era só trabalhar elas tambem servia para satisfazer os desejos dos colonizadores já que eles não traziam as suas mulheres e dai nasceram os primeiros mestiços</p>
12/12/2011 16:58:44	Índio Tupinambá	<p>É mais uma injustiça contra os índios, eles foram escravos e trabalharam muito, não só por quer era escravo, ele negociava com os portugueses nas feiras esse pensamento com os índios se deu porquer a agricultura dos índios era de subssistencia eles so plantavam e caçavam ou pescava só o necessario para o seu consumo ou da tribo.</p>
08/12/2011 17:12:50	Belchior Fernandes	<p>1100 metros. 366 para ao lado da terra e 366 ao lado do mar 99 metros para ao lado do sul e 269 para o lado do norte Santa Luzia ao sul, Santa Catarina ao norte</p>
08/12/2011 23:04:59	Fernão Dias	<p>Os Produtos exposto pelos portugueses são :pente ,espelho,machado,anóis etc. pelos os índios era trazidos por canoas e caravelõesa ubá dos índios, pelos portugueses os materias de construcões era levados 'por carros de bois,vinham de portugal e serviam os colonizadores portugues</p>
09/12/2011 00:55:01	Luis Dias	<p>era o ponto mais alto da costa ,agua boa ,clima bom,tinha a melhor baia propria para as manobras das embarcações.reuniu-se um pequeno conselho presidido por Tomé de Souza e composto por Antonio Cardoso de Barros, Pero Gois, Pero Borges, Caramuru, Luis Dias, depois o governador ordena a Caramuru faça uma inspenção pela região, dias depois caramuru volta com a sua pesquisa : era um lugar de a porto em baixo apropriado para atracar os navios, terra ao alto que dava ampla visao .assim foi criada a cidade</p>
08/12/2011 18:33:59	Domingos Rodrigues	<p>Para se defender dos ataques estrangeiro, principalmente dos franceses. os materias utilizados foi com taipa se cal e o muro durou dezenove anos aproximadamente</p>
19/12/2011 23:37:34	Tomé de Souza	<p>O que acontecia naquela época foi que Portugal se viu obrigado a apressar a fundação da cidade do Salvador, pois existiam outras nações que lhe ameaçavam constantemente (Inglaterra, Holanda e França) , dizendo que só reconheceriam a posse das novas terras que efetivamente estivessem ocupadas. Assim o Brasil se tornou a principal colônia da coroa portuguesas.</p>

19/12/2011 23:39:36	Índios Tupinambás	Descordo até mesmo pela a historia indígena eles trabalharam muito em um certo periodo como escravos, eles negociavam os seus produtos, eles só não aceitava era ser escravos e que não maltratasse os seu povo.
08/12/2011 17:04:21	Belchior Gonçalves	Para armazenar armas e munições, destinados para garanti os propositos dos colonizadores da metropolis portuguesa
<b>Aluno Jorge Raimundo = 11 respostas</b>		
10/12/2011 16:10:15	Tomé de Souza	Porque oferecia condições que constituia-se numa referência para os navegadores, tornando-se um dos pontos mais seguro, conhecido e visitado do nosso litoral. Por essa e outras razões, Salvador foi escolhida como sede do Governo Portugues no Noivo Mundo.
08/12/2011 14:53:33	Diogo Muniz	Primeira resposta; Hospital de Nossa Senhora das Candeias, era muito importante por ser o único local onde se podia tratar dos doentes nestes primeiros tempos da fundação da cidade. Segunda resposta; O prédio da Santa Casa de Misericórdia.
08/12/2011 15:14:42	Luis Dias	Primeira resposta; Porque se tratava de um local que reunia às condições requeridas para abrigo seguro e a correta manobra das embarcações. Segunda resposta; Reuniu-se um pequeno conselho presidido por Tomé de Souza e composto por Vários Conselheiros para decidir o local da construção da fortaleza.
08/12/2011 15:23:30	Padre Vicente Rodrigues	GLOSSÁRIO Tainá, túba, aóba, abi, jaépepó, opá, oiepé, muserúka, osémo, sy. criança, pai, roupa, agulha, panela, acabou-se, um, batizar, nasce, mãe.
08/12/2011 15:38:17	Índio Tupinambá	Não concordo, porque os índios não eram preguiçosos, só não estavam acostumados a esse trabalho de imposição , apenas trabalhavam para a sua subsistência.
08/12/2011 15:53:47	Caramuru	Desempenhou um papel importante na fundação da cidade do Salvador, pacificando os índios e auxiliando ao governador Tomé de Souza na escolha do local mais adequado para a construção da cidade.

08/12/2011 13:24:42	Escravo	Primeira resposta; Eram trazidos da Guiné. Segunda resposta; è o papel preponderante exercido pela mulher negra na culinária e cultura baiana. Por falta de mulheres portuguesas neste período inicial de fudação da cidade, os colonos viam como uma das alternativas viver com escravas ou pretas forras, constituindo uma prole bastante numerosa de mestiços.
08/12/2011 11:55:17	Belchior Fernandes	Primeira resposta: 1100 metros, sendo 366 metros para o lado de terra, 366 metros para o lado do mar, 99 metros para o lado do sul, vértice de conformação da cidade, e 269 metros para o lado norte, sua base. Segunda resposta: Porta de Santa Catarina; Porta de Santa Luzia. Terceira resposta: Porta de Santa Catarina, ao Norte no início da rua da Misericórdia; Porta de Santa Luzia, ao Sul, no vértice do triângulo fortificado.
08/12/2011 13:01:18	Fernão Dias	Primeira resposta; Materiais de construção, munição de guerra, mantimentos, farinha de peixe, o carvão vegetal, a cal e as telhas. Segunda resposta; Através de canoa, a ubá dos índios, em barcoa a vela e em caravelões. Terceira resposta; Parte dos produtos eram fornecidos pelos portugueses e a outra parte eram fornecidos pelos índios. Quarta resposta; Serviam para dar continuidade às obras da cidade e ainda suprir as providências defensivas da nova fortaleza e povoação.
08/12/2011 11:19:48	Domingos Rodrigues	Primeira resposta: Como uma quetão de defesa da nova cidade, assim como a segurança de seus novos habitantes. Seguna resposta: Taipas e madeira. Terceira resposta: 30 anos
08/12/2011 10:23:20	Belchior Gonçalves	Primeira resposta: Armazenar as armas e muniçãoea. Segunda resposta: Destinadas a garantir os propósitos dos colonizadores da metrópole portuguesa.

Aluna Alessandra da Conceição = 13 respostas

09/12/2011 11:10:19	Padre Vicente Rodrigues	Abacaxi- fruto cheiroso; Aaru- bolo preparado com tatu moqueado; Açã- gritar; Amerê- fumaça; Abiba- namorado, noivo; Aboi- minhoca; Abaçai- espiritu maligno, pessoa que persegue; Mara- mar; Manu- morto; Anga- alma; Caci- dor.
------------------------	----------------------------	---

09/12/2011 11:27:34	Manuel da Nóbrega	Contribuíram basicamente em tudo desde a promover uma aproximação entre os dois povos, até a influencia-los na crença religiosa, no modo de se comportar, pensar e agir, enfim a Companhia de Jesus foram responsáveis pela civilização indígena; desde modo transmitiu para os outros povos uma nova imagem da comunidade indígena, que foi fundamental para formação da nova cidade.
09/12/2011 11:33:51	Índios Tupinambás	Os homens brancos passaram a depender da experiência e da agilidade dos indígenas para contruir e também desbarvar a região , e só a partir desses acontecimento os portugueses passaram a absorver alguns traços da cultura indígena como: alguns costumes, palavras e principalmente os pratos típicos.
09/12/2011 11:40:16	Caramuru	Sua existência foi de grande importância, pois ele agia como pacificador entre os índios e o governador e também foi o responsável pela escolha do espaço onde a cidade foi fundada.
08/12/2011 16:12:54	Belchior Gonçalves	Essa construção tinha como função armazenar as armas e munições e era destinada os proposito colonizadores da metrópole portuguesa.
08/12/2011 16:27:08	Domingos Rodrigues	Esse Muro foi criado com a função de proteger os novos habitantes da cidade; na sua construção foi utilizado taipa grossa, e sua duração foi menos de 20 anos.
08/12/2011 16:34:17	Belchior Fernandes	A extensão era 1100 m, sendo 366 metros para o lado de terra; 366 metros para o lado do mar; 99 metros para o lado do sul; vertice de conformação triangular da cidade; 269 para o lado norte, sua base.
08/12/2011 16:43:43	Fernão Dias	Eram materiais de construção, armamentos de guerra, farinha de peixe, mantimentos, carvão vegetal, a cal e as telhas, essas vinham por mar desembarcando na Ribeira das Naus, depois eram conduzido do porto para a cidade alta por carros de bois pelo caminho do carro.
08/12/2011 16:54:39	Escravo	Os primeiros escravos vieram da cidade de Guiné, sua presença foi de grande contribuição, pois, eles originavam-se de culturas mistas, as mulheres contribuíram também com os todes culinarios e os homens com agilidade com os trabalhos pesados; tudo isso foi fundamental para a formação social e cultural.

08/12/2011 17:09:01 Índio Tupinambá

Não concordo, pelo fato de que quando os colonizadores chegaram aqui encontrou os índios que estavam acostumados a trabalhar apenas para adquirir produtos para a sua sobrevivência e por se recusar a satisfazer as suas expectativas chamou de preguiçosos e como não tinham o hábito de dialogar usavam das forças e técnicas que lebramam os costumes dos animais, e por isso foram considerados selvagens.

08/12/2011 17:22:22 Diogo Muniz

Inicialmente se chamou Hospital de Nossa Senhora das Candeias. era muito importante pois, eram o unico espaço onde as pessoas poderiam ser atendidos e ja contava com dois profissionais um medico e um enfermeiro. e atualmente pode ser relacionado como a construção da Santa Casa de Misericórdia.

08/12/2011 17:34:37 Luis Dias

Primeiro foi criado uma comissão e caramuru foi escolhido para encontrar um lugar ideal para fundar a cidade, esse espaço foi escolhido pelas seguintes características: porto em baixo, apropriado a acomodação das embarcações, terras levantadas que possibilitava uma visão total da Baía de Todos os Santos, um bom ar, uma estrutura natural favorável a defesa e muita madeira que poderia ser utilizada nas construções.

08/12/2011 17:48:01 Tomé de Souza

As dificuldades de comunicação, a escassez de recursos e a extensão territorial dificultavam muito a consolidação do sistema de capitânicas hereditarias; diante disso o governo português necessitava conceber um novo sistema administrativo no Brasil capaz de resolver esses problemas, assim organizou uma comissão com a tarefa de fundar a cidade de Salvador.

#### Aluna Ana Carla Pereira = 12 respostas

08/12/2011 17:44:59 Índio Tupinambá

Não. Pois o índio estava acostumados a viver livres, quando perde a liberdade e fica obrigado a fazer coisa que não fazem parte de sua cultura, então ficam revoltados. E não são preguiçosos como citei em cima, eles não estavam acostumados com a ser domados e escravizados.

- 08/12/2011 18:15:21 Manuel da Nóbrega  
 propagar a fé cristã pelo mundo, levar educação e pacificar os conflitos entre índios e brancos. Manuel deixou as cartas que mostrava relatos dos acontecimentos ocorridos naquelas épocas.
- 08/12/2011 18:33:22 Tomé de Souza  
 Devido os grandes interesses de outros países sobre o Brasil. A Corte Lusitana se vi obrigado a planejar uma forma eficiente de colonizar e administra o Brasil.
- 08/12/2011 16:20:42 Domingos Rodrigues  
 A muro alem propósito de defesa, às muralhas também serviam para conter os habitantes dentro dos limites da cidade, controlando a maneira como estes deveriam se relacionar com os indígenas. Os matérias era Taipas grossas. O muro durou menos de 20 anos
- 08/12/2011 16:35:29 Luis Dias  
 Os argumentos que justificavam tal escolha eram: porto em baixo apropriado a acomodação dos navios, terra levantada oferecendo ampla visão da Baía de Todos os Santos, fontes abundantes ao redor, ares salutíferos, muita madeira para construção, características naturais favoráveis a estratégias de defesa. Tomé de souza pede que Caramuru escolha um lugar que tivesse todas as características esolhida pelo conselho, depois ele reuni novamente com o coselho e aprovar o local.
- 08/12/2011 16:57:08 Caramuru  
 Ele facilitou o contato entre os índios e os primeiros missionários e conquistadores que aqui estiveram . E desempenhou um papel importante na fundação da cidade do Salvador, pacificando os índios e auxiliando ao governador Tomé de Souza na escolha do local mais adequado para a construção da cidade.
- 08/12/2011 14:53:48 Diogo Muniz  
 Hostipal Nossa Senhora das Candeias. Sua importancia foi fundamental pois servia para tratar dos doentes nos primeiros tempos da fundação, e tinha um corpo tecnico especializado. A Santa Casa de Misericórdia esta relacionado com a construção de 1549.

08/12/2011 15:17:24	Escravo	negros da Guiné fornecido pela Mornaquia Real Portuguesa, uma das contribuição foi fornecida pela mulher negra no campo da culinaria e cultura baiana. Os costumes, a origens ,caracteristica foram traços marcantes para a formação social de Salvador
08/12/2011 15:31:55	Belchior Fernandes	Aproximadamente 1100 metros, sendo 366 metros para o lado de terra; 366 metros para o lado do mar; 99 metros para o lado do sul, vértice de conformação triangular da cidade, e 269 metros. Ao Norte ficavam a Porta de Santa Catarina. Ao Sul, a Porta de Santa Luzia .
07/12/2011 17:18:51	Padre Vicente Rodrigues	Ajeru: ajuru, Akag: cabeça, Amana: amanda, chuva, Cari: o homem branco, Landê: você, Ita: pedra (itaúna), Parário, Poti: camarão, Raira: filhos, Una:preto
07/12/2011 17:52:09	Belchior Gonçalves	tinha como função armazenar armas e munições destinada a garantir os propositos dos colonizadores de metrópole portuguesa.
07/12/2011 18:06:48	Fernão Dias	materias de constuções, munição de guerras, mantimentos, farinha de peixe, o carvão vegetal, a cal e as telhas vinha por mar. e desembracava em Ribeira das Naus. Os produtoa alimenticios servia como sustendo dos colonizadores o que servia para dar continuidade as obras da cidade destinado a nova fortaleza e povoação.

**Aluna Pâmela = 13 respostas**

08/12/2011 17:23:48	Padre Vicente Rodrigues	os tomoios, os temiminós, os tupiniquins, os potiguaras, os tabajaras, os caetes, os amoipiras, os tupinás, os aricobés.
08/12/2011 17:35:18	Caramuru	participou das reuniões para discutir o ponto onde deveria ser construída a cidade. incubido de questionar junto aos moradores quanto ao local, caramuru entrevistou junto aos tupinambás para a retirada dos mesos do local.
08/12/2011 17:46:06	Índios Tupinambás	o índio contibui sobremaneira para o crescimento e formação da nova sociedade que se delineava introduzindo na cultura do colonizador habitos, costumes, palavras, e generos alimenticios. colaboravam da forma mais eficiente na fundação e construção da nova cidade.

08/12/2011 17:48:43	Índio Tupinambá	os índios possuíam costumes que divergem totalmente do europeu trabalhavam apenas para a sobrevivência. os europeus denominavam de estranhos selvagens e bárbaros todos os que não compartilhavam da sua cultura.
08/12/2011 17:57:24	Manuel da Nóbrega	a companhia tinha a função de pregar e propagar a fé cristã pelo mundo. a companhia de Jesus teve como expoentes máximos, o padre Manuel da Nóbrega e José de Anchieta. Impuseram a ideologia cristã a milhares de índios e de negros além do que auxiliaram na fundação de cidades, fundaram colégios, e mantiveram junto com a burocracia estatal portuguesa o controle da colônia. Ele contribuiu não apenas com a catequização dos índios, mas foi a base para a educação da colônia.
08/12/2011 18:29:59	Tomé de Souza	neste contexto histórico é analisado as atividades mais rentáveis como o lucro com as especiarias indianas, o comércio com a China, as feitorias e o tráfico de escravos e pedras preciosas na África, à produção de açúcar na ilha de Madeira, Cabo Verde e São Tomé, tudo isso já plenamente consolidado exigia da corte portuguesa pleno envolvimento náutico e de contingente humano, também conhecendo a língua e costumes dos nativos facilitou o contato do trabalho entre eles.
08/12/2011 17:04:26	Escravo	vindos da Guiné. Os negros trazidos para o Brasil procediam de diversas tribos e reinos, os iorubas, jejes, tapas e hauças, entre os bantos; os angolas, bengalas, manjolos e moçambiques.
07/12/2011 15:48:38	Belchior Gonçalves	tinha como função armazenar armas e munições destinadas a garantir propósitos colonizadores da metrópole portuguesa.
07/12/2011 16:23:11	Domingos Rodrigues	Para conter os habitantes dentro dos limites da cidade, controlando a maneira como estes deveriam se relacionar com os indígenas. Quanto ao regimento de construção, o primeiro muro foi de taipa sem cal, depois foram construídos outros muros, estes feitos de boa e grossa taipa de barro, porém elevados, um pouco altos para a taipa sem cal. Estavam concluídos em dezembro de 1550.

- 07/12/2011  
16:47:35 Fernão Dias Os portugueses expunham machados, tesouras, anzóis, pentes, machados, espelhos, carapuças, dentre outros produtos. o intenso transporte de mercadorias, entre a praia dos pescadores e a vila do pereira, se fazia com canoa , a ubá dos índios em barcos a vela e em caravelões. eram produtos alimentícios comercializados nas feiras tão necessários ao provimento da subsistência dos colonizadores.
- 07/12/2011  
16:53:04 Belchior Fernandes media aproximadamente 1100 metros, sendo 366m para o lado de terra; 366 p/a o lado do mar; 99m p/a o lado de sul. vertice de conformação triangular da cidade e 269 p/a o lado norte, sua base. entradas - porta de santa luzia - ao sul e a de santa catarina - ao norte.
- 07/12/2011  
17:25:41 Diogo Muniz chamou-se inicialmente Hospital Nossa Senhora das Candeias. a sua importância reside no fato de ser o único local onde se podia tratar dos doentes nestes primeiros tempos da fundação da cidade, já contando com um corpo técnico especializado: um médico e um farmacêutico.
- 07/12/2011  
17:30:01 Luis Dias o local escolhido, porto em baixo apropriado a acomodação dos navios, terra levantada oferecendo ampla, visão da baía de todos os santos, fontes abundantes ao redor, ares salúferos, muita madeira para construção, características favoráveis a estratégias de defesa.

**Aluna Ana Márcia = 13 respostas**

- 08/12/2011  
16:38:23 Belchior Fernandes Media aproximadamente 1100metros ;sendo 366 metros para o lado da terra ,366 metro para o lado do mar ,99 metros para o lado do do sul .Chmava-se Porta de Santa Catarina localizaddo no Norte e Porta de Santa Luzia localizada no sul.
- 08/12/2011  
16:57:16 Padre Vicente Rodrigues Ajubá - amarelo, amajé -mensageiro, akag -cabeça, camb- peito, cari homem branco ,iande você, peva peba ,yami noite ,abá ser humano xumame ximana.
- 08/12/2011  
17:15:38 Tomé de Souza Por meações emergentes ,pois portugal foi forssado a ocupar as terras para não perde-las para França~e Holanda.

08/12/2011 17:29:02	Manuel da Nóbrega	Impulseram as ideologias cristã ,ou seja suas crenças indígenas . No século XVI ele catequisou e legou preciosas e raras informações sociais e econômicas para entenderem a compreensão de Salvador.
08/12/2011 17:58:22	Luis Dias	uma condição entre eles Caramuru que foi o escolhido para definir o melhor lugar ,esse lugar tinha as seguintes características: porto em baixo ,apropriado a ampla visão ,fonte abundante ,ares salutíferos,características naturais favoráveis e estratégias de defesa.
08/12/2011 18:16:57	Índios Tupinambás	O índio contribuiu de maneira para o crescimento e formação da nova sociedade que se delineava ,introduzindo na cultura do colonizador hábitos costumes,genero alimenticios ,colaborando de forma eficiente para a formação da nova cidade,
08/12/2011 18:23:37	Índio Tupinambá	Possuíam costumes que divergem totalmente dos europeus ,trabalhavam apenas para a sobrevivência e denominavam de estranhos selvagens ,barbáros e todos que não compartilhavam na sua cultura.
08/12/2011 15:59:30	Fernão Dias	Materiais de construção munições de guerra ,mantimentos ,farinha de peixe ,carval vegetal a cal .Chegavam de canoas ubá barco,vela e em caravelões ,provinha da substancia dos colonizadores,e serviam para dar a substância dos colonizadores e serviam para dar continuidade a cidade.
08/12/2011 15:29:04	Belchior Gonçalves	De armazenar armas emunições ,com o proposito de garantir os colonizadores da metropolis portuguesa.
08/12/2011 15:37:02	Domingos Rodrigues	De taipa grossa de barro sem cal,pedra e madeira .durou trinta anos
08/12/2011 14:42:29	Escravo	Guiné,Bissau , e Cacheu e Costa da Mina,.Segundo Tavares os escravos auxiliaram para a construção do Colégio Jesuíta ,segundo Cris--ovão trouxeram os escravos para servir na ferraria e no armazem, trazendo mulheres portuguesa e negra para trabalhar na culinaria baiana.

08/12/2011 14:59:11 Diogo Muniz Nossa Senhora Das Candeias ,sua importancia era que só existia ele naquela época .sim a Santa Casa De Misericordia.

08/12/2011 15:09:13 Caramuru Si,teve sua função na cidade ,auxiliou e pacificou os índios ao governador Tomé de Souza nas escola do lugar mais adequados para a construção da cidade ,consequimanter os índios em contato com os primeiros missionario e conquistadores e impediu a expulsão de Francisco pereira.

**Aluna Rosimeire = 2 respostas**

08/12/2011 16:47:46 Belchior Fernandes Aextensão de 1100 metros. Sendo 366 metros para o lado da terra , 366 metros para o lado do mar , 99 metros para o lado do sul ,e 269 metros para o lado norte. Santa Luzia e Santa Catarinaao norte.

08/12/2011 17:27:47 Fernão Dias Os portugueses traziam machados,munições etc. Os índios traziam animais que caçavam , peixes, mel , cestosetc. Chegavam de barco a vela ,em caravelões e carro de boi. De Portugal e da Praiados Pescadore. Serria trocados.

**Aluno Antônio Roque = 13 respostas**

08/12/2011 16:30:39 Padre Vicente Rodrigues Amanara= dia chuvoso Amerê= Fumaça Andira=Morcego Banga= Torto, Virado Curumim= Menino Etá= Verdadeiro Garapa= Caldo de cana Ipitanga= Rio vermelho Japira= Mel Paba= Terminar

08/12/2011 16:35:07 Índio Tupinambá Não! Selvagens e preguiçosos eram eles. Aqui chegando eles encontraram um povo pacifico e que vivia sua cultura, eles queriam impôr seus costumes e queriam que os nativos trabalhassem no lugar deles.

08/12/2011 16:55:15 Caramuru Sim! pois teve quatro filhas com uma nativa chamada paraguaçu. Ele foi um interprete entre os missionarios e conquistadores.

08/12/2011 16:58:58 Índios Tupinambás Sim, foi apartir dai que começou a nossa missigenação.

08/12/2011 17:12:28 Tomé de Souza Portugal em parte foi forçada a ocupar as navas terras, pois tinham o risco de perde-las para outros países, como Holanda e França. Assim foi denominado um governador para o Brasil.

08/12/2011 17:25:11	Manuel da Nóbrega	Eles impuseram sua crença a milhares de índios Nos legou preciosas e raras informações, quer sociais, antrpologicas e econômica
07/12/2011 19:46:31	Domingos Rodrigues	Era um sistema de defesa e exclusão, o material usado foi o de taipa grossa de barro, e teve uma duração de mais ou menos dois anos.  1,100 metros, sendo 366 metros para o lado de terra; 366 metros para olado de mar, 99metros para o lado sul e 269 metros para o lado norte. A porta de Santa Catarina era localizada ao norte e a porta de Santa Luzia ao sul.
07/12/2011 20:03:19	Belchior Fernandes	Os portugueses traziam machados, tesouras, espelhos, pentes, anzois etc.. Os índios por sua vez traziam , pexes, farinha, mel, cestos e outros tipos de alimentos para fazerem o escambo e interagirem. As mercadorias chegavam de carro de boi, barcos, canoas e caravelões., ubá dos índios etc.
07/12/2011 20:21:31	Fernão Dias	Porto baixo apropriado a acomodação dos navios, terra levantada oferecendo ampla visão da Baía e Todos os Santos, muita madeira para construção e caracteristicas naturais a estrategia de defesa. O governador mandou Caramurú fazer uma inspeção pelas redondezas e levar sua opinião.
07/12/2011 20:44:06	Luis Dias	Hospital Nossa Senhora das Candeias. Era para atender a população. Presume-se que é hoje a santa casa de misericórdia.
07/12/2011 20:59:21	Diogo Muniz	
07/12/2011 21:10:11	Escravo	Vieram de Guiné. Contribuíram com seus costumes ,crenças, alimentos etc.
07/12/2011 19:11:48	Belchior Gonçalves	Servia como paiol das armas e munições, assim garantindo a segurança e guardas dos colonizadores e da cidade.

**Aluna Jordânia dos Santos Costa = 1 resposta**

08/12/2011 15:11:05	Belchior Gonçalves	a casa da pólvora tinha a função de armazenar as armas e munições, destinados a garantir os propósitos colonizadores da metropóle portuguesa.
------------------------	-----------------------	--

**Aluna Mônica Vitorino = 13 respostas**

- 08/12/2011 15:02:17 Padre Vicente Rodrigues
- Aimirim: formiguinha Airumã: Estrela d' alva Baquara: sabido Cabloco: mestiço de branco com índio Carioca: casa do branco Etê: bom, honrado, etc. Guarini: guerreiro Ibi: terra Ig: água Pará: rio
- 08/12/2011 15:17:17 Índio Tupinambá
- Não, como o índio é preguiçoso se em uma terra sem nenhuma condição para um colonizador sobreviver, ele desenvolveu meios para caça e pescar. E mais esse povo "preguiçoso" ajudou a construir esta cidade em troca de migalhas ou de maus tratos. Na verdade selvagens foram os colonizadores que não respeitaram os índios em sua terra e tomaram posse passando por cima de tudo sem respeitar os direitos desses povos.
- 08/12/2011 16:00:45 Escravo
- Eles eram trazidos da Guiné, Costa da Mina, Angola Bengala, Monjolos e Moçambique. A função dos africanos nesse período serviram como mão de obra na construção, agricultura, ferrarias, etc. As mulheres contribuíram na culinária e por falta de mulheres portuguesas eram feitas de esposas dos portugueses, mas a principal importância foi na construção da cidade seja estrutural seja cultural .
- 08/12/2011 16:25:26 Diogo Muniz
- Hospital Nossa Senhora das Candeias. Tratava dos doentes o hospital contava com um médico-cirurgião e um farmacêutico. Hoje a Santa Casa da Misericórdia.
- 08/12/2011 16:43:38 Tomé de Souza
- Devido aos interesses de outros povos como os espanhóis nas terras brasileiras e o crescimento mercantilista, Portugal se viu obrigado a colonizar estas terras para demonstrar para os povos invasores que eles eram dono da terra.
- 08/12/2011 17:21:05 Luís Dias
- Devido às condições geográficas com altas depressões dando uma ampla visão, ou seja, as condições naturais eram favoráveis para a proteção da colônia. Formaram um conselho onde escolheram Caramuru para pesquisar e encontrar um lugar favorável para a fundação da colônia.
- 08/12/2011 17:43:02 Caramuru
- Pacificou os índios através do prestígio com eles e auxiliou o governador Tomé de Souza na escolha do local mais adequado para a construção da cidade.

08/12/2011 18:05:12	Manuel da Nóbrega	Catequizou os índios e os negros, auxiliaram na fundação de cidades, fundaram colégios e mantiveram o controle social da colônia. Através de cartas escritas temos um rico acervo com relação a ao início da colonização no Brasil.
08/12/2011 18:26:50	Índios Tupinambás	Sim. Em parte, pois, os colonizadores para evitar o constante massacre dos índios e dos portugueses criou se o sistema semanal de encontro do português com o índio. Porém o desrespeito com o índio continuou muito grande.
08/12/2011 18:56:26	Fernão Dias	Materiais de construção, munição de guerra, mantimentos, farinha de peixe, o carvão vegetal, a cal e telhas. Chegavam de canoa feita pelos índios, em barcos a vela e em caravelões. Vinham da Praia dos Pescadores e a Vila do Pereira. Para a subsistência dos colonizadores, e continuidade das obras da cidades e defender-la.
13/12/2011 23:29:19	Belchior Gonçalves	Servia para armazenar as armas e munições utilizada pelos colonizadores que dependiam delas para impor o domínio sobre os índios e defendera colônia dos invasores.
13/12/2011 23:30:56	Domingos Rodrigues	Ele foi criado para defender a cidade da invasão de estrangeiros e até mesmo dos próprios índios. Taipa grossa (barros). Ele durou menos de vinte anos começou a ser construída em 1549 e foi concluído em 1550, quando em 1569, Gabriel Soares de Souza aqui chegou não encontrou nenhum vestígio do mesmo.
13/12/2011 23:31:36	Belchior Fernandes	Aproximadamente 1100 metros, 2 metros e 20 cm de altura, 366 metros para o lado de terra; 366 metros para o lado do mar; 99 metros para o lado do sul, vértice de conformação triangular da cidade, e 269 metros para o lado Norte, sua base. Uma ao Norte e outra ao Sul, denominadas como garganta do Taboão e garganta da Barroquinha, colocada a Porta de Santa Luzia, na Praça Castro Alves e a de Santa Catarina na da Rua da Misericórdia.

## Aluna Zenaide = 13 respostas

08/12/2011 11:41:51	Tomé de Souza	Além das questões bélicas, a distância de Portugal, dificuldades de comunicação, escassez de recursos e a extensão territorial que dificultaram muito o sistema de capitanias hereditárias, o governo português precisava conceber um novo sistema administrativo para o Brasil, capaz de superar as problemas que existiam entre os índios e os colonizadores, que causaram bastante danos e prejuízos às capitanias.
08/12/2011 11:54:33	Manuel da Nóbrega	Através da catequese, impondo a ideologia cristã a milhares de índios e negros, além de auxiliarem na fundação da cidade e fundarem colégios. O padre Manoel da Nóbrega não apenas catequisou, mas foi a base da educação na colônia. Deixou cartas historiográficas em sua missão no Brasil, através das quais podemos entender e analisar, o que se passava no início da colonização.
08/12/2011 08:27:00	Padre Vicente Rodrigues	1-abaçai- pessoa que persegue. 2-abacaxi- fruto cheiroso. 3-abati- milho. 4- abói- minhoca. 5- aiba- mau, ruim. 6- amanda- chuva. 7- caci- dor. 8- ceci- mãe. 9- curumim- menino. 10- guarani- guerreiro.
07/12/2011 20:13:17	Belchior Gonçalves	Armazenar as armas e munições destinadas aos propósitos colonizadores da metrópole portuguesa.
07/12/2011 20:31:34	Belchior Fernandes	Media aproximadamente 1100 metros. Porta de Santa Luzia ao Sul e Santa Catarina ao Norte.
07/12/2011 20:46:03	Fernão Dias	Materiais de construção, munição de guerra, mantimentos, farinha de peixe, carvão vegetal, cal e telhas. De canoas, de barcos a vela e de caravelões. Serviam a subsistência dos colonizadores, dar continuidade as obras da cidade e suprir as providências defensivas da nova fortaleza e povoação.
07/12/2011 21:01:13	Escravo	Vinheram da Guiné. A mão-de-obra africana foi presença marcante na fundação e desenvolvimento da cidade de Salvador, contribuíram também para a formação da sociedade destacando o papel da mulher negra na culinária e cultura baiana.

07/12/2011 21:25:35	Luis Dias	<p>O porto apropriado pra a acomodação dos navios, terra levantada oferecendo ampla visão da Baía de Todos os santos, fontes abundantes, bons ares, muita madeira para construção e características naturais favoráveis a defesa. Tomé de souza reuniu um conselho e após algumas sugestões, ordenou a Caramuru que fizesse uma inspeção pelas redondezas, dias depois ele retornou com a solução requerida do local pra construção e o conselho aprovou.</p>
07/12/2011 21:31:59	Diogo Muniz	<p>chamou-se inicialmente de hospital Nossa Senhora das Candeias. Era o único lugar onde se podia tratar os doentes, contando inclusive com um corpo técnico especializado: um médico e um farmacêutico. O prédio da Santa Casa da Misericórdia.</p>
07/12/2011 21:44:54	Índio Tupinambá	<p>Considero selvagens com relação ao fato dos índios comerem seres humanos, mas preguiçosos não. O índio tinha a cultura relacionada com o trabalho bastante diferente da cultura européia, trabalhavam apenas para sobreviver e não para acumular riquezas como o colonizador, eles caçavam, plantavam e pescavam, isso era trabalho.</p>
07/12/2011 22:01:03	Caramuru	<p>Diogo Alvares o Caramuru foi quem recebeu a comitiva de tomé de Souza quando aportou na vila do Pereira. Sobrevivente de um naufrágio, casou com a índia Paraguaçu filha de um chefe Tupinambá. Conhecedor da lígua e dos costumes ele facilitou o contato entre os índios, os missionários e os colonizadores. Foi com a intervenção dele que os Tupinambás se retiraram do local escolhido para a construção da cidade.</p>
07/12/2011 22:18:35	Índios Tupinambás	<p>Houve muitos conflitos motivados pela diferença de cultura entre os índios e os portugueses. Os portugueses tentavam dominar e subjugar os índios obrigando-os ao trabalho escravo, criando pontos de tensão gerando embates, com perdas humanas de ambos os lados. O momento pacífico era encontrado nas feiras para vendas e trocas de mercadorias e também nas aldeias jesuísticas onde os padres ensinavam ofícios e a catequese..</p>
07/12/2011 20:07:53	Domingos Rodrigues	<p>Para a defesa da nova cidade e segurança de seus habitantes. Feito de taipa sem cal, ou seja, terra socada. Durou uns trinta anos após a fundação da cidade de Salvador.</p>